FON
FON
ANNO XXV — Nº 37
Rio, 12 de Setembro de 1931
PREÇO: 1$000

RECORDAR É VIVER

AGUA DE COLONIA

1001

R. DA ALFANDEGA, 85 – Tel. 4-0079
RIO DE JANEIRO

O PERFUME QUE RECORDA
MIL E UMA CONQUISTAS...

O CONTO BRASILEIRO

O FILTRO MILAGROSO

DE CARLOS RAMOS

— BONS dias, mestre Antão!

— Olá meu caro Asterio! Que ventos te arremessaram para aqui?

— Simplesmente o desejo de visitál-o, caro mestre. Ha muito que o não via no seu fatigante trabalho de investigações scientificas neste laboratorio.

— E' natural, meu rapaz. Neste ambiente ninguem se sente bem a não ser eu mesmo. E' uma mania como outra qualquer. Aqui tudo cheira a drogas e um joven dos teus verdes annos agrada-se mais de perfumes...

— Nem tanto, mestre. E' em nome da nossa bôa amizade que venho visitál-o.

Mestre Antão era velho amigo dos livros e das retortas de laboratorios. Por suas mãos já haviam passado algumas gerações de estudantes. Todos o amavam pelo grande talento que lhe ornava o espirito e pela consideravel dose de tolerancia que lhe dava um ar inconfundivel de bonhomia e captivava todos quantos tinham a ventura de se lhe aproximar. Asterio, rapaz de excellentes qualidades, fôra, annos antes, discipulo do velho professor de sciencias. Caracterizava-o, desde a infancia, o seu ar melancolico de individuo nervoso e timido. Dotado de algum talento, todavia não lograva vencer na vida por causa daquelle acanhamento e daquella timidez morbida que em tempos, lhe valeram a alcunha de "gazella", na vida escolar. A unica pessôa que inspirava confiança ao joven Asterio e com quem não se acanhava de abrir o coração, era o velho professor de sciencias. Conhecia-lhe o temperamento e a sinceridade com que acolhia os seus discipulos. Era a elle que recorria para beber conselhos paternaes.

.. ..

— Ah! Então é a Orlinda, a filha do commendador Martal, que tanto te preoccupa?

— Infelizmente devo confessar que sim, mestre. Nunca suppuz que eu tambem cahiria no ridiculo de amar uma mulher. Sempre fui intransigente com os apaixonados, não acreditando na existencia do amôr.

— E porque andas assim tão acabrunhado? Acredita que custo a comprehender-te, meu amiguinho. Casa-te e socegarás...

— Ah! Si isso dependesse somente da minha vontade, mestre, então não estaria aqui a apoquentál-o com as minhas lamurias. Tão certo como estou neste laboratorio, Orlinda já estaria innundando de felicidade o nosso "bungalow".

— Percebo. A pequena encheu-te de esperanças com juras de amôr e depois enfeitiçou-se pelas labias de outro, não é assim, meu caro Asterio?

— Quasi isso, mestre. Orlinda, a principio, parecia ter grande admiração por este seu antigo discipulo. Entretanto, essa admiração, que se traduzia em affectividade para commigo, diminuiu de muito desde o dia em que fui acompanhál-a a uma festa.

— Scenas de ciume talvez, não é assim?

— Não, senhor. Ao saltarmos do bonde na Galeria Cruzeiro, passámos por um grupo de "almofadinhas". Um dos do grupo proferiu uma phrase repassada de galanteios á minha amada. Tive impeto de reagir, mas não pude dominar o meu receio... Os rapazes riram-se a valer e, ainda longe, podiam-se ouvir aquellas gargalhadas de mofa. Orlinda exprobou a minha covardia e arrematou com estas palavras: "Só me casarei com um homem que saiba para quanto servem dois braços e não leve desaforo p'ra casa!". Doutra feita, estando com ella a conversar á janella de sua casa, uma noite, fui surprehendido pelo commendador que ali me escarraçou como si eu fôra um asqueroso vira-latas, promettendo arrancar-me a lingua si ousasse, outra vez, falar com a pequena. Dessa vez, tambem, tive grande vontade de reagir, mas, não obstante a minha bôa vontade, fui novamente dominado pelo maldito receio...

— Medo é o queres dizer, Asterio. Tiveste medo dos peralvilhos da Avenida, e, depois, do commendador Martal, não é verdade?

— Deve ser isso mesmo, mestre Antão. Quero crer que a minha sina é essa de viver humilhado por toda gente e enxotado de toda parte. Sou um infeliz.

— Não fiques triste, meu rapaz. Neste mundo só não existe remedio para a morte. Si tens confiança em mim, vem amanhã até cá para conversarmos. Talvez te seja util em alguma coisa.

— Perfeitamente, mestre. Não faltarei. Até amanhã!

— Até amanhã! Não te esqueças de vir.

Deixando a modesta casa do professor, o rapaz foi-se, rua a fóra, com a alma tonificada pelo optimismo do seu velho e respeitavel amigo. Tinha certeza de que iria dormir mais tranquillo essa noite, e grande esperança na sciencia do velho Antão. Ansiava por solucionar o caso mais serio de sua vida — o seu caso de amôr. Emquanto demandava o seu apartamento, não muito distante dali, parecia-lhe ouvir a todo instante: "Talvez te seja util em alguma coisa...:" Taes palavras eram como um balsamo suavizador que mãos invisiveis lhe derramassem pelo ouvido a dentro.

.. ..

— Antes de tudo, meu rapaz, quero dizer-te o seguinte: Ha vinte annos, quando em excursão scientifica pelo "hinterland" brasileiro, tive occasião de estudar os costumes dos nossos aborigenes e com elles aprendi muita coisa interessante e bizarra.

— Sim, mestre Antão, e depois?

— No campo da medicina, então, um verdadeiro assombro. Nem mesmo podes calcular. Basta dizer-te que me foi dado conhecer uma herva extraordinaria, cuja substancia opera verdadeiros milagres, não só no organismo humano mas tambem na individualidade psychica.

— Curas extraordinarias, não é assim, mestre?

— Quasi inacreditaveis, meu caro amigo. Os indigenas, segundo me affirmaram, sempre que se dispunham a lutar, serviam-se previamente de um chá extraordinario a que chamavam "quirimáu". O effeito era surprehendente naquelles homens de bronze. Dentro em pouco enfrentavam os adversarios mais temiveis com o maior sangue frio.

— Mestre Antão, o senhor não poderia arranjar-me um góle do tal "quirimáu"?

(Conclúe nas paginas 4 e 5)

O FILTRO MILAGROSO

(Continuação)

— Possúo, na verdade, um pouco do liquido milagroso, que conservo com cuidado especial em frasco hermeticamente fechado. Vou dar-te — e isso porque se trata de ti — a beber um pouco delle. Vaes experimentar uma sensação indizivel, que metamorphoseará o teu "eu".

— Oh, mestre Antão, como o senhor sabe ser bom! Nem sei como pagar-lhe tanta gentileza.

— Ora bolas! Para que servem os amigos? E' na necessidade que a gente os conhece. Com um gesto largo, o velho professor levantou-se, encaminhou-se para um armario de drogas e bugigangas, e de lá retirou um frasco bojudo, cuidadosamente arrolhado. Cada movimento do velho professor era avidamente observado pelo ex-discipulo, que parecia sentir a acção magica do maravilhoso filtro. Após ter enchido um pequeno copo com o conteúdo do frasco mysterioso, o professor extendeu-o ao rapaz, dizendo:

— Eis aqui o remedio para o teu mal. Engole-o sem pestanejar, tem fé e..., vae hoje mesmo vêr Orlinda. E era uma vez o medo...

.. ..

— Que deseja o *sinhô*?

— Falar á senhorita Orlinda.

— Ih! E' *impussive*: ella *tá* no jardim em *cumpania* do noivo.

— Que? Com o noivo? E quem é esse atrevido que ousa destruir a minha felicidade? Fala, negra do diabo!

— E' o *dotô Aruêra*, sim *sinhô*. Mas não carece me *batê*, seu Asterio. O *sinhô* hoje *tá* que *tá* mudado!

Assustada ante a attitude do moço, a preta Pancracia, antiga mucama da casa do commendador Martal, deu-se pressa em chamar o dr. José Arueira, agora noivo de Orlinda, por insistencia paterna. Emquanto aguardava-o, Asterio, a cabelleira revolta, os olhos injectados a saltarem-lhe das orbitas, exclamava:

— Ah patife! Ha muito que tenho contas a ajustar com esse "vigarista" indecente! Ha de pagar agora com juros e tudo! Sempre chegou o dia!

E a meia vóz:

— Com a bréca! Não é que estou mesmo um homem terrivel? Graças ao "quirimáu".

Neste meio tempo aproxima-se o dr. Arueira e brada:

— O' seu idiota, por que mandou chamar-me? Pensei que fosse gente e vejo agora que fui logrado. Ora bolas! Caia fóra, seu "gazella"!

— Doutorzinho de fancaria, venha p'ra cá, que lhe quero dizer que o Asterio idiota, o Asterio cretino, o Asterio burro que toda gente conhecia, já morreu. Deante da sua canalhissima pessôa se encontra um outro Asterio, que você vae sêr o primeiro a reconhecer.

— Caia fóra *seu* bebedo, antes que eu ou o commendador Martal o obriguemos a retroceder. Não perco tempo com individuos da sua laia.

— Prepare-se para levar uma esfrega, *seu* refinado ladrão! Ha muito que ansiava por deitar-lhe as mãos e entregal-o á policia.

— Si fôr capaz re...

— Repito aqui e em toda parte, *seu* "scroc". Daqui irá direitinho parar na Assistencia.

Percebendo que o noivo e seu interlocutor altercavam, Orlinda correu sobresaltada a ver de que se tratava. Perplexa, ante a scena inesperada, poz-se a gritar:

— Papae! Papae! Depressa, que querem matar o dr. Arueira! E' o Asterio, que com certeza endoidequeceu. Soccorro!

Não se fez demorar o commendador, que, acompanhado da mulher, interveiu:

— O que é isso? Que atrevimento é esse? Pancracia, passa-me dahi a tranca da porta, que eu quero desancar esse intruso. Depressa!

Dando ainda uma sacudidela no contendor, que escapulia vergonhosamente, o rapaz voltou-se para o pae de Orlinda, e sentenciou:

— Alto lá, commendador! Será defunto quem tiver o topete de me tocar. Não liquidei esse gajo asmatico, para que me não chamassem de covarde. Contento-me em ter-lhe dado uma lição opportuna.

— Com que direito vem o senhor aggredir o noivo de minha filha dentro de minha propria casa?

— Noivo de sua filha? O senhor até parece que perdeu o juizo, commendador! Eu jamais consentiria que a mulher que amo desposasse um patife de estofo desse "troca-tintas".

— Que provas tem o senhor contra o dr. Arueira?

— Não poucas, commendador. Basta dizer-lhe que, ha quinze dias, recebi carta de um tio de Minas, informando que esse doutorzinho lá estivéra, tendo grangeado a estima daquella bôa gente, para, em momento inesperado, lesal-a em não poucos contos de réis. Mais ainda: desencaminhou a filha de uma pobre viuva, fugindo em seguida. Agora, quem vae agarral-o para ajustar contas com a policia, é este seu futuro genro.

— Não comprehendo! — disse, attonito, o commendador.

— Sim, eu, o novo Asterio. Aproveito-me do momento para annunciar-lhe, e, tambem á d. Beatriz, o meu noivado com Orlinda.

— Mas isso chega a ser um insulto. O senhor me desrespeita acintosamente.

— Engana-se, cavalheiro! — redarguiu o rapaz com o indicador em riste. — Estou apenas exigindo o meu novo preço. A minha timidez de hontem não permittia que me impuzesse á consideração e ao respeito dos meus semelhantes. Agora tudo mudou: farei valer a minha vontade, custe o que custar. Para mim não mais existe bicho-homem. Não mais...

Não poude concluir as suas considerações, que foram abafadas pela vóz do commendador:

— Ah! Ah! Ah! Com a bréca! Não é que o nosso Asterio tomou mesmo um ar respeitavel? Venha de lá um abraço, meu rapaz! Folgo em saber que deixaste de sêr "maricas" e te transmudaste num homem com H maiusculo. Resta saber si Orlinda concorda com tudo isso...

— Que pergunta, papae! — acudiu a filha, com meiguice. — Fiz-me noivo do dr. Arueira, muito a contra-gosto. E' ao Asterio que sempre amei, embora em segredo.

Vejo que se esforçou por se tornar digno de mim.

Radiante de alegria, o rapaz aproximou-se de Orlinda e disse:

— Minha querida, muito obrigado! perdôa-me si fui cruel para comtigo e teus paes. Reconheço que me tornei grosseiro, mas...

— Cala-te! Não fui eu mesma que te disse, ha tempos, que "só me casaria com um homem que soubesse para quanto servem dois braços e que não levasse desaforo para casa"?

— Sim, Orlinda.

— Pois estou prompta para cumprir a promessa.

.. ..

— Bom dia, mestre Antão!

— E's tu, meu rapaz? Senta-te aqui ao meu lado. Conta-me o que tens feito desde que aqui vieste a ultima vez.

— Sim, mestre. Antes, porém, quero que adivinhe quem é que está alli do lado de fóra.

— Já te digo. E' a tua bem amada.

— O senhor é mesmo extraordinario, mestre.

— Nem tanto.

Indo até a porta, Asterio chamou pela noiva. Apoiada ao braço do rapaz, a joven entrou no laboratorio do velho professor. Ostentava um porte de rainha, tendo nos labios a alma transbordando em sorriso.

— Já conhecias mestre Antão, querida?

— De nome, Asterio. Tu mesmo já me falaste a seu respeito.

— Desculpem recebê-los aqui neste local em que tudo cheira a mofo de sciencia — redarguiu o professor, contrafeito. — A que devo tanta honra?

— Orlinda e eu viemos agradecer-lhe o bem que nos fez e tambem communicar-lhe que vamos nos casar dentro de dois mezes.

— Agradeço a participação do enlace, mas nada têem que agradecer.

— Temos, sim, mestre, e não pouco. Não fôra o "quirimáu" que o senhor me deu a beber, e certo não teria alcançado a felicidade de conquistar o coração de Orlinda.

— Ah! Comprehendo — disse o velho Antão, com um sorriso indulgente. — Preciso, entretanto, contar-lhes uma historia.

E depois de uma pausa:

O FILTRO MILAGROSO

(Conclusão)

— Foste meu discipulo, Asterio, e bem sabes que ha muitos annos me dedico a estudos philosophicos e investigações scientificas. Cheguei, por isso, a conhecer o homem com todas as suas taras. Ora, as molestias de fundo psycho-pathologico quasi sempre encontram a sua cura na psychotherapia, isto é, a influencia da suggestão sobre o espirito do paciente. Era o teu caso, meu amigo. Cresceste, fizeste-te homem, porém, em virtude de um mal desconhecido, oriundo talvez da tua infancia, trazias os nervos manietados pela phobia do médo. Não havia duvida que eras um caso "freudeano". Interessei-me, naturalmente, por ti, e procurei, com o recurso dos meus conhecimentos, combater o teu mal. Só havia um caminho: era suggestionar-te, fazendo-te acreditar na beberagem dos selvicolas.

— Sim, mestre, o "quirimáu". Não foi o senhor mesmo que me disse ter descoberto essa maravilha?

— Na verdade eu t'o disse, Asterio, mas agora, que estás completamente curado, e tens consciencia do teu "eu", quero relatar-te a verdade.

— Pois não, mestre, fale!

— O "quirimáu" que te dei a beber não foi mais que uma bôa dose de chimarrão que tive o cuidado de preparar, eu mesmo. Até agua com assucar teria produzido o mesmo effeito.

— Tem razão, mestre. Mas eu é que nunca mais me esquecerei do abençoado "quirimáu".

E, levantando-se, falou, com enthusiasmo:

— Juro-lhe que será o nome do meu primeiro filho!

A HERANÇA DA ORPHÃSINHA

De Cami

PRIMEIRO ACTO

SÓ, NA IMMENSA CIDADE!

(A scena representa uma casa de trapeiros)

O velho trapeiro (a seu filho). — A pobre rapariga que encontrámos estendida no chão e que acabamos de transportar para nossa humilde cabana, volta a si.

A orphãzinha. — Onde estou? Ah! Já adivinho, bôa gente! Encontrasteme na pequena rua deserta, onde o "Visconde arruinado" me chloroformizou.

O filho do trapeiro. — Chloroformizou?...

A orphãzinha. — Sim. O miseravel se apoderou da pequena bolsa que eu levava segura em torno do pescoço e que encerrava a ostra que me legou meu pae, antes de morrer.

Os trapeiros. — A ostra?...

A orphãzinha. — Sim, uma ostra com perola. E' uma historia triste. Escutae-me. Ha muito tempo, um antepassado de meu pae, sentado na praia de Ceylão, se preparava para comer uma ostra, quando percebeu que havia, no interior do molusco, uma perola magnifica, de tamanho sem precedentes. Já sua mão febril ia apoderar-se della, quando uma corrente de ar fez a ostra fechar-se. Todos os seus esforços para tornál-a a abrir foram inuteis. Não se podia pensar em quebrál-a, porque, nesse caso, a perola, com o choque, se pulverizaria.

"O antepassado de meu pae viveu toda a sua miseravel existencia ao lado dessa ostra, que encerrava uma fortuna, mas que não podia abrir. O pobre diabo morreu indigente e legou essa ostra com perola ao avô de meu pae, que tambem não conseguiu abril-a, e a deixou, depois de sua morte, a seu filho, o pae de meu pae. Este não foi mais feliz que os outros. Morreu na miseria, e meu pae herdou a ostra fatal. Foi então que o "Visconde arruinado", sabendo a historia da ostra, me pediu em casamento, com a esperança de conseguir o molusco fatal. Eu recusei minha mão a esse nobre Cupido. Meu pobre pae morreu algum tempo depois.

"Após haver amortalhado meu pobre pae, e de coser a ostra em uma bolsinha que pendurei a meu pescoço, parti da casa paterna. Sem um real, errei pela grande cidade, até que esta noite o "Visconde arruinado", que me seguia na sombra, me chloroformizou na pequena rua deserta e me roubou a ostra com perola. *(Começa a suspirar.)*

O filho do trapeiro. — Não chore, senhorita! Si houve um coração de aristocrata bastante covarde para despojar a orphãzinha de seu patrimonio, haverá, tambem, eu vos juro, um coração de trapeiro bastante nobre para devolver a ostra roubada á orphãzinha!

SEGUNDO ACTO

FRENTE A FRENTE!

(A scena representa um sotão)

O "Visconde arruinado" (só com a ostra). — Faz já tres annos que roubei a ostra á orphãzinha. Entretanto, ainda não c o n s e g u i abril-a. Todas as noites, desço a este subterraneo e, longe dos olhares indiscretos, faço terriveis esforços para desunir as valvulas deste molusco. Mas nada consigo.

O filho do trapeiro (surgindo). — Eis-nos, afinal, os dois, frente a frente, senhor visconde! Ao cabo de tres annos de pacientes investigações, logrei descobrir vosso mysterioso retiro. Eis-nos aqui os dois!

O "Visconde arruinado" (altaneiro). — Sabes a quem falas, trapeiro?

O filho do trapeiro. — Nada de insultos, senhor visconde! Nada de palavras inuteis: devolvei-me a ostra da orphãzinha!

O "Visconde arruinado" (audaz). — Esta ostra me pertence!

O filho do trapeiro. — Mentis! Este precioso molusco encerra o dote da orphãzinha. Além do mais, esta photographia acabará de confundir-vos. *(Mostra-lhe uma photographia).*

O "Visconde arruinado" (empallidecendo). — Maldição! A photographia da ostra! Estou perdido!

O filho do trapeiro. — Sim. Um instantaneo da ostra, que a orphãzinha me confiou para guiar minhas investigações.

O "Visconde arruinado" — Inferno! Ainda não a terás! *(Quer lançar-se sobre o trapeiro, mas este lhe vibra, com seu "crochet" de trapeiro, um golpe na mandibula, e o "Visconde arruinado" cahiu).*

O filho do trapeiro (apoderando-se da ostra). — E agora coroemos a obra devolvendo a ostra á orphãzinha.

TERCEIRO ACTO

A FELICIDADE NOVAMENTE ENCONTRADA

(A scena representa a vivenda da orphãzinha)

O filho do trapeiro. — Pobre orphãzinha! Quando lhe devolvi a ostra com perola, me prometteu que se casaria commigo no dia em que eu houver conseguido abrir as malditas valvulas do mollusco.

A orphãzinha. — Sim. Nesse dia seremos felizes. Mas ha seis mezes que a ostra está aqui e você ainda não o conseguiu.

O filho do trapeiro. — Ai! Meu pobre pae morreu em consequencia do terrivel esforço que fez para abrir a ostra com um yatagan. O infortunado, levado por seu impulso, só logrou decapitar-se, e sua cabeça cahiu sobre a ostra fatal! Quanto a mim, procuro inutilmente um meio: não o encontro. Ha dez dias que não durmo, esperando achar uma idéa. Renuncio a isso. Não posso mais. *(Mostrando o punho fechado á ostra collocada sobre a mesa).* Ah, ostra maldita!

A orphãzinha. — Oh! Milagre! Olhe! A ostra abre-se em toda a sua extensão! A preciosa perola apparece entre as duas valvas! Somos ricos! Mas, como se deu esse milagre?!

O filho do trapeiro. — Não é um milagre. Eu comprehendo tudo. Torturado pelo somno, com seu perdão, acabo de bocejar. Como o bocejo, com seu perdão, é contagioso, a ostra não poude resistir, e suas folhas se abriram em um bocejo providencial. Ah, querida orphãzinha! Afinal, poderemos casar-nos! E graças a seu dote magnifico, eu deixarei de ser um proletario, para tornar-me um senhor...

A orphãzinha (alegremente). — Do mais alto!

PANNO

O DONATIVO

De Maurice Dekobra

HAVIAM-ME aconselhado que fosse, depois do theatro, ao por russos. Disseram-me: *cabaret* Nitchevo, mantido

— Você verá, ahi, desterrado de categoria... Muitos russos que fugiram da revolução se fazem passar por gran-duques ou coroneis, mas muito poucos o são de verdade... Mas em Nitchevo você será recebido por um principe authentico, servido por um verdadeiro ajudante de campo do finado csar, e lhe tirará o sobretudo um almirante que tinha commando effectivo no Báltico.

Como experimento uma verdadeira compaixão por todas essas infelizes victimas da tormenta que dizimou seu paiz, penetrei no *cabaret* e fui sentar-me a uma pequena mesa. Minha vizinha da esquerda era uma formosa americana um pouco ébria, que obrigava a todos os que chegavam a esvaziar de um trago um copo cheio de extradry. Havia já nove garrafas sobre sua mesa.

Impoz-me tambem a mim essa attenção. Submetti-me a ella, de bom grado, e bem depressa conquistei o affecto dessa yankee communicativa. A's doze e dez, ella já me chamava *my dear*. A's doze e vinte bebia em meu copo. A's doze e meia, contava-me suas penas de amor.

— Sim; sou muito desgraçada por causa desse moço que você vê ali, junto á orchestra.

Olhei o rapaz em questão, envolto em uma casaca negra, e notei, com effeito, que tinha todas as qualidades para agradar: a cabeça prateada sobre um rosto ainda joven, uma elegancia principesca, o olhar longinquo e melancolico de um homem que soffreu e que pensa nisso.

— Que tal você acha o Danilo?

— Danilo?

— Não é esse seu nome, mas eu o baptizei assim, porque elle recorda o heróe de *A viuva alegre*... Não acha régio esse rapaz?

— Você o disse: é régio.

— Pois bem, meu querido: procuro conquistal-o desde algum tempo... Mas sem exito...

— Quem é exactamente?

— Informei-me. Seu verdadeiro nome é Boris. Era o cavalliçomór de Nicolau II. Tratava dos cavallos do imperador e era persona grata na côrte de São Petersburgo... Que differença!

Olhei novamente Boris. Algumas vezes elle se dignava lançar um olhar para minha vizinha. Quando esta lhe pedia que lhe trouxesse outra garrafa de champagne, elle a servia sem pressa, com a condescendencia de um aristocrata que se digna dar de beber aos plebeus.

A americana chamava-se Kitty.

Estava, naturalmente, divorciada e vivia da pensão principesca que seu ex-marido lhe dava.

— Não póde você imaginar quanto me agrada Danilo — confessou-me Kitty. — Já lho disse a semana passada.

— E que lhe respondeu elle?

— Disse-me, com um cynismo encantador: "Senhora, eu não me dou; vendo-me..." E' todo um grande senhor, heim?...

— E isso não lhe pareceu mal?

— Por que? Pelo menos, é um homem que não joga com as palavras, que não engana, e é franco. Meu primeiro marido era pobre. Eu, naquelle tempo, era muito rica. Casámo-nos. Isso não foi uma venda legal? A gente não se deve espantar com as palavras. Ha tanta differença entre um caçador de dotes e este cavallariço magnifico?

— Tudo está em saber o preço que exige este escravo.

— Já lho perguntei.

— E que respondeu?

— Disse-me, com uma formidavel desenvoltura: "A senhora é que tem que avaliar-me."

— E' um caso embaraçoso. Vale dez dollares ou uma perola.

— Não queria offendel-o dando-lhe preço concreto... Que me aconselha você?

— Você não póde offender um cavalheiro que se manifesta com essa clareza. Em seu logar, eu não usaria de rodeios.

— Perfeitamente... Váe ver.

Kitty chamou Boris, e, inclinando-se para elle, lhe cochichou:

— Boris, lembra-se do que discutimos a noite passada?... Quer dizer-me qual é o seu valor em garrafas de champagne?

O camareiro respondeu, cortezmente:

— Duzentas e cincoenta, senhora.

Kitty pediu-me que passasse o menú. Depois fez um rapido calculo mental.

— Duzentas e cincoenta garrafas, a cincoenta francos, são doze mil e quinhentos francos... E' caro.

— Com effeito, não é de graça...

— Reflectirei.

Cantavam, na penumbra, a velha romanza russa *Teus olhos negros*. A fumaça dos nossos cigarros subia até o tecto, pintado de estrellas, ante um icone vermelho e negro, illuminado por uma lampada.

Kitty telephonou-me oito dias depois, para offerecer-me um aperitivo, no Palace. Fui introduzido em seu salão. Quando haviamos molhado os labios na bebida gelada, eu lhe perguntei:

— E Danilo-Boris?

Kitty olhou-me estranhamente, e disse-me:

— Está feito.

— Doze mil e quinhentos?

— Nem um franco menos. Não me pesa nada.

— Não me atrevi a insistir. Kitty abriu um jornal americano para consultar o programma dos theatros. De repente, deu um salto e inclinou-se para ver melhor.

— Mas... Mas não me engano! — gritou. — Ah! Isto é formidavel!... Leia, querido amigo...

Li que havia sido organizada uma subscripção para a fundação de um hospital russo. E, entre os primeiros subscriptores, descobri: "Senhora Kitty Rashwyn, 12.500 francos."

— Mas, — exclamou Kitty — eu não mandei nada para essa obra... Vou esclarecêl-o.

Telephonou para o secretario da commissão organizadora da subscripção e deu-me o outro receptor. Ouvi uma voz que dizia:

— Sim, minha senhora... Seu donativo generoso nos foi entregue hontem pelo coronel Boris Tchernof, da parte da senhora. Além disso, amanhã, recebera v. ex. uma carta com os nossos agradecimentos officiaes...

A ESPINHA

SEM se decidir a deixar o morno aconchego do leito, Juvencio reflectia, rememorando os acontecimentos da semana e o seu feliz desfecho.

A luz do sol, tamisando-se pela renda das cortinas, invadia, timida, o quarto, esclarecendo-o docemente. Um raio, mais ousado, veiu tingir, com uma forte tonalidade fulva, os brancos lençóes da cama. Juvencio, seguindo-o com a vista, lembrou-se, então, da "inglesa". Conhecêra-a havia uma semana, quando desembarcára, vinda da Inglaterra. Trabalhando na Alfandega, tivera occasião de lhe prestar alguns serviços, attendendo-a com uma solicitude maior que a exigida pelo simples dever profissional.

Chamava-se Gladys. Desde o primeiro momento lhe interessáram vivamente aquelle ar distante, os modos aristocraticos, o oirichuvo dos cabellos e os olhos azues, serenamente azues, nostalgicos das brumas londrinas... Immediatamente, como bom carioca aguerrido em conquistas de toda casta e quilate, começára o assédio. A principio, por simples brincadeira inconsequente; depois, já preso aos louros encantos da sereia; e, tambem, por uma questão de amor proprio, pois, apesar de hábil em tatica amorosa, fôra obrigado a apresentar Gladys a dois amigos: o Sousa e o Pinto. O Sousa e o Pinto adheriram incontinenti, e cada um dos tres não poupava esforços para captar as bôas graças da esphyngetica "miss".

Ella era interessante, sem duvida. Physicamente, "um blóco de gelo nimbado de luz", na phrase do Sousa; gelo trabalhado por Phidias, accrescentamos nós. E esquisita, differente, com um geito de mulher-cysne e umas attitudes irreaes de quem se perde no mundo nebuloso das abstracções e subjectividades metaphysicas...

Por toda cidade passeiou, tendo os tres amigos por "cicerone". Na vespera, esgottadas as indefectiveis excursões em que se comprazem os "touristes", tinham ido á Quinta da Bôa Vista. Um auto vermelho, irritantemente vermelho, deixou-os numa das alamedas centraes do vasto parque. O sol batia forte. Por toda parte se espalhava uma quietude preguiçosa, accentuada aqui e ali por um ou outro vagabundo, dormitando num banco de pedra. De raro em raro, passava um casal, ruminando um idyllio burguez, com um ar tetrico de quem se ia enforcar na primeira arvore acolhedora...

O Sousa, — que, tendo sido educado num seminario duma provincia franceza, arrotava civilização, discreteou logo sobre aquelle abandono:

— E' lamentavel!... Imagine, Juvencio: a senhora, de certo, está lembrada: em Paris, ao primeiro rebate da primavera, os parques se enchem, transbordam de gente. Aqui, ninguem liga. Só estes casaes clandestinos... Eu, francamente, envergonho-me disto. Pois, — não tenho pejo em dizer, tenho esta coragem — sou aristocrata, profundamente aristocrata, não por nascimento, que isto não vale nada, mas pelo espirito, pelas predilecções. A senhora, sabe, a civilização refina a sensibilidade...

Gladys sorria, desdenhosa daquella exuberancia tropical. Era interessante o contraste que ella formava com a natureza: a luz intensa descoloria-lhe os cabellos, clareava-lhe a pelle fulva, e ella se tornava mais gélida sob a quentura do sol...

O Pinto, (portuguez, negociante em sardinhas), reçumou, sobre Lisbôa, umas coisas que ninguem ouviu. Depois, chegou-se ao Sousa:

— E' bôa!...

— Linda! — Confirmou o outro.

— Pois, olha. Queria aconselhar-me comtigo.

— Commigo? A que respeito?

— Della. Amo-a. Que me dirias si eu a pedisse em casamento?...

O Sousa enfiou. Entretanto, logo lhe voltou a consciencia da propria superioridade e foi com um sorriso entre ironico e displicente, que redarguiu:

— Fazes bem, decerto. E ella acceitando?...

— Caso-me para o mez.

— Que? Tão depressa?... E abalas para Madeira?

— Não. Para a minha quinta á beira do Tejo. Sitio de um pittoresco inexcedivel. Até pretendo lá tirar umas photographias...

— Photographias?...

— Sim, de Gladys. Vou lançar no mercado uma nova marca de sardinhas, a titulo de bonificação, para matar a concurrencia e...

— E que tem Gladys com isto?...

— E' a marca, homem: *A bella Gladys*. Hein?... Que diabo! A gente precisa homenagear as mulheres...

— Decerto. Mas, para que são as photographias?

— Ora, correrão o mundo, gravadas nas latas. Comprehendes?

— Ah!... E já lhe falaste nisso?...

— Não; será uma surpresa. E que dizes da idéa?

— Formidavel! De uma delicadeza sensibilizante...

E ficou rindo, por dentro, daquella historia da bella Gladys, — com azeite ou com tomate...

HONTEM E HOJE

Hontem ainda, orgulhosa, dir-se-ia
Que, si eu me approximasse, de repente
Um incendio de colera inclemente
No teu sereno olhar se accenderia.

Odio a ferver em alma sempre fria,
Gelo a pingar num coração fremente...
E eu a insistir, resignadamente,
Em que, apesar de tudo, venceria.

Si eu te encontrava, cheio de saudades,
Punhas no teu olhar hostilidades,
Derramavas desprezo pelo olhar.

Mas hoje o teu olhar, que aos poucos cede,
Deixa a amargura de quem se despede,
Ganha a alegria de quem vae chegar...

ALCIDES GENTIL

Conto de Eurico Nogueira França

O sol amainou. O poente vomitava golfadas de sangue, e a vida na terra soffria um collapso, no paroxismo da tarde. Gladys, enlevada, abysmava-se na contemplação da maravilha ambiente. No seu espirito dançavam as figuras dos tres homens: primeiro o Pinto, logo afastado, irremissivelmente; depois o Sousa. O Sousa... Ora, poderia ella, enfarada de civilização, ligar a um "rastaquouére"?... Queria um homem forte, um homem simples, que amasse as flôres e os passaros, que se sentisse integrado na natureza. E Juvencio? Juvencio não era forte, nem simples, não amava a natureza, nem coisa nenhuma. Mas era psychologo, tinha um olho á Balzac. Logo que se apercebeu da corda sensível da sua conquista, foi-se abeirando, cumulando de interjeições o esplendor primaveril, e erguendo, para o sol morrente, um olhar baboso de admiração... Foi a miligramma que fez pender a balança. Gladys, tocada por aquelle naturismo insuspeitado, lançou-lhe um olhar que era uma promessa. Chegando ao portão principal, de volta, combinaram um novo encontro para o dia seguinte. Então, o Sousa, que vinha atraz, com o Pinto, disse-lhe, num assomo de sinceridade:

— Meu caro, perdeste uma nova marca de sardinhas; eu, um "edelweiss" raro, para a lapella do meu "smoking"; e o Juvencio ganhou uma mulher...

* * *

Juvencio levantou-se, e, estirando os membros com um ar de indolencia satisfeita, foi até a janella. Com o olhar ainda ennevoado pelo somno, contemplou a rua já movimentada, e logo voltou para deante do amplo espelho do guarda-casacas. Uma surda exclamação escapou-lhe dos labios. Primeiro, um *ah!* de admiração quasi risonha; depois um *oh!* surpreso e contrafeito. Sobre a delicadeza do seu appendice nasal, crescera, durante a noite, uma vasta e ameaçadora espinha...

Que fazer?... A excrescencia, alterando fortemente a harmonia das feições, dava-lhe um ar burlesco á physionomia. Era, mesmo, um contratempo irreparavel. Como poderia, agora, filigranar coisas bellas ao ouvido de Gladys?... Com aquella cara, de se morrer de rir, o lyrismo seria fatalmente ridiculo... Uma pequena tão fina... Diabo! Correu á pharmacia. O boticario, ao ver o espinhaço formidando, chamou o medico. Este, infelizmente alheio a questões sentimentaes, achou de bom aviso não mexer naquillo. A's objecções apresentadas por Juvencio, elle respondeu com uma caixinha de esparadrapo, e, no pequeno rolo de fita branca, se condensaram as derradeiras esperanças do rapaz.

Em casa, travou-se uma batalha, silenciosa e heroica. Cortando, pacientemente, quadradinhos e rodelinhas, e applicando-os sobre a anti-esthetica saliencia, levou toda a manhã. Eram periodos alternados de desolação e esperança. Parecia que o esparadrapo augmentava ainda a deformação, tornando mais risivel o seu aspecto... Por fim, derrotado na luta inglória, sentou-se, abatido, á beira do leito. Pensou na tarde deliciosa que iria passar, agora irremediavelmente perdida. Nas periphrases subtis com que embalaria os ouvidos de Gladys, tocando-lhe, docemente, o coração, e colhendo, por fim, o desejado beijo... Já não a amava, apenas; era uma paixão que crescia tumultuosa, um frenesi amoroso, uma loucura... Nas sombras do quarto parecia que se destacavam os seus cabellos louros... O céo monochromico, que avistava, lembrava a pureza dos seus olhos...

Um relogio bateu tres horas; — o encontro era ás tres e meia. Oh, céos! Si não fosse a sua obstinação em ir, tudo estaria salvo!... Juvencio, num ápice, correu ao telephone e, com a voz entrecortada, pediu a ligação. A resposta veiu como um golpe de misericordia: já havia sahido... E agora? Fazel-a esperar, assim, sem um aviso, era perdel-a sem remedio... Completamente derreado, Juvencio voltou ao quarto. O espelho reflectia-lhe a imagem e o nariz, cada vez maior, vermelho, carnavalesco, com a immensa espinha plantada na ponta. Já não era uma espinha; era uma montanha, que parecia rir, sardonicamente, dos seus esforços vãos. Então, num accesso de furor insano, Juvencio arremeteu, de ponta-nariz, contra o crystal polido. Depois, inconsciente, dilacerou-se com as unhas. E ficou jogado no leito, molhando o travesseiro com um chôro amargo...

A' noitinha, foi accommettido por uma febre alarmante e por tremores de frio, emquanto o rosto inchava de modo inacreditavel, como uma bola de borracha em que se insuflasse ar... O medico, chamado ás pressas, diagnosticou uma septicimia e cruzou os braços. Marchava, a molestia, com violencia incrivel. A sciencia era impotente. E, pela manhã, fallecia Juvencio, entre estrebuchos, na peor das mortes.

Contaram, circumstanciadamente, esse fim tragico a Gladys. Ella, — natureza tão romantica!... — horrorizou-se ante uma morte tão prosaica. E, até hoje, não póde ouvir falar em Juvencio sem um estremecimento repulsivo de asco...

ENCANTAMENTO

Quem quer que os olhos descuidados ponha
Nessa que eu julgo, mais que as outras, bella
Ha de saber por que minh'alma sonha,
Soffre e delira só pensando nella.

Quando ella passa, mystica e risonha,
Meus olhos fecham-se á passagem della.
Mas, ao fulgor desta paixão medonha,
Sinto que a vejo, mais que as outras, bella.

Estranha condição, maldito fado:
— Renegar, sem querer, nosso passado
E ver um grande sonho qual espuma!

Mas tal recordação meu labio quer:
Uma bocca nervosa de mulher
E depois, e depois... coisa nenhuma.

HORACIO MENDES

Conselhos de um desgraçado

Tu, que és rico, pensa no dia de amanhã, que te poderá encontrar "remediado"...

Tu, cujas posses dão para levares vida folgada, reflecte; pois no dia seguinte terás de recorrer ao onzeneiro...

Tu, cujos credores te cercam, attenta, e não vá a aurora te encontrar na escada da igreja, a mão estendida...

Tu, pedinte, repara qual será a tua sepultura... e reza.

* * *

Quando o destino te conduzir á minha companhia neste degrão, frio, não amaldiçoes o transeunte que te não deixou cahir o nickel. Muitas vezes, nos bons tempos, ao passar por um indigente, o desejo de lhe tirar o ganho para matar a fome me atormentou...

* * *

Nunca faças máo conceito de outrem sem primeiro te consultares se tua consciencia te accusa capaz do mesmo erro: perdôa sempre.

* * *

A' mulher adultera não a recrimines sem lhe teres conhecido o marido. Faltosa, ás vezes, victima é ella...

* * *

Fica certo de que ha uma pessôa tão cheia de bellas qualidades quanto tu e te é desconhecida: a Modestia.

* * *

Acredita na sinceridade da tua mulher quando te prevenir sobre o teu amigo: ou é ella honesta e contraria as investidas delle ou o ama e não quer succumbir...

* * *

Si te causa pejo a taboa de engommar, a rotula te provocará nauseas.

* * *

Obedece, como bom filho, a teu pae, visto elle não querer que aprendas um officio; porém, procura saber alguma coisa mais util que ser "doutor".

* * *

A tua vizinha veiu contar o ultimo escandalo da casa contigua. Afugenta-a. Não só as vizinhas más, como certas amigas, fazem mais desgraças que um tufão.

Jamais profiras com emphase: "Deste pão não comerei, nem desta agua beberei". Hoje bebo a agua dos chafarizes e como as codeas da caridade...

— Dá-me tua mão!

— Não. Antes de fala[r]-s[e] com papae, não posso; seria incorrecto...

A minha infelicidade não provém da indigencia, mas do orgulho dos mendigos moraes rejeitando a sobra do meu alforge...

* * *

Nunca peças a quem vem acompanhado: — o que vier traz o insulto da inopportunidade.

* * *

A caridade não tem lar: — é anonyma como os miseraveis.

* * *

Jamais esperes a ajuda de quem não tenha soffrido... O desengano é uma lente por onde todos olham os padeceres alheios.

* * *

A desgraça é a maior victoria democratica.

* * *

Si de teus olhos as lagrimas não caem, não penses ter seccado o manancial. Espera, que dôres maiores hão de vir.

* * *

— Queres amparo?

— Procura aquelle ricaço que está louco de dôr pela perda de um ente querido.

* * *

Si o que te infelicita é um desengano amoroso, não o lamentes. Maiores desventuras tive e sou um consolado.

* * *

Só ha um homem miseravel: o teu companheiro de jornada que ama a mesma mulher que tu.

* * *

Canalha não é aquelle aleijado que furtou, da sacola do cego, o obulo, mas o que roubou nossas illusões...

* * *

Cego, não blasphemes, e crê na sabedoria de Deus! Tirando-te a luz dos olhos, Elle vedou-te o espectaculo das grandes miserias moraes que nós outros vemos...

* * *

Crê, ainda que saibas ser mentira. A fé é para a alma o que o bom vinho é para o corpo...

Adonai de Medeiros.

RENUNCIA

NA meia tinta do crepusculo, eu e minha dilecta amiguinha Clarice, recostados numa columna de marmore da sua vivenda luxuosa, conversavamos sobre mil futilidades. Subito, um silencio se fez entre nós e ella, que, havia muito o esperava, se aconchegou mais a mim e, num fio de voz, como quem supplica:

— Eu sempre gostei de ti. Desse modo que tens de andar; dessas maneiras gentis que usas para com as damas; dessa leviandade muito tua, mas attrahente como o abysmo; dessa bocca rasgada, que diz mentiras doces como mel...

Tomei-lhe as mãos bellas. Afaguei-as. Senti o calor brando que dellas emanava. Olhei seus olhos claros e vi, nas pupillas, serenas e crentes, um grande amor bolando... Mirei-lhe os contornos suaves. Devassei, como uma lente poderosissima, o seu corpo envolto em sedas caras. Admirei-lhe o talho da bocca sangrando e a fila dos dentes brancos. Tive desejos de beijar-lhe as faces novas como um grande, um infinito reconhecimento. E, após, baixei os olhos contristados. Tive pena do seu affecto! Tive dó! Por mais que eu a quizesse, o meu desejo não ia além de uma grande estima. Dessa estima casta e bôa que a gente tem pelas irmãs bôas e castas. Ella presentiu a minha dôr e, carinhosamente afflicta, implorante, continuou:

— Oh, não! Por favor! Eu te peço que não digas a verdade que vejo brilhar nesses olhos irrequietos. Essa bocca habituada a dizer galanterias mentirosas, não dirá, por certo, que não me queres. Mente mais uma vez! Que te custa? Com a mentira conservarás a illusão no meu coraçãosinho que principia a pulsar. Sem ella, dirás o impossivel de amar-me. Bem sei que pertences a outra mais feliz do que eu; a outra que melhor mereceu o teu affecto e a tua dedicação. E isso basta para minha desventura! E si m'o disseres então, esphacelando o unico bem que me resta, a minha ultima esperança voará com a minha derradeira illusão para nunca mais voltar.

Silenciei por um instante, e ajuntei, afinal, com um tom de voz muito brando, muito meigo, para não magoál-a:

— Clarice, és ideal. Tens uma plastica que Rubens invejaria. Uns olhos que nos lembram coisas do céo. E dentro dessas maravilhas physicas palpita uma alma grande e bella como noites infinitamente constelladas. Outro homem que não eu, ouvindo as palavras que disseste, divagaria sem tardança num mundo de venturas até então desconhecido. Eu te quizera santa. E de joelhos, contricto e reverente, adorar-te-ia com o que tenho de mais leal e casto, incensando-te com a minha veneração. Todavia, flôr purpurea e immarcessivel, o meu contacto material te roubaria a fragrancia e a pureza do caule, porque

De Gilberto Veiga

eu não te desejo como mulher. Queres que eu minta e dizes que isto não me custa! Queres que eu, fingindo, conserve a illusão e a esperança que empolgam teu coração de criança. Não mentirei, pois! A falta da verdade, neste caso, me traria um doloroso remorso para toda a minha vida. Bem sei, — quanto sei! — que a illusão é a mais tangivel das felicidades e a esperança o seu principal elemento. E's, porém, muito moça ainda e dentro de pouco tempo a que hoje sossobra no mar do teu amor impossivel, despontará amanhã no calor de um beijo cheio de devotamento e de ambições. O coração moço, minha querida, esquece com a mesma brevidade com que o ramo olvida a ultima aragem que o baloiçou.

"Eu não te serviria como companheiro na existencia intima. No meu peito murcharam as alegrias e feneceram o que te sacode o seio: os sonhos da mocidade.

"Tenho necessidade de uma esposa, bem o sinto. Mas de uma esposa que saiba comprehender o vazio que tenho n'alma, relevando meu nervosismo e perdoando as faltas possiveis, que não serão poucas.

"Entre nós, medeia uma distancia consideravel; com os teus 16 annos incompletos aspiras, coisa natural, outra vida embryonaria que te transporte ao idealismo que creaste. Emquanto a mim, basta a quietude de um lar modesto e devotado.

"O affecto que me tens morreria depois de alguns mezes de convivencia, somente com a maneira diversa dos nossos pensamentos. Eu sou um saturado da vida, um moço-velho; tu és um lirio que lança ao orvalho e ao sol as cinco pontas esguias do teu sonho, uma moridade trefega e radiosa. E's o dia que rompe; eu sou a tarde que esmaece. E's o passaro azul que gorgeia e saltita descuidoso por entre ramos floridos; eu sou o mocho solitario e triste que pia agoureiro nos galhos do cypreste de uma saudade infinita."

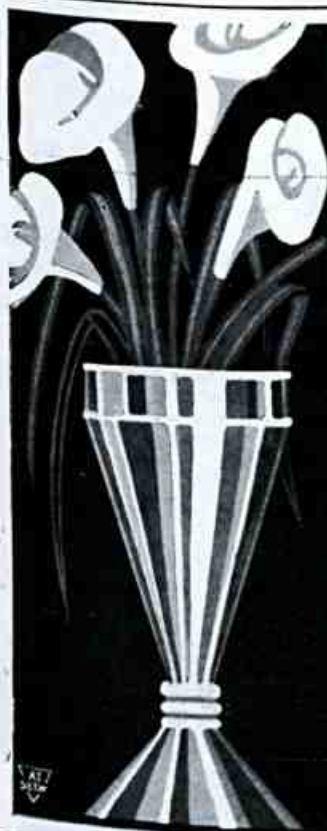
Quando terminei, as trevas haviam descido de todo. Premi o botão electrico e a vi offegante e dolorosa. Dos olhos as lagrimas corriam em fios de crystaes banhando as linhas impeccaveis da face. A bocca, carminada e linda, se contorcia em convulsões de dôr, e os dentes magnificos rilhavam-se como um navio açoitado pela borrasca, gritando na peleja do abandono, dentro de uma noite negra e tormentosa.

Entre nós, fez-se um silencio profundo. Esse silencio pesado, essa mudez enregeladora que precedem as grandes tragedias e os grandes soffrimentos...

Um criado nos veiu chamar á realidade, prevenindo-nos de que eramos esperados para jantar.

E quando, ao despedir-me, lhe estendi meus cumprimentos, ella me deu a mão fidalga a beijar, e ajuntou, com um sorriso de criança-grande, no qual pude divisar uma renuncia dolorosa e amarga:

— Sê feliz! ...

A PAIXÃO DA VIUVA

MERONART, sua mulher e eu formavamos uma verdadeira associação de tres. Mas não esse feio triangulo das operetas. Posso assegurál-o formalmente. Desde o dia em que conheci Suzana, gostei della. Mas, como Cyrano, não me atrevi a confessál-o. Nem a ella mesma. Tratava-se da mulher de meu amigo. Talvez me digam que minha falta de coragem era determinada pela paixão enthusiasta e quasi religiosa que Suzana sentia por seu marido. Ella, com effeito, o venerava, bebia-lhe as palavras mais insignificantes, espiava-lhe os menores gestos para admirál-os e commentál-os, sem descanso. A quasi certeza de meu fracasso fazia-me prudente, reconheço-o...

Ella só via em mim o amigo commodo e sem perigo, que desempenhava meu papel mudo de confidente obrigatorio. Quando estavamos a sós, falava-me sómente das singularidades admiraveis, das virtudes sem precedentes de seu marido. E eu via que Meronart trocava dessa mulher esquisita e que seu espirito grosseiro a considerava como uma coisa despresivel.

Entretanto, Meronart divertia-se com mulheres faceis e ria de sua esposa com seus amigos de farra. Eu lhe censurava a vida de orgias. Mas não queria dizer nada a Suzana. Quando ella me contava seus prazeres sentimentaes que lhe dava seu culto a esse heróe surprehendente, que eu sabia falso e má pessôa, apenas podia reter meus sentimentos. Quando, pelos abusos de toda sorte, Abel cahiu enfermo, tratámol-o com ternura infatigavel. Soffremos todas as suas fantasias despóticas. Eu desejava sua morte. Confesso-o, embora me arrependa de tal desejo. E a morte, afinal, chegou.

Enterrado Abel, meu supplicio continuou. Eu esperava que a dôr de Suzana se atenuasse com o tempo. Occorreu o contrario. As lagrimas seccaram sem apagar a recordação do morto, e quantos mais dias se passavam, tanto mais ella o elogiava. Ouvindo-a exalçar-lhe os actos, eu me lembrava de Abel, rindo como um bruto ebrio entre as mulheres alegres com quem passava as noites, e enquanto Suzana o suppunha trabalhando por ella. E assim chegou ella a dizer-me um dia:

— E como era trabalhador!... Trabalhou muito. Matou-se trabalhando para mim!...

Assim decorreram dois annos. Pouco a pouco, minha companhia resultava necessaria a Suzana, e quando julguei chegado o momento opportuno, lhe confessei meu amor. Pedi-lhe sua mão humildemente. Ella não se

mostrou surprehendida quando soube que eu a amava desde meu primeiro olhar.

— Eu tambem, Julião; eu tambem gosto de você.

Na noite de nosso casamento, ella me disse:

— Você o conheceu e o estimou. Falaremos delle e isso será um consolo e attenuará um pouco minha dôr.

Eu continuava a conter-me para não revelar a verdade a Suzana, com receio de adoptar uma posição pouco elegante e que ella não me acreditasse. Mas cheguei a sentir um ciume horrivel do morto, e meu soffrimento me decidiu a falar.

Um dia, descobri, em uma gaveta, um pacote de cartas de amor. Essa correspondencia mostrava nú a alma de Abel.

Até que, emfim, ia possuir um logar nesse coração que me pertencia.

Ella soffreria vendo-se enganada: Seria uma catastrophe

de Carlos Torquet

moral... Mas eu a defenderia e, com minha ternura, lhe curaria as chagas.

Entrei no *boudoir* de Suzana, onde ella cosia deante de um retrato de Abel.

— Perdôa-me o mal que vou causar-te — disse-lhe. — Mas ha operações dolorosas que é preciso fazer, para bem do enfermo. Lê e verás.

Ella leu. Primeiro empallideceu. Um tremor agitou-a toda. Mas depressa acalmou-se. Leu todas as cartas terriveis, atirou-as, em seguida, ao fogo, e, sorrindo, me disse:

— Ora que ingenuidade! Tu não és máo. Mas tens um espirito vulgar. Si essas cartas não são falsificadas, como receio, provam apenas que os maiores espiritos têm, ás vezes, necessidade de expansão. Eu não havia de querêl-o menos por tão pouca coisa... Tu não me conheces... Mas um homem de valor tem direito a tudo...

Elle fez-me o bastante feliz para que me offenda por uma aventura. Si com isso se divertiu meu Abel, tanto melhor. Bem merecia o pobre alguma expansão em sua vida tão austera e laboriosa. Eu sei que depois de tudo, recebi a melhor parte. Não precisava mais, e agora o quero ainda mais ao verificar que não era tão pouco humano como eu suppunha.

A despeito de, como militar, ser obrigado a enfrentar o perigo sem pestanejar, confesso que a attitude de minha mulher me produziu consideravel espanto, induzindo-me a olhar o futuro com verdadeiro pavor.

Desesperado, resolvi acabar de uma vez com minha horrivel tortura. Pedi minha demissão do exercito e, no dia seguinte, tomei um vapor para Nova-York, onde ainda resido.

SAIBAM TODOS...

LUCIA (Chile) — Lucia... O nome não me desagrada. Gosto do nome de Lucia. Maria Lucia é a personagem central do meu romance "Uma garçonne carioca", a apparecer brevemente.

Depois... Depois, o que ha de sympathico na sua cartinha é a lembrança. São gestos que me sensibilisam. Habituado a ser discutido, negado, apupado, etc. tenho surpreza e sorrio, encantado toda vez que uma creaturinha, de tão longe, se recorda de mim. Por esse motivo guardarei com carinho o seu postal, enviado do Chile a este Yves obscuro e modesto.

O postal representa a cathedral de Santiago, e nelle ha esta legenda expressiva: "Santiago — Catedral: Puerta Santa y Torre del Reloj".

A vista da capital chilena, que me envia, é magnifica. Melhor do que a minha penna sem brilho, dirá este trecho, que transcrevo do prospecto de propaganda turistica, encontrado na sua missiva:

"Santiago, visto desde el Paseo de la Herradura o desde el taio de Belvis, da la sensación de una inmensa masa de granito.

Los dias de mercado llena las calles la algazara aldeana. Los estudiantes siguen componiendo capitulos de novela picaresca. Durante el año Santo—aquel en que la festividad del Apóstol cae en domingo — las peregrinaciones trasladan la imaginación del espectador a la Edad Media.

Situada en la comarca gallega donde mejor se conservan los caracteres de la región, en Compostela se reflejan sus notas más pintorescas, y asi, no es difícil ver en los dias de afluencia campesina, el traje típico del pais usado por hombres y mujeres, oir sus canciones y observar sus costumbres.

Como en el resto de Galicia, en Santiago predomina el estilo románico; pero, no solamente éste dejó huellas profundas, sino que también posee Santiago maravillas del gótico, del renacimiento, del neo-clásico y, sobre todo, del barroco.

Comenzóse la Catedral según la "Historia Compostelana" en el 1078 y la consagración definitiva fué en 1211.

En el altar está la estatua del Apóstol. Debajo está la cripta con el arca moderna de plata que contiene sus huesos.

En las capillas absidales existen notables enterramientos y en la del Espiritu Santo interesantes esculturas."

Entro nesses detalhes porque entendo que o "saibam todos"... deve uma secção de assumptos variados, e não, apenas, um "guichet" para attender pedidos de poetastros xaroposos.

JAPONEZA (?) — Infelizmente, não posso ser amavel, como deseja, fazendo-lhe o estudo que me pede. A graphologia é uma sciencia que, pouco a pouco, se vae prestigiando entre nós. Incluida na proxima reforma policial, a ser posta em execução, ella lavrou um tento e veio demonstrar que vae ser officialisada pelos poderes competentes. E' signal de prestigio.

Mas mesmo que tal não acontecesse, eu não mais faria estudos gratuitos de graphologia. Por isso, cóbro 20$000 por exame de cada graphia e não acho que seja caro.

DÉNISE (Capital) — Aqui vae a sua carta:

"Yves. Como até agora não encontrei no "Saibam Todos" resposta á carta que lhe enviei para fazer um estudo sobre a minha pessôa (não é graphologia...) resolvi dirigir-lhe a presente para saber o motivo pelo qual não foi attendida á minha solicitação.

Esperando uma prompta resposta, sobscrevo-me attenciosamente. — *Dénise*"

Sei que não se trata de graphologia, e sim de physiognomonia, isto é, a arte de lêr o caracter pelos traços physionomicos.

A demora se justifica pelo facto de v. ex. me ter enviado traços deficientes. Não basta dizer: "Tenho olhos pequenos". E' necessario dizer: "Meus olhos são pequenos. As sobrancelhas são rectas (ou recurvas) espessas (ou finas). As pestanas, arqueadas, longas (ou não)". Emfim, todos os detalhes e dimensões do rosto, do nariz, da bocca, do cabello, do pescoço da orelha, dos labios, etc.

E' depois de estudar o conjuncto dessas minucias que podemos dizer da pessoa. Alguns physiognomistas exigem retrato. Eu, não vou tão longe. Mas peço que me forneçam elementos seguros para fazer um exame criterioso.

Em graphologia, o principal é que a letra seja verdadeira e natural; em physiognomonia é a precisão na descripção dos traços physionomicos.

Em todo caso, baseado nos detalhes que me enviou, direi o que deduzo do seu caracter. Mas não esqueça que o meu exame não é, nem pode ser, muito perfeito.

Vivacidade, vibração, espirito versátil e agitado. Fantasia exagerada. Emotividade, sentimentalismo. Cólera de facil explosão. Resolução no modo de agir. Vaidade futil, com o vestir etc. Não cultiva a arte nem as bellas letras. Mentira. Mente muito. E' demasiado agarrada ao dinheiro e ciumenta ao ponto de soffrer muito. Gósa de bôa saude. Ama as guloseimas: doces, bombons, fructas. Pretenciosa, julga-se uma creatura superior e, não raro, arma a sua intriguinha — o que aliás é muito feio. E' egoista e, por vezes, aggressiva. No amor é exaltada, mas insincera, quasi sempre. Deve ser graciosa e ainda joven.

E' preciso encontrar um homem que a comprehenda e lhe saiba perdoar certas leviandades. Do contrario, não será feliz com elle, nem com outro.

TUTÚ MARAMBÁ (João Pessôa) — Chego á redacção uma dessas manhãs cariocas, vestidas á nevoa e friorentas, de um frio impertinente que reclama agasalhos e calenturas macias. A imaginação vôa para os ambientes amaveis, para os sonhos bons, feitos de sentimento e esthesia.

Por que não vejo aqui aquelles dois olhos pequeninos e voluveis, mentirosos como os olhos de todas as mulheres bonitas e perversas? Porque?

As mãos enluvadas que eu apertaria com lentidão, num desejo incoherente de magoal-as e afagal-as... Os cabellos côr de luto, flexiveis, escorregadios como fios de sêda, perfumados a Guerlain... A face de boneca... O sorriso garôto... A bocca tentadora, appetitosa como um fructo... Tudo isso é o que a minha imaginação fantasia, nesta manhã de frio e de névoas.

Começo a passar em revista a correspondencia que encontro sobre a minha banca de trabalho. E que acontece? Um desastre: a primeira carta que abro, ao acaso, é de um poeta lamentavel.

Diz, por exemplo, o sr.:

"Caro Yves: Saudações: Sou um adorador constante de "Fon-Fon", porém "Fon-Fon" não ficaria completo, se não fosse a secção "Saibam Todos", que é dirigida, por si.

Aprecio muito a arte poetica, o que vem me rebentando o "craneo" desde á infancia!

Depois de tantos annos de luctas com o meu cerebro cheio de confusões e duvidas, é que vou "me saindo" de pouco a pouco...

Talvez que você; Yves, grite como louco: Lá vem um poéta! Soccorro! Meu Deus! Valei-me! etc...

Mais... paciencia meu amigo, eu sou um simples alumno e você será o meu amigo-mestre!

Talvez que ria muito de mim, mais você já ouviu falar na historia do menino que nasceu "burro"? Pois é uma historia muito interessante! Um menino nasceu ahi... em sua terra... e o pae... (delle já se vê) collocou-o em um collegio onde passou 8 annos sem nada aprender... é o que se dá comigo Yves!

Mais uma vez peço-lhe paciencia e lhes apresento este meu trabalho "Poema da Saudade" que, se caso for "aproveitavel" terei o prazer de vel-o publicado, não? E se não "servir" terei a alegria de receber uma critica de meu mestre Yves, e saber que meu trabalho foi ao fundo da cesta.

Sempre seu — *Tutú Marambá*"

Agora, vem a poesia:

POEMA DA SAUDADE...

Parto para longe...
Talvez, para a Eternidade...
Só sinto deixar á ti!

Morrerei não sei quando...
Sei que é breve!

Na minha solidão emocional,
Eu te deixo mil lembranças...

O amor,
Nesta dôr!

Parto...
Vou morrer...
Serenidade...

Deixo na terra meu soffrer,
Neste poema da Saudade!

TUTÚ MARAMBÁ

Francamente: não é doloroso? Não é para deixar um cavalheiro num tremendo desanimo?

E' verdade que o sr. declara as suas intenções. Sinistras aliás: vae morrer...

Por muito grande que pudesse ser a minha piedade pelo *Tutú Marambá*, não teria coragem de me interessar para que desistisse dos seus negros intentos.

E' que o poeta não inspira compaixão. Penso mesmo que seria um excellente serviço prestado ás letras do paiz o desapparecimento de poetas maus...

...E, afinal, o sr. estragou a minha manhã de enternecimento e "rêveries" indolentes...

DJÉNANE (S. Paulo) — Historiemos o episodio, que poderia ter ficado no dominio puro das digressões epistolares, si não fosse

(Cont. na pag. seguinte)

o tom acrimonioso em que me responde.

V. Ex. me escreve uma carta onde exalta o platonismo dessas jovens votadas ás renuncias do amor, que se limitam a suspirar melancolicamente e a amar através de sonhos impossiveis.

Commentando a sua missiva, na chroniqueta "Sonhadoras e platonicas", publicada na minha secção "Faianças", fiz uma *charge* innocente, a proposito do caso. Sustentei que as Djenanes já não existiam. E escrevi textualmente:

"Depois, porque não é possivel um affecto como o de Djénane — ideal, incoherente, absurdo — a não ser quando a mulher é uma fantasia e se encontra no caso da turca apaixonada.

Mesmo assim, é bom não esquecer que o amor vence todas as muralhas difficeis. O amor é forte como a morte, disse Salomão. E assim é. E assim tem sido. E assim ha de ser.

No emtanto, sei de uma pluralidade de sonhadoras platonicas — *pour épater!* — cuja preoccupação unica é viverem a personagem infeliz de Loti — a Djénane melancolica.

E' irrisorio. E' risivel.

Amar como Djénane é o mesmo que plantar o galho de uma roseira de papel na illusão de que ella dê rosas naturaes...

Pois sim."

V. ex. achou que fui cruel na resposta. Devia ter erguido um hymno ás moças sonhadoras, que se divertem em amar com a imaginação.

E responde convicta:

"...e como você foi mau!... Escarnecer da melancolia irreme. diavel das mulheres que vêm a vida, sem poder vivel-a... Das creaturas que vivem sosinhas no meio de tanta gente que não as comprehende, das mulheres escravas da sua consciencia, das pobres desgraçadas que a honestidade inata ou adquirida por convicção, transforma em sombras silenciosas, que ás vezes procuram numa alma distante uma esperança, um pouco de consolação..."

Agora, falo eu, novamente.

Não me inspira dó o soffrimento voluntario. Si eu vir, ali adeante, um sujeito subjugado por terceiros, ser obrigado a bater com a cabeça na parede, tudo farei para defendel-o das mãos dos seus algozes. Mas si é elle que deseja esse supplicio, eu me rio delle — e passo indifferente.

Não creio que a "honestidade inata ou adquirida por convicção" impeça que uma mulher possa amar e ser feliz. Si ella prefere, por egoismo ou capricho irritante,

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

considerar o amor um crime, e renuncia á alta finalidade a que se destina sobre a terra — que é ser mãe — para se transformar em "sombra silenciosa", é o caso de permanecer irreductivel, heroicamente invulneravel ao soffrimento expontaneo, que procura, e nunca se lamentar, nem querer impedir que essas attitudes illogicas, absurdas, causem riso aos espiritos sadios e alegres.

E quando digo que essas attitudes são illogicas, me estribo tão somente nesta revelação da sua carta: "as creaturas que, ás vezes, procuram uma alma distante, uma esperança, um pouco de consolação..."

Que esperança será essa? O amor, a que renuncia? E que consolação é a que deseja? Prolongar o soffrimento voluntario, que acceitou, em detrimento da nobre missão da maternidade?

Não comprehendo. Assim, com esse methodo confuso, é claro que ha de haver, como diz, "creaturas que vivem sosinhas no meio de tanta gente que não as comprehende..."

Safa! Que jovens complicadas!...

BIANCO (S. Paulo) — Caro poeta. Si o sr. saisse da Terra em direcção a Lua, montado num jaboty, talvez chegasse primeiro á superficie daquelle planeta do que pudesse fazer um soneto digno desse nome.

Quer uma prova? Eil-a:

VINGANÇA

Amei-a e me envergonho disso. [amei-a
Tal como se ama uma só vez na [vida,
Eu que fis dos seus labios uma [ceia
Onde minh'alma se tornou per- [dida...

Adorei-a, que horror! eu adorei-a
Como se adora a santa mais que- [rida.
Eu que abri nos seus braços de [sereia
A tumba eterna que não tem sa- [hida...

E o que fazer não pode o amor [sem fim
O amor perdido, o amor inutil [pode-se
Esta vingança que palpita em [mim.

Pois hei-de um dia, desta dor ao [peso.
Esmagar-lhe nós labios o meu odio
E pôr no meu abraço o meu des- [preso!...

Alceriades Luiz Bianco

JOÃO DANIEL DE CASTRO (Aracajú) — Indiscutivelmente, o povo do meu quadrante — Norte — é muito amigo de perder tempo. Vejamos o seu exemplo, caro patricio, com a sua carta de hoje:

"Caro e distincto Snr. Yves: Cumprimento-o.

Em Agosto do anno p. passado mandei-lhe uma pequena carta, onde rogava ao bom amigo, si possivel, a publicação, no "Fon-Fon", de um soneto que, intitulado Saudade, juntei á mesma cartinha.

Mezes após, tive occasião de ler, na secção "Saibam todos...", a sua solicita informação, de que "ia fazer tudo para aproveitar o meu soneto".

Como deseje uma solução, si foram ou não aproveitados os de-

casyllabos em apreço, confessa-se grato ao obséquio de uma resposta, o seu muito admirador e amigo.— *João Daniel de Castro.*"

Concluo, logicamente, que aproveitei o seu soneto. O mais pratico, porém, era o sr. enviar-me nova cópia, porque assim eu tomaria providencias immediatas.

Quer dizer, o sr. perdeu tempo á tôa.

ALMA (Capital) — A sua carta ganhou as minhas sympathias. Ella é interessante. Marca uma tregua amavel entre a leitura das missivas insipidas de poetisas bisonhas e de poetastros insupportaveis, que pedem a publicação de versos aleijados.

Vejamos o que me escreve v. ex.:

"Yves. Aqui perto de mim, vai um mundo de alegria com a festa deslumbrante do sol deste dia lindo. A minha varanda toda florida, perfumada e ardentemente beijada pelo sol, chama-me para a vida, para a alegria, para o amor.

E com a alma triste e o dia luminoso ao pé de mim, é que venho escrever a você.

Ja sentiu você essa diversidade de sentimentos em sua alma? Um dia lindo, o sol a brilhar, o céo claro, o calor da vida, o calor do amor em tudo.

E no entanto a alma se sente vasia dessa belleza, desse brilho, dessa claridade, desse calor que embriaga e alucina. A alma está como que separada da vida exterior, tão cheia de seiva e esplendor.

A minha alma se constrange nestes dias luminosos. Sente-se mais desencantada com a felicidade que vê, que sente nas outras almas que se deixam arrebatar pela belleza da vida.

Mas você está me comprehendendo Yves? Ou será que você me está julgando uma sentimental mediocre, uma melindrosa sem personalidade?

Vacilo si devo ou não continuar escrevendo. Sinto porém que você me comprehende e vou continuando a escrever...

Agradeço-lhe a atenção que me deu á semana passada. E me irá desculpar o dizer-lhe que não concordo com as suas idéas.

Com uma creatura que se amou, pode-se encontrar a felicidade mais de uma vez, desde que não tenha havido o desprezo. Cada vez que se torna a um antigo amor, encontra-se novas impressões, sente-se mais encanto e mais novidade na creatura amada. Vibra-se mais fortemente com os anseios da alma que se entrega á felicidade, embora seja ella um pouco incompleta, porque se sabe passageira. Eu, si voltasse a um antigo amor, sentir-me-ia mais feliz

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

do que quando o tive pela primeira vez. Porque eu quero aos amores renovados que nos dão sempre a sensação da felicidade. Os amores novos, o amor por um homem que vem depois do "outro", não nos deve dar aquellas mesmas sensações de encanto que são maravilhosas.

Quero que você creia em mim.

Alma"

Ora, v. ex. argumenta com uma these infantil. E' claro que si não ha desprezo em um affecto, não ha, não existe rompimento. Logicamente elle não soffrau solução de continuidade. Houve uma separação physica. Nunca uma separação de almas.

O sello de uma ruptura sentimental é o desprezo que se demonstra por creatura a quem se amou.

Toda briga de namorados que termina com o silencio da hostilidade e o firme proposito de evitar uma reconciliação implica um desprezo.

O outro aspecto da questão é que, sendo o amor sensivel á fantasia, delicadamente sensivel, não poderá encontrar novos encantos, novas impressões de belleza no objecto envelhecido do seu culto.

Sim. Infelizmente a creatura que se ama é, pela sua condição humana, o unico idolo que envelhece e se afeia com o tempo.

Concordo quando diz: "Os amores novos, o amor por um homem que vem depois do "outro", não nos deve dar aquellas mesmas sensações de encanto que são maravilhosas".

Sim. Isso no caso do successor ser mentalmente inferior ao seu antecessor. Só o espirito torna o amor bello, sublime, ideal. E' elle que nivela e põe um perfeito equilibrio as forças que unem duas almas.

De resto, um amor não se compara com outro. Cada individuo ama a seu modo, possúe as suas caracteristicas sentimentaes.

Soror Marianna devia ter uma alma differente da de Manon Lescaut. Ambas, porém, fôram duas amorosas sublimes, que amaram, loucamente, dando sempre uma impressão diversa uma da outra.

Manon Lescaut era a volubilidade alliada ao sentimentalismo; a freira portugueza era a abnegação de par com a fantasia exaltada. Outros dirão: hysterismo.

De qualquer modo, ambas souberam amar.

Si discordar — volte com a réplica. A tréplica está a sua espera. A sua ou a de quem quizer opinar sobre o caso...

YVES

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2 - 4136

FON-FON — 12-9-931

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

A CELEBRIDADE

A primeira coisa que fez meu amigo, o celebre tenor Leonidas Pantin, quando contrahiu nupcias, foi dizer a sua esposa:

— Devo prevenir-te que isso de se casar com um homem celebre tem seus inconvenientes. Sou conhecidissimo em todo o mundo. Quem não me applaudiu na Opera ou deixou de admirar meus retratos em todas as revistas do globo? Minha popularidade é, pois, tão grande, que receio nos cause não poucos aborrecimentos em nossa viagem de nupcias. E' bem provavel que em cada estação por onde transite o trem, muita gente venha cumprimentar-nos. Em Bruges, por exemplo, por onde teremos de passar necessariamente, bem sabes que cantei durante tres mezes com um successo assombroso. Tenho a completa certeza de que logo que tenham noticia de minha chegada, me atormentem as commissões enviadas para receber-nos, os grupos de alumnos das escolas publicas, que desfilarão deante de nós, offerecendo-nos ramos de flores, etc., etc.

— Mas, isso seria magnifico — interrompeu-o a linda mulherzinha.

— E' magnifico quando não se está habituado a isso — disse Leonidas. — Quando a gente está acostumado a essas coisas, não só não agradam, mas ainda incommodam. Assim é que, para evitarnos tudo isso, tive uma idéa.

— Qual é?

— Adoptar um pseudonymo.

— E que nome vaes adoptar?

— Qualquer um. Tanto faz um como outro. Por exemplo: gostas de Henry Durand?

— Não é mão.

— Pois fica sendo esse mesmo.

Com effeito: quando alguns dias depois, chegou o casal a Bruges, Leonidas escreveu no livro do hotel o pseudonymo escolhido.

No emtanto, pareceu-

— Oh, que lindo "manteau"! Quanto te custou?
— Um simples beijo.
— Que déste em teu marido?
— Não; que elle deu na nova empregada.

lhe observar que não passára despercebido.

Logo foi conduzido a seus aposentos, o maitre-d'hôtel procurou falar-lhe. E assim se dirigiu ao novo hospede, fazendo uma profunda reverencia:

— Senhor: para todos nós constitue uma honra ter hospedes de vossa categoria. Permitti-me que vos dê as bôas vindas, assim em meu proprio nome como no do dono do estabelecimento.

A mulher de Leonidas estava encantada. Quando os dois esposos ficaram a sós, elle lhe disse:

— Vês como, apesar do pseudonymo, me reconheceram? E' o resultado de ser um homem celebre!...

Quando, no dia seguinte, abandonaram o hotel, a mulher de meu amigo

De Albert Acrement

recebeu um esplendido ramo de flores, presente do proprietario.

Na noite anterior, se realizára uma festa em sua homenagem.

Quando, de regresso da viagem, meu amigo Leonidas e sua esposa passaram novamente por Bruges, foram hospedar-se no mesmo hotel.

— Como da outra vez fui reconhecido — pensou o tenor — parece-me inutil dar um pseudonymo.

E, effectivamente, assignou, então, no livro de hospedes, seu proprio nome: Leonidas Pautin.

Em seguida, perguntou pelo dono do hotel, que tão bem os tratára da primeira vez, e pediu a um empregado que o avisasse de sua chegada.

Através da porta do gabinete do director, ouviu a voz deste, que dizia:

— Leonidas Pautin? Não sei quem é. Não o conheço!

E rapidamente tudo se esclareceu.

O acaso fizera com que o pseudonymo que Leonidas Pautin adoptára ao chegar em Bruges coincidisse com o nome do novo prefeito, que era aguardado de um momento para outro. E quanto ao nome do tenor, ninguem o conhecia nem jamais o ouvira.

— Já que tanto recommenda esta loção para o cabello, por que não a usa, para a sua calvicie?
— Ora! E' que eu sou o modelo "antes de usal-a"...

DIALOGO NA CHUVA

— Perdão, gentil Senhorita...
Quer que da chuva a defenda?
De toilette tão bonita
Vae desbotar a fazenda!

— De acceitar eu não me privo
Sua offerta, Cavalheiro,
Mas ouça, por tal motivo
Não me impressiona o aguaceiro.

Pode chover toda a vida
Que a côr, firme, se mantém;
Esta fazenda é tingida
Com corantes Indanthren.

Para que a leitora possa dizer o mesmo que a Senhorita da historia, tenha sempre o cuidado, ao comprar tecidos de algodão, linho ou seda vegetal de verificar se elles trazem a etiqueta de garantia de que foram tingidos com corantes INDANTHREN.

NUMERO 37

FON-FON

ANNO XXV

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 12 de Setembro de 1931

INGRATIDÃO

Por Bastos Portella

HA duas categorias de ingratidões que dóem mais do que as outras todas: a de amor e a literaria. Por vezes se confundem, tão semelhantes ellas são.

Não é muito difficil apresentar um exemplo da primeira.

Uma ingratidão amorosa é explicavel, as mais das vezes, porque um dos que se amavam não soube agradecer as lições que recebera do outro.

Sim. O amor é uma arte excelsa. E, como tal, pede, exige, reclama a sábia assistencia, os ensinamentos de um mestre dedicado e sincero.

Quantas vezes esse mestre não teve uma bella discipula que não foi além dos dezeseis annos?

E' claro que, como nota Zola, "il y a des amours suprêmes d'une clarté si éblouissante qu'elle efface le soleil". Mas é pela arte de amar que se mantem, accêsa, essa deslumbradora claridade.

Diz-se em francez: "Pas d'argent, pas d'amour". Estou de accordo. Mas não fica fóra de proposito, si se disser: "Sem arte não ha amor".

A arte de amar...

Acaso será preciso demonstral-a? Em que consiste ella? Em mil e um ardis.

Nem é preciso ir ao grande Ovidio. Basta folhear as memorias, os romances e as biographias que reflectem os amores reaes. E nesse terreno a mêsse é fartissima: Goethe, Shakespeare, Victor Hugo, Stendhal, D'Annunzio, Henri Bordeaux e tantos outros.

Conclue-se, dahi, logicamente, que, para amar, ha a necessidade de um mestre. E, como acima dizia, — quantas vezes, esse mestre, depois de modelar uma alma joven, tenra, flexivel, dentro dos canones da sua grande arte — Pygmalião aos pés de "Galathéa" — é facilmente esquecido por ella, num gesto de feroz ingratidão?

O mesmo occorre em literatura.

Apenas, o que ha de mais amargo, mais doloroso, é que, no caso do amor, ainda é possivel uma reconciliação. E' possivel o amor florir, ás vezes, no coração... Mas, no caso literario, a reconciliação é impossivel.

A mulher (eu falo sempre das filhas de Eva. Falo mal, entenda-se...) digamos, a mulher de letras não perdôa a um homem o crime de tel-a feito surgir, brilhar, triumphar nos dominios do espirito.

No começo, ella accede, resignada e passiva. Ha muitas dellas que chegam a adoptar fórmulas patheticas, de veneração exaltada, enthusiastica, todas as vezes que dependem do prestigio literario de um homem.

"Mestre" — dizem ellas. "Tu és o meu unico poeta". Ou então: "Sou a tua discipula. Teu nome illustre vive na minha admiração"...

No primeiro dia, porém, em que ella alcança evidencia, olha em torno, e vê uma côrte de admiradores, investe, fatalmente, contra o mestre de hontem.

Elle será o "nullo", o "mediocre", o "vulgar", o "poeta assucarado", em cuja arte ninguem mais acredita.

Explica-se: o ingrata sente a superioridade do mestre, do seu ex-mestre. Sabe que dependeu della. Mas essa superioridade a incommoda, a inquieta, a desespera.

E vem a ingratidão inevitavel, insólita e cruel. Tão parecida com a do amor...

ENXADA

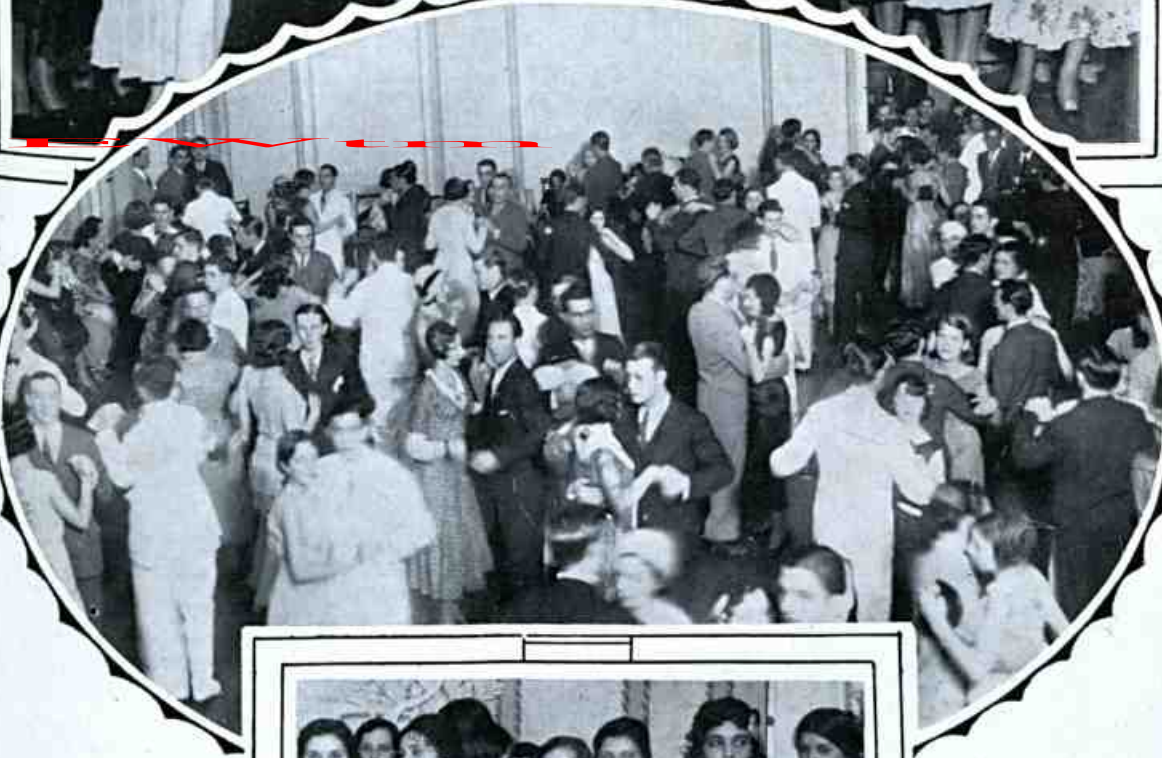
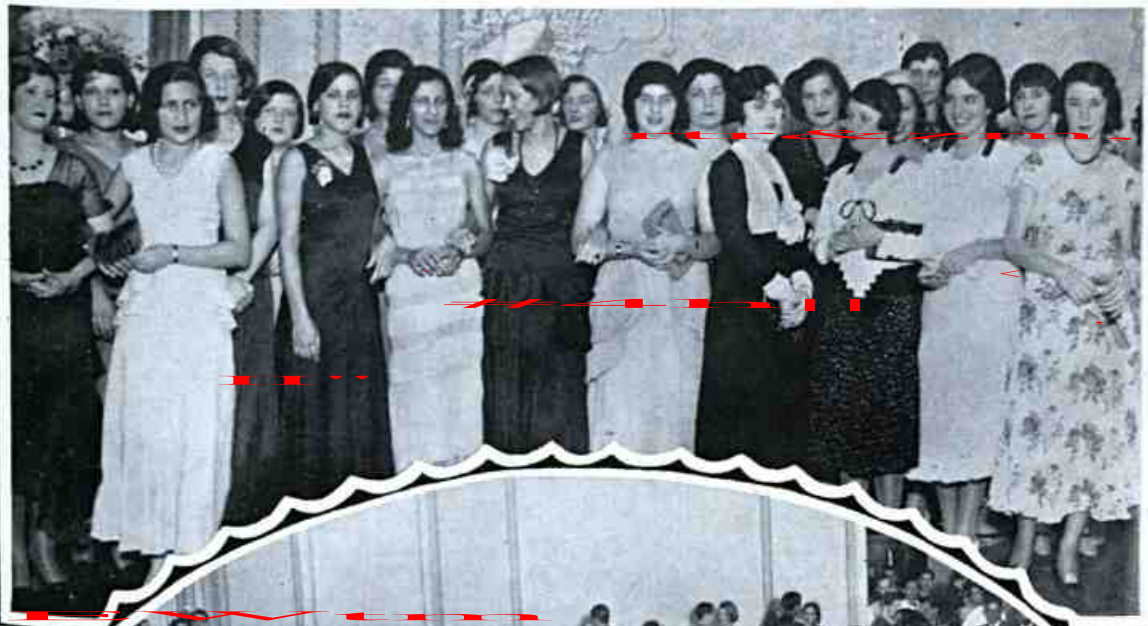
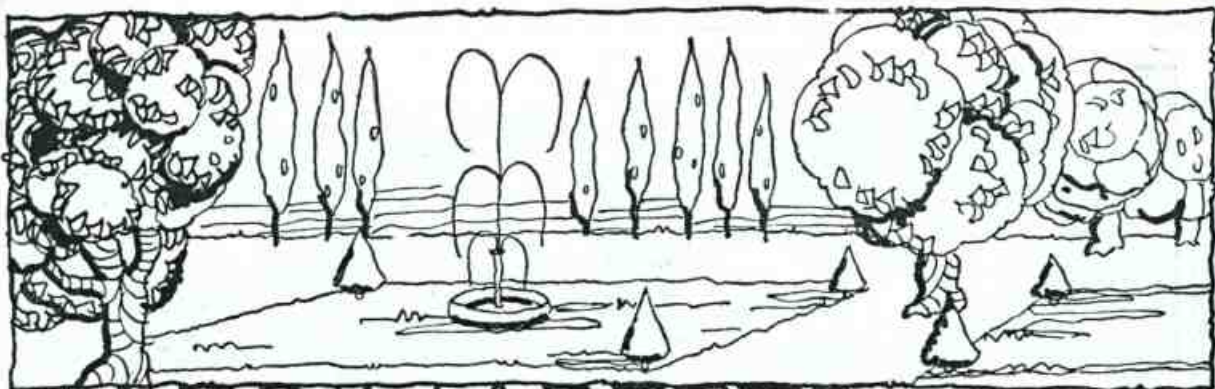
ENFEITIÇADA e tonta a que afastou os cardos das alamedas e ajuntou a terra num canteiro e formou os jardins, ajudando a primavera, languida de essencias, a rendilhar-se de trepadeiras cheirosas, para entontecer, de perfume, o espaço, para enfeitiçar, de de azas, o azul!

Generosa a que, de rastro, curvada, sulcando a terra, plantou a raiz e arrojou, do rebento viride, para o céo, a escalada farfalhante, vã, dos robles e das palmeiras! Generosa ainda a que, sob o orvalho, espalhou a semente e fez brotar as searas, aloiradas ao sol na sazão e, com a arvore, entreabriu uma sombra no caminho, amadurecendo um fructo em cada galho, dependurando em cada ramo um ninho e, com o trigo, poz, sobre a mesa e sobre as aras, a offerenda votiva de duas eternidades: o pão, para a força nutriz; a hostia, para o perdão indulgente!

Afortunada a que, ao golpe na ganga rude, deixou saltar a pepita de oiro e, ferindo o veio occulto, do ádito mysterioso fez chorar a grota em lagrimas inflammadas de diamantes!

Alviçareira a que, ao delirante garrular dos passaros em revoadas, marcou o rythmo da cantiga dos cegadores e das zagalas, e descança, na gloria do trabalho, entre as espigas dos celleiros em fartança, nos moinhos de azas estacionadas!

Mas, entre todas, bemdita ungidamente a que, piedosa, depois de separar a terra e achar o marmore para a lápide, junto ao escopro para o epitaphio, entre o luto e a tortura, ainda uma vez, na vibração do derradeiro momento, é uma esmola para a velhice, a paz para o desconsolo, na sombra, no silencio, no esquecimento, — abrindo-nos a sepultura!

EDVARD CARMILO

Decorreu brilhante e animada a ultima festa que o velho Club de São Christovão offereu á fina e elegante sociedade que frequenta os seus salões. Foi uma noite realmente digna das tradições daquelle «cercle» e marcou mais uma rutilante victoria social do Club de São Christovão. A nossa gravura focaliza detalhes photographicos tomados nos salões do palacete do campo de S. Christovão, durante a linda reunião-dançante.

JARDIM ABERTO — D. Jayme

S. Paulo em 1828

O viajante francez Alcide d'Orbigny esteve em S. Paulo, no anno da graça de 1828. Não deixa de ser interessante, resumir sua visita á capital paulista. A cidade — diz elle — "située sur une éminence domine la grande plaine de Piratininga." Achou que a physionomia de sua construcção lhe dava o aspecto de uma das mais antigas cidades do Brasil. Descreve o palacio do governo, um tanto estragado, a cathedral, o paço episcopal, o convento dos carmelitas, os mosteiros dos franciscanos e benedictinos, dois de freiras, cujas ordens não menciona; dois hospitaes, o circo para touradas do tenente-coronel Muller, fóra de portas, e as tres pontes de pedra sobre as águas do Tamanduatehy e do Inhagabaliady (sic). Chama a attenção para a importancia histórica de S. Paulo na vida brasileira. Lembra Nobrega, Anchieta e a conversão de Tebireçá (sic). Recorda, assim, a assombrosa aventura das bandeiras: "on retrouve les paulistes engagés dans les entreprises les plus hardies. Tandis que le Portugal devient le vassal de l'Espagne, on les voit, non-seulement maintenir leur independance, mais encore prendre, en ravageant tout, l'initiative de la guerre dans les provinces espagnoles les plus reculées; ou bien, entrainés par la soif de l'or et des diamans courir á la conquête des districts qui recélaient ces richesses. De cette vie aventureuse il resulta que les paulistes réstérent au milieu du Brésil, comme une exception bien caracterisée." E continuam a ser.

D'Orbigny enumera defeitos e virtudes paulistas, elogiando o seu orgulho e a simplicidade attrahente das suas mulheres, cujas roupas ainda acha semi-indigenas e semi-portuguezas, e que na maioria, "sont passionées par le batuque". Avalia a população da cidade em 80 mil almas e acha que nella ainda não chegara o gosto do luxo europeu. Aqui, ali encontra velhos moveis manuelinos e espelhos antigos de Nuremberg. Visitou a serra do Cubatão e o porto de Santos. Observou a estructura geognostica de montes e valles. Frequentou o Ouvidor, os membros da Junta Real de Fazenda, o juiz da comarca e os vereadores. Apreciou os exercicios do regimento de dragões e de infantaria da guarnição, e expõe a organização das milicias. Esteve na fundição de Ypanema (sic), cuja historia narra desde o conde de Linhares.

D'Orbigny demorou uma semana na Paulicéa. Escreve elle: "A cette epoque je comptais déjá sept mois de route á travers les immenses contrées du Brésil qui absorberaient la vie entiére d'un voyageur. D'autres terres m'appelant, je resolus de quitter celles lá." E partiu.

AUTORES

J. H. de Sá Leitão, jornalista e escriptor de brilhante talento, acaba de publicar um novo livro — «Entre Montanhas» — no qual reuniu varias chronicas e fantasias de grande vibração e da mais viva actualidade.

OS NOSSOS POETAS

Leão de Vasconcellos é, sem favor, uma das mais vigorosas expressões intellectuaes da nova geração brasileira. Advogado dos mais conceituados no fôro desta capital, seu nome, como causídico illustre, nunca empanou a gloria do poeta — e grande poeta que é. Em «Poemas para esquecer», Leão de Vasconcellos já revelara ao publico os «raffinements» de sua arte de poeta emotivo, colorido, uma arte toda sua, porque affirmativa da sua personalidade, do seu rythmo proprio. Em «Canto Novo do meu Amor» — o lindo volume que Leão de Vasconcellos acaba de dar á publicidade — esta affirmação ainda mais se enquadra, porque elle, nesse seu novo poema, imprime á sua poesia toda a vibração dos rythmos mais íntimos, que ella musica, faustosamente, no seu mundo interior. «Canto Novo do meu Amor» é a consagração magnífica e esplendente da victoria obtida por Leão de Vasconcellos em «Poemas para Esquecer». Um livro que lhe marca logar de relevo entre os nomes mais festejados da poesia brasileira contemporanea.

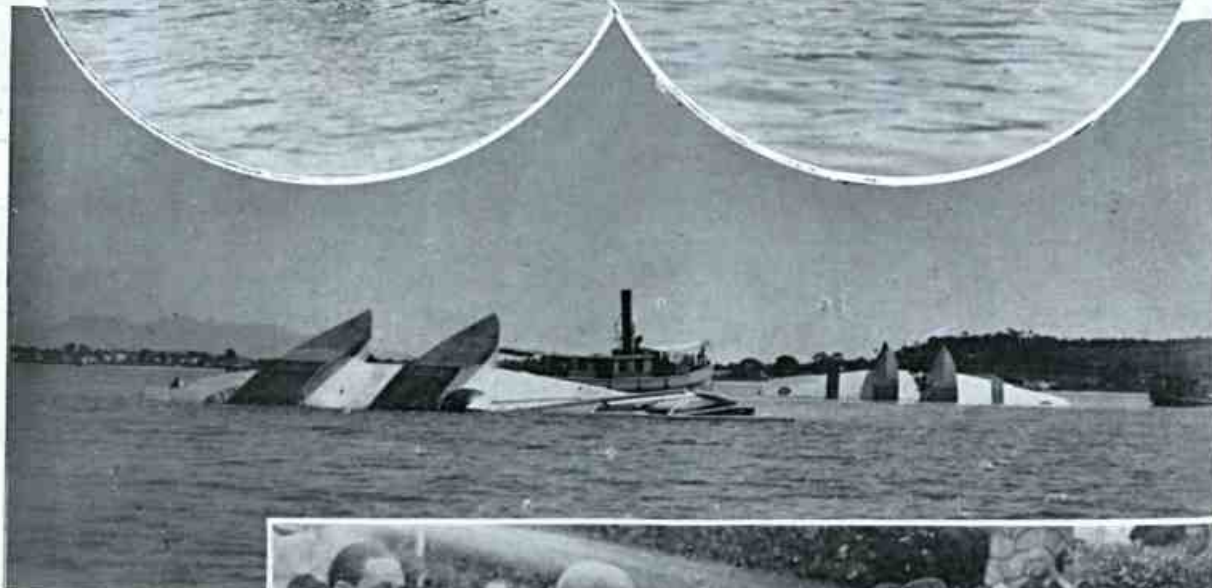
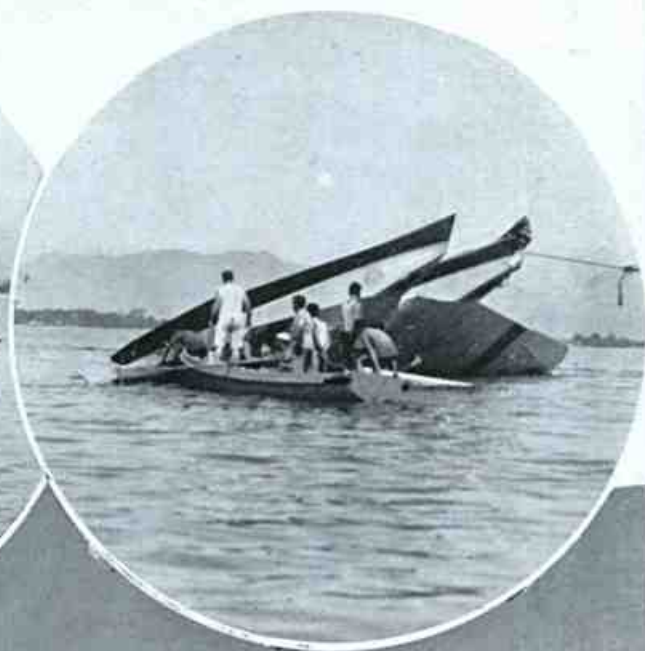
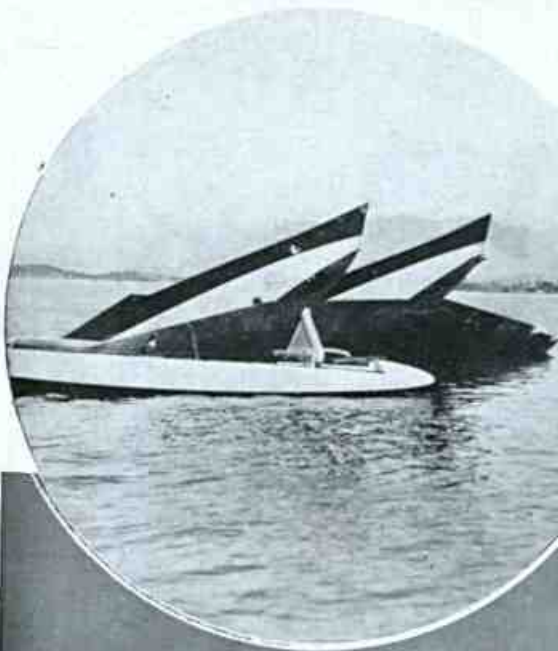
O SALÃO OFFICIAL

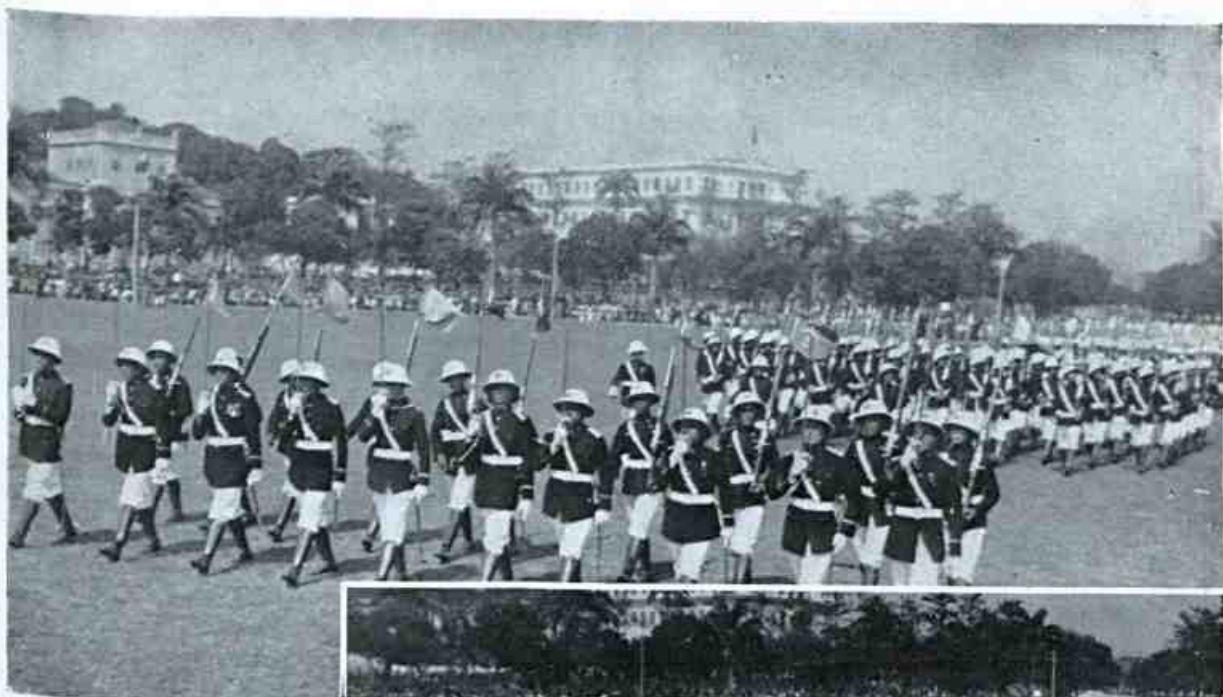
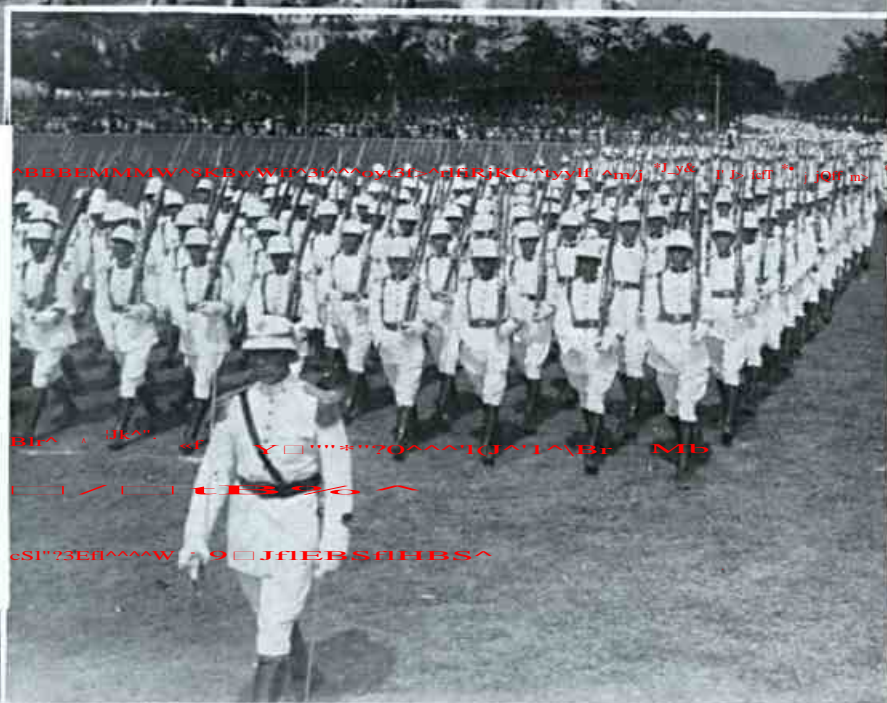
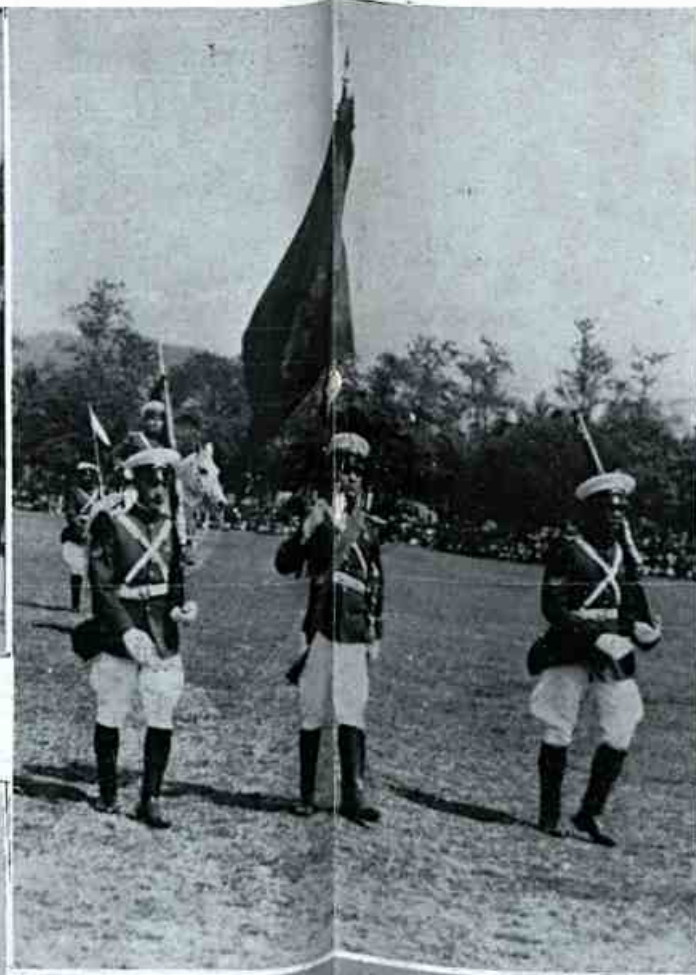
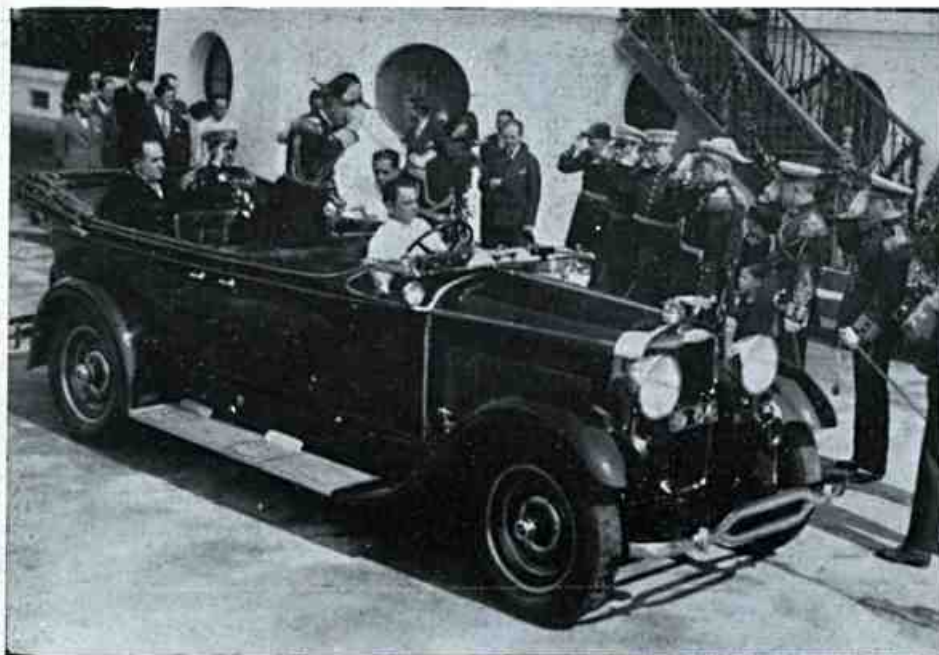
Inaugurou-se, a 1.º do corrente, na Escola Nacional de Bellas Artes, a XXXVIII Exposição Geral de Bellas Artes, onde figuram artistas velhos e novos, sem distincção de escolas e de talentos. Cerca de uma centena de pintores e esculptores alli expõe os seus mais recentes trabalhos, que têm despertado vivo interesse aos innumeros visitantes do Salão deste anno. Focalizamos nesta pagina um aspecto da solennidade inaugural do Salão Official, que se realizou com a presença de altas autoridades, representantes dos nossos meios artisticos e elementos da nossa sociedade, e tres quadros alli expostos: — «Paizagem do Ceará», de Vicente Leite; «Retrato da senhora Guilherme de Almeida», de Lazar Segal, e «Mãe e filho», de Da Veiga Guignard.

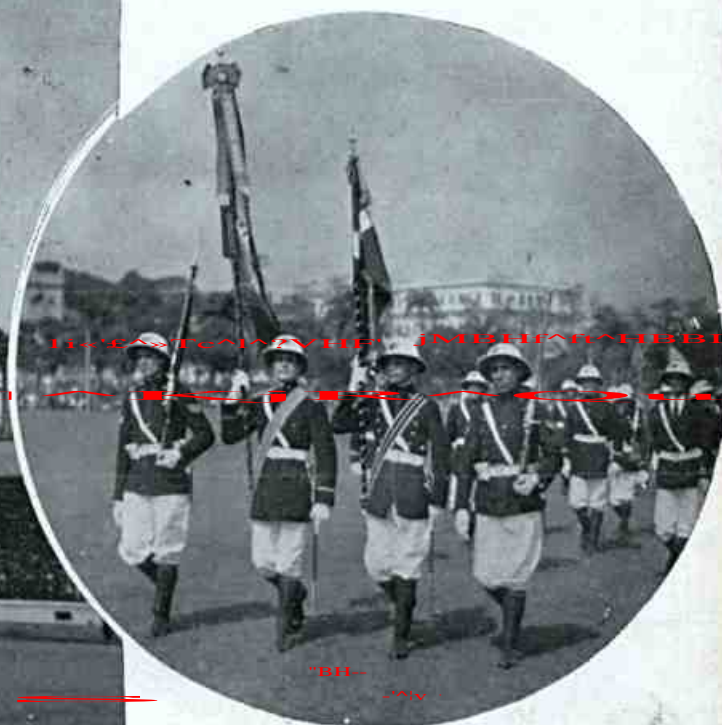
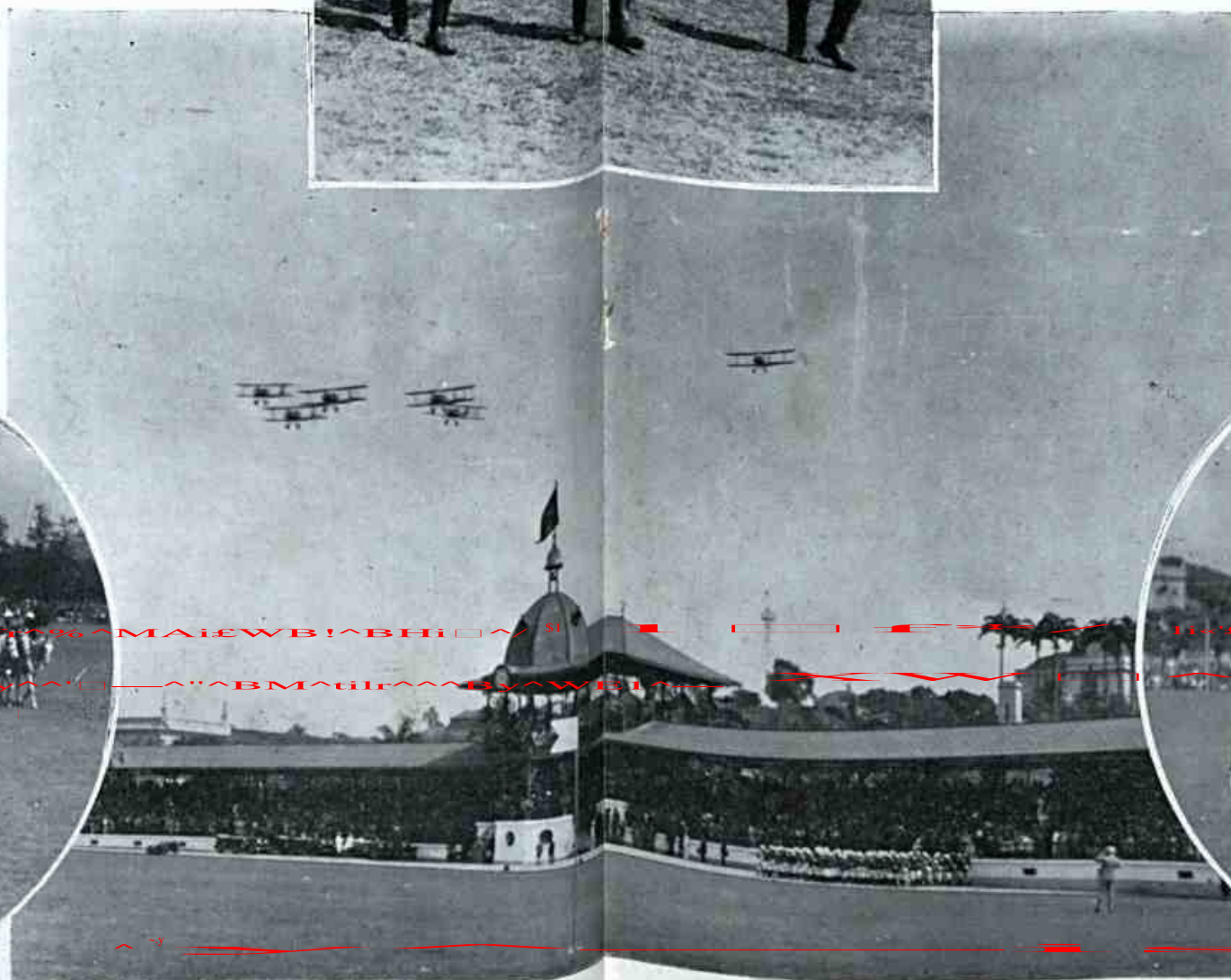
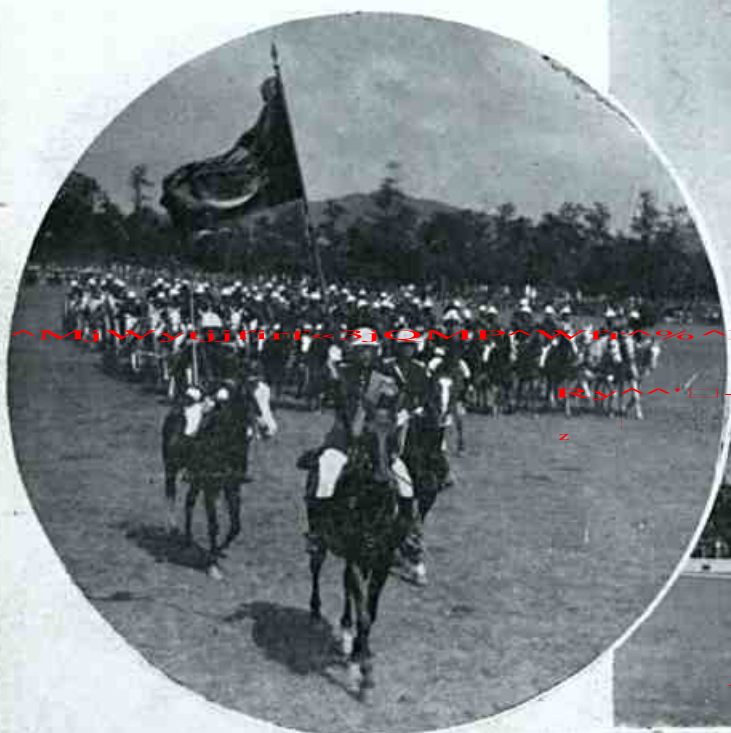
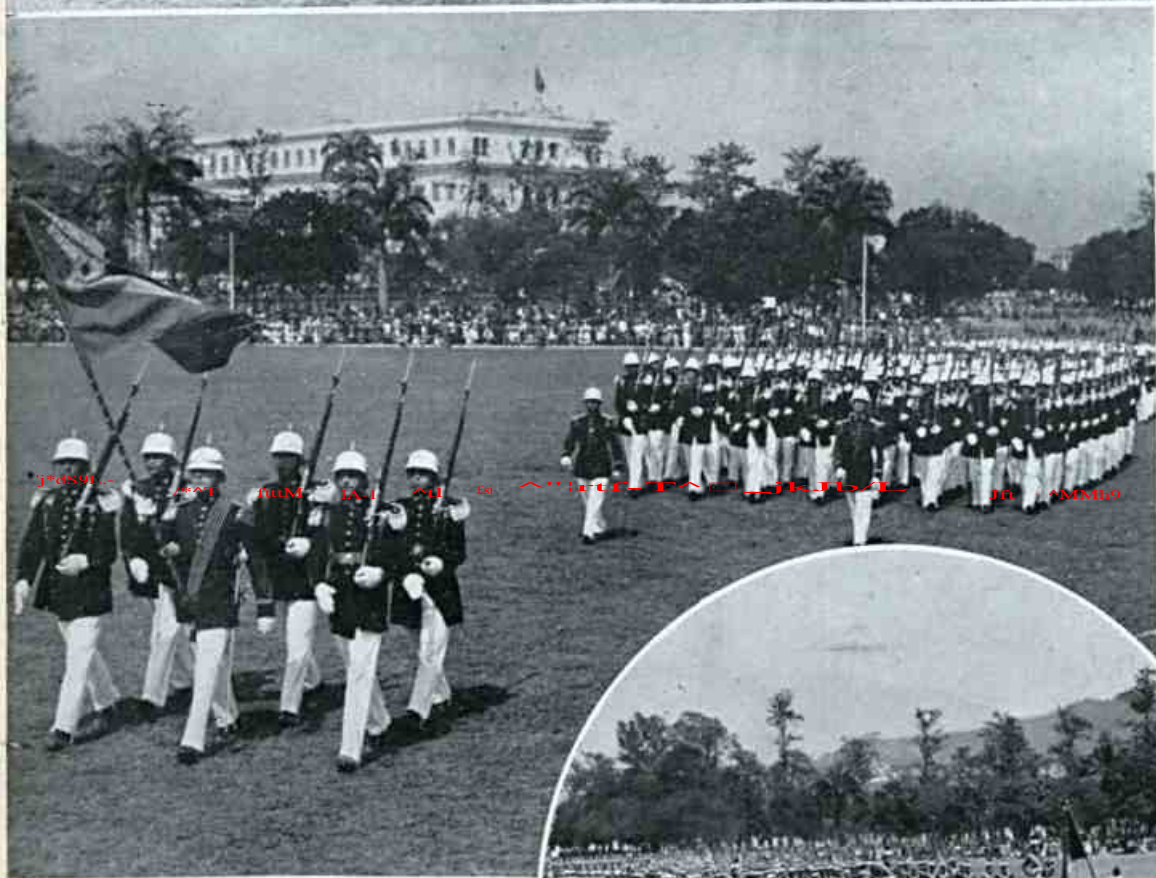
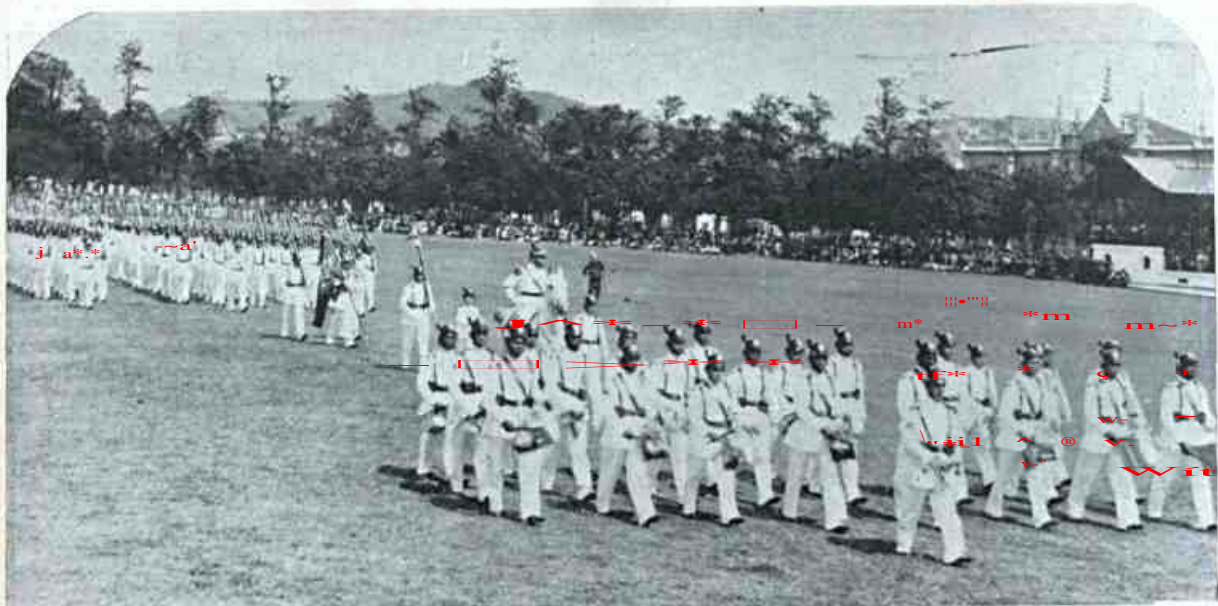
No alto: outro flagrante da solenne abertura do Salão.

«Retrato de Manuel Bandeira», de Candido Portinari. — «Barcos no estaleiro», de Leopoldo Gotuzzo. — «Retrato da sta. Maria Luiza de Mello», de Sylvia Meyer. — «Boneca», de Annita Malfatti. — «Retrato da sta. Alves Lima», de Moussia.

DO TIJUCA TENNIS CLUB

jaquets», em summa, todo aquelle fervilhamento de côres, de braços e collos nús. Pode-se dizer que o Rio-chic, o Rio-fino, estava representado, naquelles salões sumptuosos, pelo que a nossa «élite» possue de mais galante. As duas orchestras, «como num sonho que se conta», no dizer do escriptor, feriam os accordes de um tango ou de uma valsa romantica... e todas as salas eram então uma só harmonia, a cantar e a rebrilhar... São flagrantes dessa festa magnifica, que as nossas paginas reproduzem.

LUTO NA AVIAÇÃO NAVAL

Não foi só a aviação naval, nem a Marinha de Guerra Brasileira que soffreram um golpe profundo com o desastre dos dois Savoia-Marchetti: elle attingiu o paiz inteiro. Todo o Brasil chora ainda a perda irreparavel que veiu privar a nossa Armada de alguns elementos preciosos. O sinistro é conhecido em todos os seus detalhes. Dois apparelhos, quando evoluíam á altura da ilha do Governador, se chocaram no ar, resultando, desse choque, alguns mortos e feridos, entre os quaes o commandante Neiva de Figueiredo. A nossa pagina focaliza impressionantes detalhes do desastre e um flagrante do enterro das victimas.

A parada militar que se realizou segunda-feira pela manhã foi a principal cerimonia commemorativa da grande data de 7 de setembro. As tropas do Exercito e da Marinha, do Corpo de Bombeiros e da Policia Militar, depois de formar na Quinta da Bôa Vista, desfilaram no Campo de S. Christovão, em continência ao chefe do Governo provisorio e demais autoridades presentes. São flagrantes desse desfile o que focaliza a nossa pagina.

A DATA DA INDEPENDENCIA E A GRANDE PARADA MILITAR DE SEGUNDA-FEIRA

Brilhante, sob todos os aspectos, foi a formatura militar, que se realizou na Quinta da Bôa Vista, em commemoração á data de 7 de setembro. Num espectaculo de grandiosa significação patriotica, as nossas forças de terra e mar, que, após a formatura na Quinta da Bôa Vista, desfilaram no campo de S. Christovão, deram um attestado publico de disciplina militar, da nossa soberania e do valor das armas brasileiras, que, na manhã da grande data nacional, scintillaram ao fulgor do sol carioca. As nossas gravuras focalizam os flagrantes mais expressivos da parada, que teve o comparecimento do chefe do governo provisorio e de outras altas autoridades do paiz, além de muitas familias da nossa melhor sociedade.

Novos flagrantes do desfile das tropas que formaram na grandes parada de segunda-feira.

COCAINA

«Mulher de todos, mulher de ninguém»

* * *

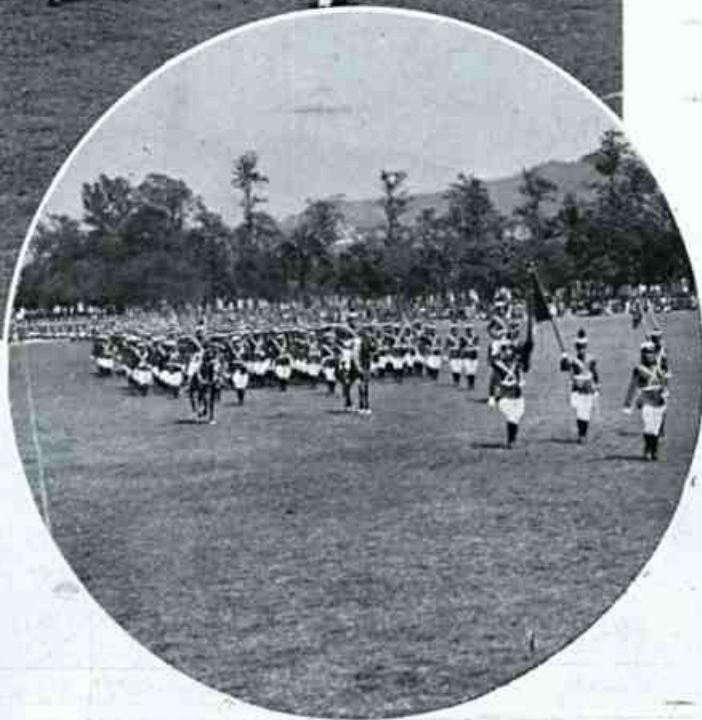
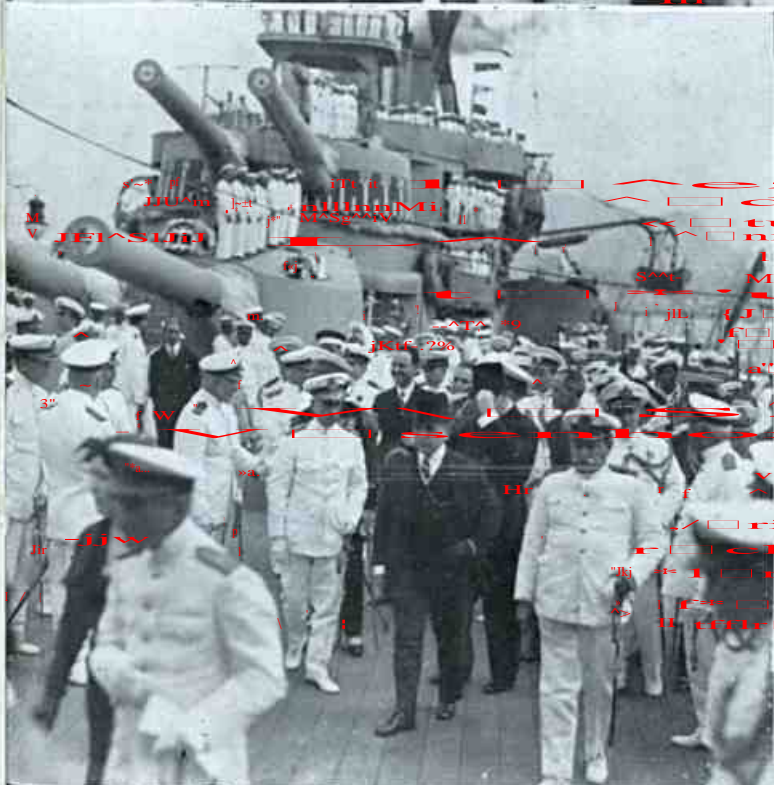
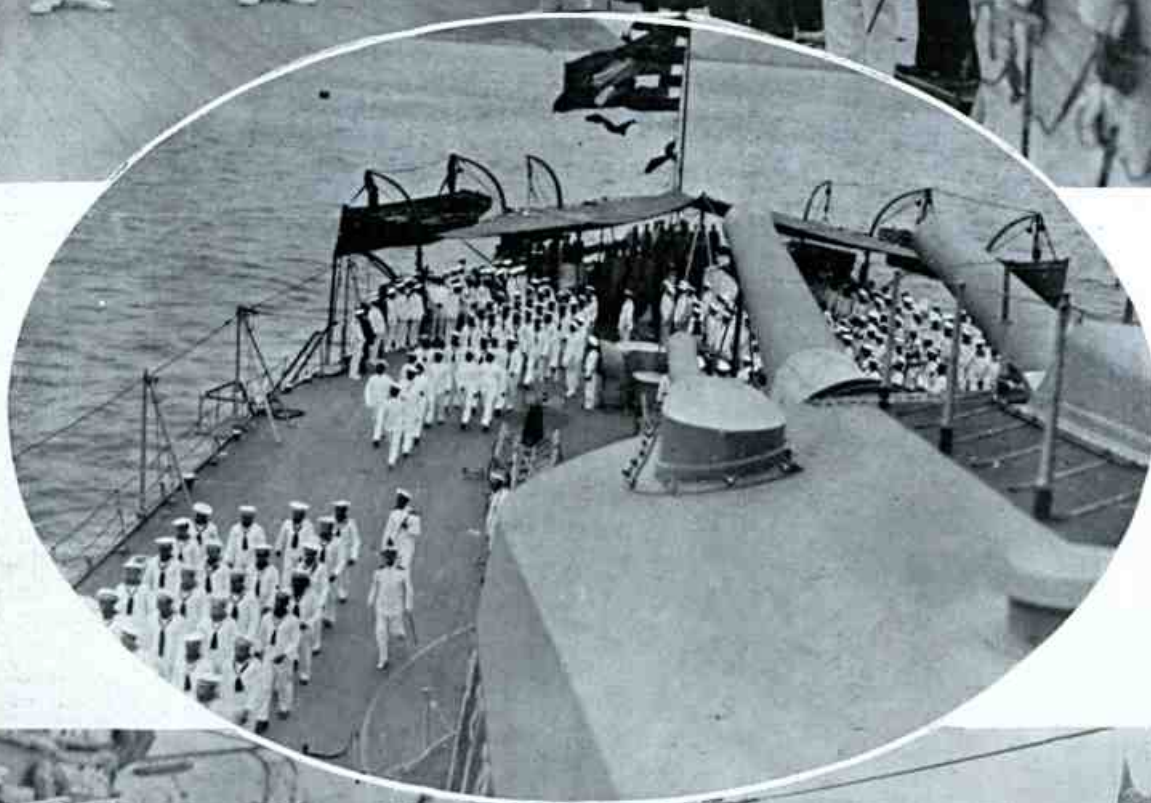
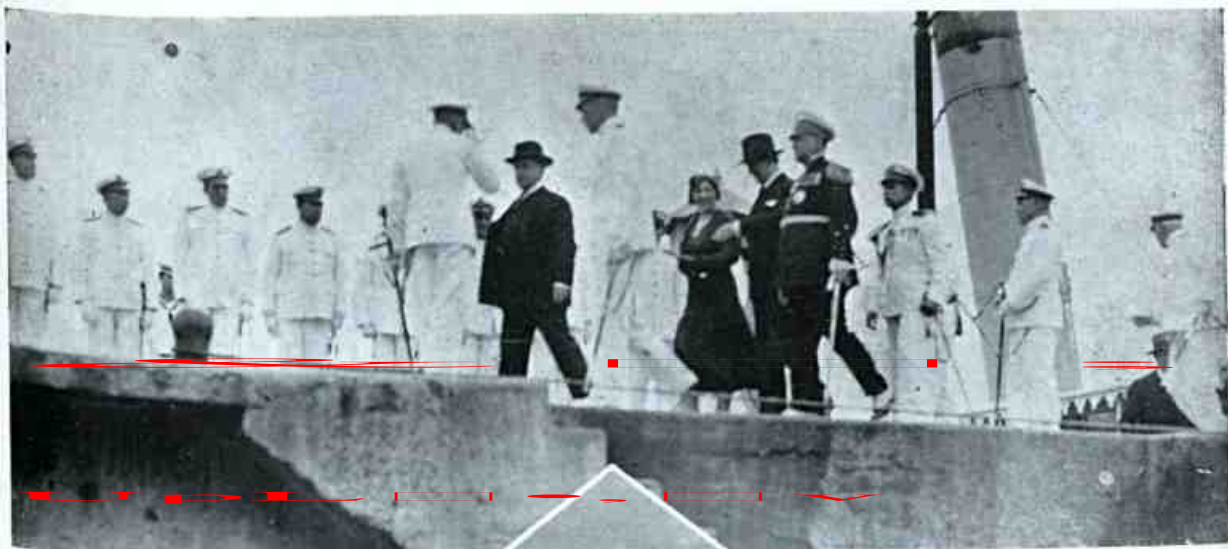
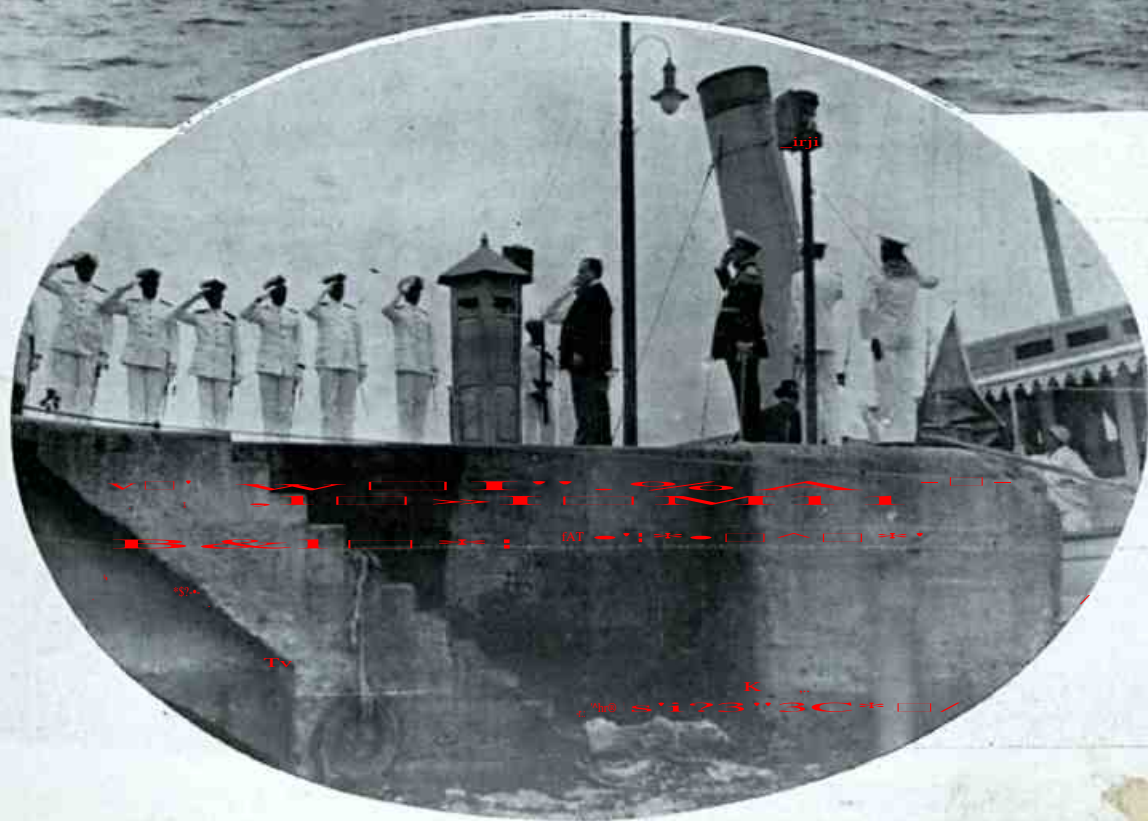
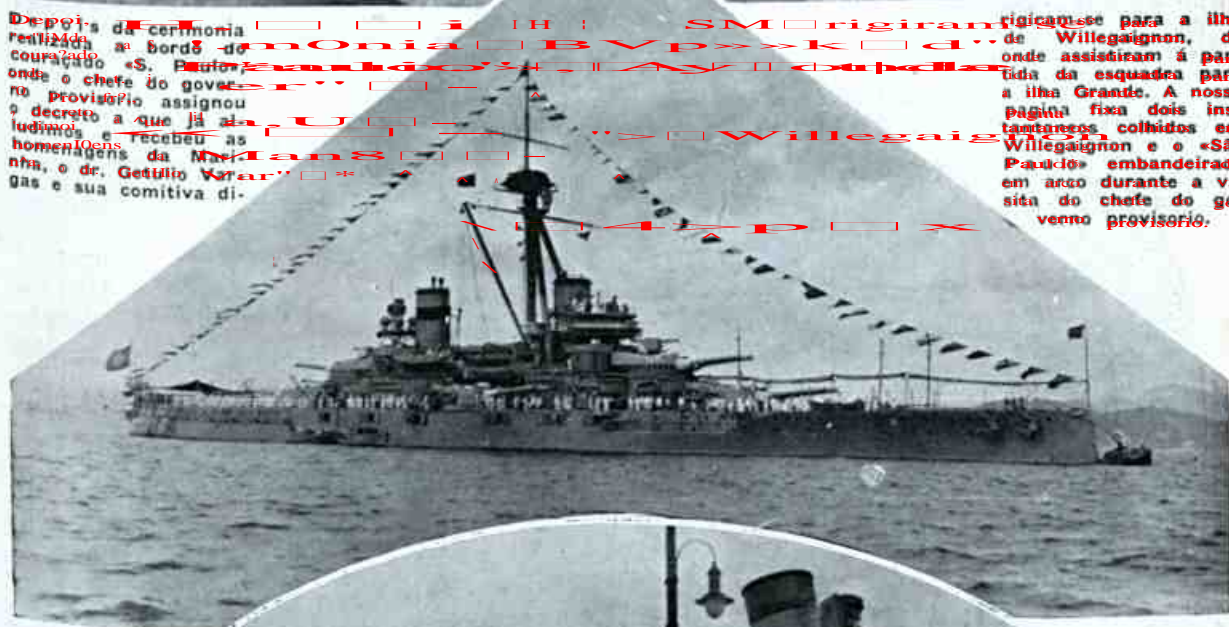
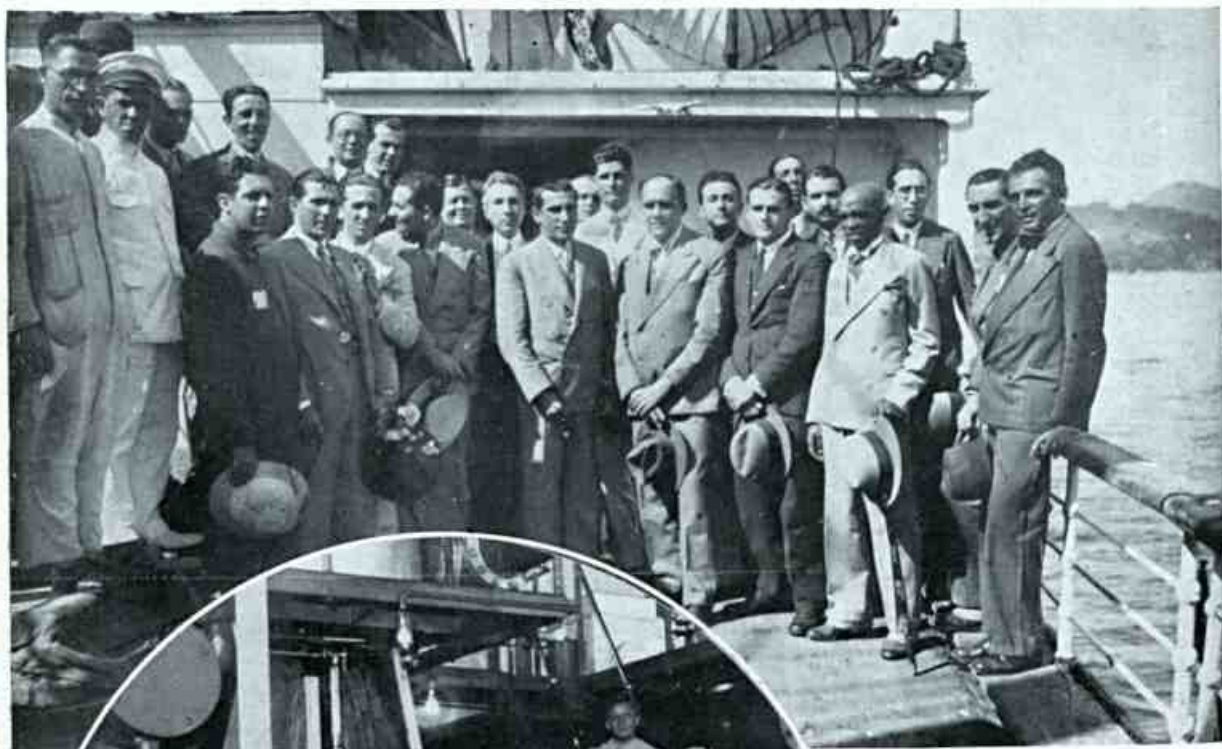
O rico é quasi sempre um homem perigoso.

* * *

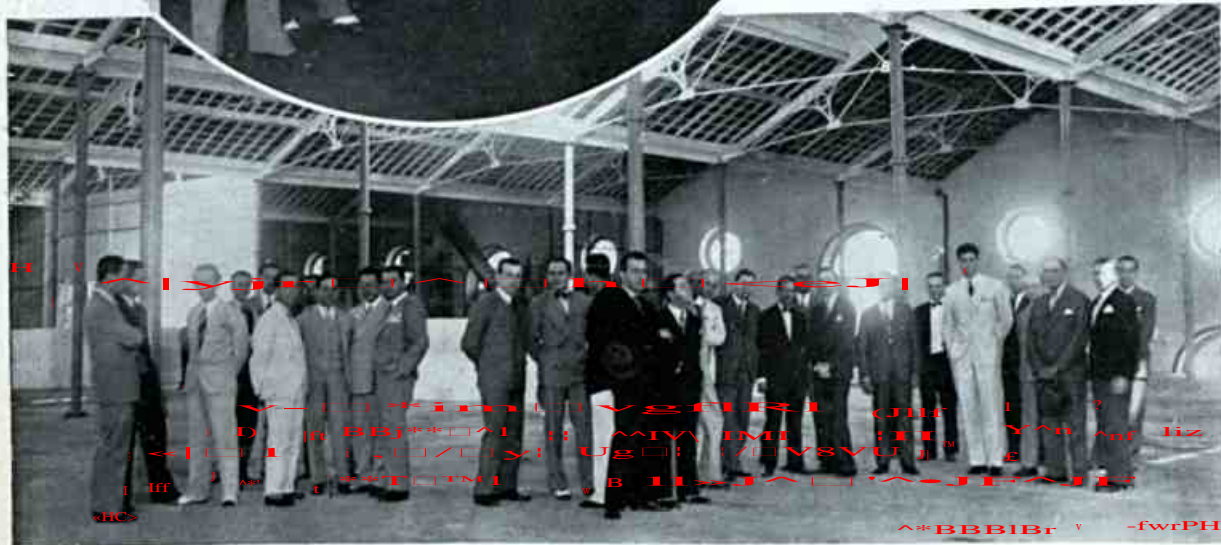
Para comprehender a solidariedade humana, é preciso ser pobre.

* * *

O homem carrega o dinheiro no bolso direito da calça, porque sabe que o coração está do lado opposto...

Marion.

Fez parte das commemorações de 7 de setembro a cerimonia da assignatura do decreto que autoriza o Ministerio da Marinha a adquirir um novo navio-escola para a Armada Brasileira. Esse acto, que se revestiu de grande e expressiva solemnidade, foi realizado a bordo do couraçado «São Paulo», navio capitanea da esquadra, e para onde o chefe do governo provisorio seguiu logo após o desfile das tropas do Exercito e da Marinha, no campo de S. Christovão. S. ex. fazia-se acompanhar da exma. senhora Getulio Vargas e das altas autoridades presentes á formatura militar. As photographias desta pagina representam: o almirante Protogenes Guimarães, ministro da Marinha, lendo o discurso de saudação ao chefe do governo provisorio, a bordo do «São Paulo»; e dois instantaneos do dr. Getulio Vargas, quando s. ex. chegava áquelle couraçado e quando assignava o decreto.

O chefe do governo provisorio e exma. senhora Getulio Vargas, a bordo do «São Paulo», recebendo as homenagens da officialidade e da maruja daquelle couraçado, antes da assignatura do decreto autorizando a acquisição de um novo navio-escola para a Marinha de Guerra.

Depois da cerimonia realizada a bordo do couraçado «S. Paulo», onde o chefe do governo Provisorio assignou o decreto a que já alludimos e recebeu as homenagens da Marinha, o dr. Getulio Vargas e sua comitiva dirigiram-se para a ilha de Willegaignon, de onde assistiram á partida da esquadra para a ilha Grande. A nossa pagina fixa dois instantaneos colhidos em Willegaignon e o «São Paulo» embandeirado em arco durante a visita do chefe do governo provisorio.

UMA VISITA DA IMPRENSA ÁS OFFICINAS DO LLOYD BRASILEIRO

As officinas do Lloyd Brasileiro, na ilha de Mocanguê, foram ha dias, detidamente visitadas por um grupo de jornalistas, que, attendendo a um convite amavel do director interino daquella companhia de navegação, tenente Napoleão Alencastro Guimarães, por suggestão e por intermedio do nosso confrade Mario Domingues, director da publicidade do Lloyd, se reuniram, primeiro, nos escriptorios da praça Servulo Dourado.

Dali, acompanhados do tenente Napoleão Guimarães, do dr. Mario Domingues e do representante do ministro da Viação, rumaram os visitantes para a ilha de Mocanguê, onde foram fidalgamente

Três detalhes photographicos da visita dos jornalistas á ilha de Mocanguê. Os visitantes em companhia do tenente Napoleão Guimarães, do dr. Pedro Ernesto e do dr. Mario Domingues, a bordo do «Joaquim Tavora»; uma das officinas da ilha, e nos escriptorios do Lloyd Brasileiro.

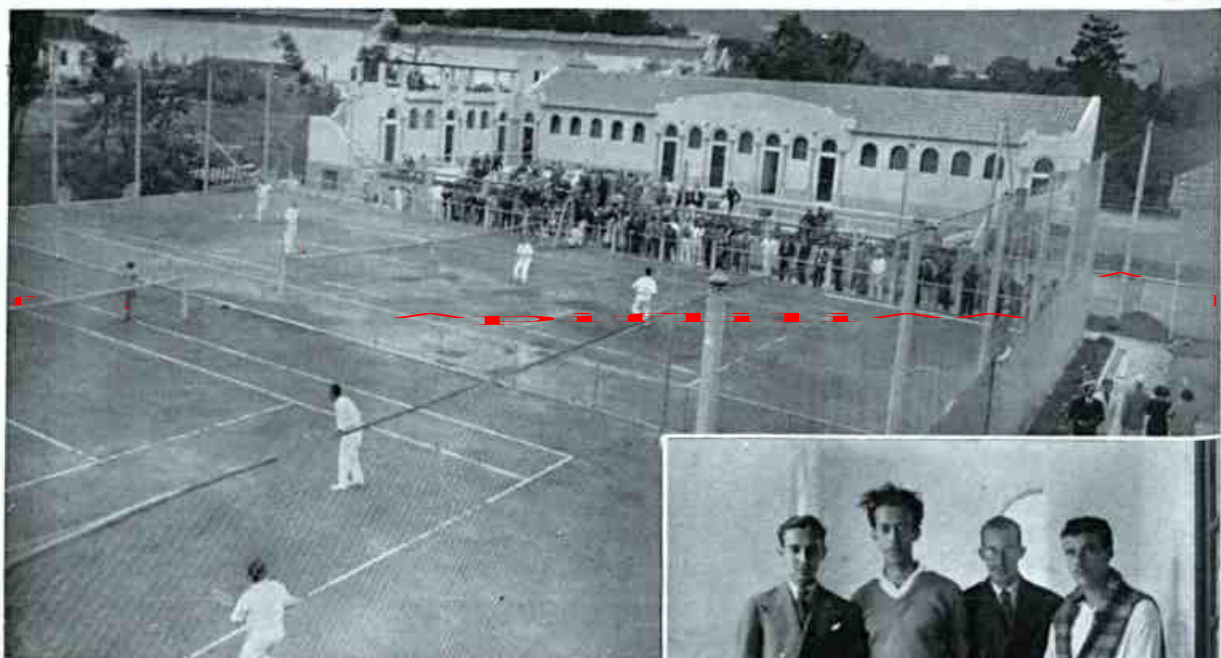
O commandante Firmino Santos, novo director do Lloyd Brasileiro, ao lado do director interino, tenente Napoleão Alencastro Guimarães, e cercado de altos funccionarios daquella empresa de navegação, ao desembarcar nesta capital, onde chegou, ha dias, a bordo do «Alexandrino de Alencar», para assumir o seu alto posto.

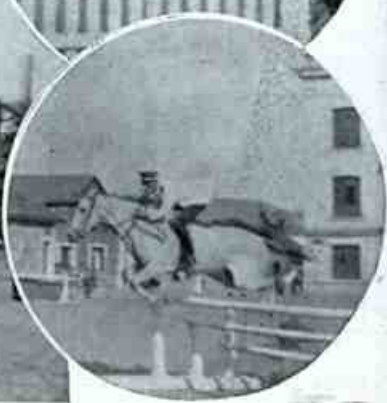
recebidos pelo engenheiro chefe das officinas, dr. Mario Pereira e seus auxiliares.

Antes, porém, os jornalistas percorreram a parte reconstruída dos escriptorios que o recente incêndio destruira.

Na ilha de Mocanguê, aonde chegou tambem, mais tarde, o dr. Pedro Ernesto, director da Assistencia Hospitalar do Brasil, que havia sido igualmente convidado para a excursão, os representantes da imprensa, acompanhados, sempre, pelos directores do Lloyd, percorreram todas as officinas alli existentes e que estavam em pleno funccionamento, recebendo, dessa visita, magnifica impressão.

A directoria do Lloyd offereceu, a bordo do vapor "Joaquim Tavora", um almoço aos seus convidados, que só á tarde regressaram daquella ilha, onde passaram algumas horas num ambiente de legitima cordialidade.

Por iniciativa do director da publicidade do Lloyd Brasileiro, nosso confrade Mario Domingues, e sob o patrocinio da Associação dos Artistas Brasileiros, inaugurou-se, quinta-feira penúltima, na séde dessa Associação, no Palace Hotel, a exposição dos cartazes que figuram no concurso instituido entre pintores brasileiros e destinados á propaganda da nossa grande empresa de navegação. O acto inaugural dessa exposição revestiu-se de grande brilho, sendo presentes ao mesmo, além do representante do ministro da Viação, dr. Jayme Tavora, o director, interino, do Lloyd, tenente Napoleão Guimarães, membros do jury, e outras pessôas gradas.

Nos «courts» do Tijuca Tennis Club, á rua Conde de Bomfim, realizaram-se com brilho as provas do campeonato entre os tennistas daquelle club e do Brasil. Publicamos, aqui, um aspecto colhido por occasião desse jogo e uma photographia dos tennistas João Gonçalves Gomes, Mario Vieira Wellington e Adolpho Justo Bezerra de Menezes, tres dos cinco componentes da equipe principal do Tijuca Tennis Club, em companhia do dr. Nelson Lourenço, membro do departamento de tennis.

Flagrantes tomados no quartel do 1.º Regimento de Cavallaria Divisionaria, durante a festa hippica ali realizada, em commemoração ao «Dia do Soldado». O jury que classificou os vencedores, composto de officiaes daquella unidade do Exercito, entre os quaes figuravam o coronel Octavi Pires Coêlho, commandante do 1.º R. C. D.; capitão Benjamim Pereira Silva, sub-commandante interino, e o capitão-ajudante João B. da Silva Tavares. Um aspecto da assistencia. E dois instantaneos das provas. Foram classificados em primeiro e segundo logares, respectivamente, o tenente Manoel Garcia, da Escola de Cavallaria, e o capitão Aristoteles, do 1.º R. C. D.

OS SETE DIAS DE "FON-FON" NO CINEMA

"TABÚ"

Film da Paramount

Interpretes:

A Virgem, RERY
Seu amado, MATAHI
O sacerdote-emissario, HITÚ
O policial, JEAN

Doce enlevo.

COMO um ninho de verdura, que fluctuasse sobre as aguas azues do Grande Oceano, alça-se a ilha de Bora-Bora, a mais encantadora paragem da terra. Dir-se-ia um novo Paraiso creado pela fantasia de algum deus retardatario, que se regosijasse em esconder ali, sob a guarda das Grandes Aguas, o seu retiro de amor e de felicidade...

E são felizes os habitantes de Bora-Bora. Homens e mulheres, na nudez evangelica das simplicidades, gozam ahi de uma existencia bucolica, cheia de infinitas delicias. Céos constantemente azues, mares encrespados de brancas espumas. Altas palmeiras que se balouçam ao embate dos ventos e derramam a sombra fresca e o fructo nutriente e doce.

Como bandos de crianças, os indigenas trabalham cantando... A natureza uberrima offerece-lhes a poesia dos campos e os recessos dos bosques, por onde rios espumantes se apressam na descida abrupta das cascatas.

A todos ultrapassando na formosura physica e na elasticidade dos musculos, na graça dos movimentos e na juventude que lhes sorri nos rostos, Matahi e Rery são um symbolo de belleza humana debaixo daquelles céos calmos e azues.

Amam-se e são felizes...

Quando a Nympha Morena vae ao banho, o seu amado fica de longe, a guardal-a dos perigos da selva. E ella, toda engrinaldada de flores, deixa-se ficar sob a chuva de crystal das catadupas, rorejando-lhe pelo corpo as perolas e aljôfares da corrente...

Outras vezes, é a pesca que os entretem... Nas suas typicas canôas, atiram-se pelas angras e reconcavos da ilha, onde o musculoso heroe, em arpoadas certeiras, fisga os bagres e mandis. Namorados felizes! Mas, um dia, espalha-se pela ilha o som retumbante dos buzios de guerra. Uma vela, cortando a linha do horizonte, aponta muito longe, sobre as aguas movediças. Todo o povo corre para a praia, afim de se certificar do que lhes vem do alto mar... Matahi e sua amada, remando as ligeiras canôas, vão tambem ao encontro do veleiro, que não é nenhuma náu de conquista, mas sim uma embarcação provinda das outras ilhas, povoadas pela gente bronzea do seu mesmo sangue.

Quando o barco chega á altura de aferrar, já está o mar coalhado de canôas nativas, que lhe vão dar as bôas vindas.

Hitú, o velho sacerdote e emissario especial do chefe de todas as

Eram castos e ingenuos...

Seducção!

ilhas, vem a Bora-Bora numa missão especial. Reune todo o povo e, depois da saudação ao senhor da tribu, diz do objecto da sua visita:

— A virgem sagrada dos nossos deuses já não é deste mundo... E aqui venho, de parte do Senhor das Ilhas, escolher a virgem que a deve substituir no sagrado mysterio do nosso culto.

As mulheres da tribu assumem um ar de alta espectativa. Quem será a nova escolhida dos deuses? Quem será ella?

Mas o ancião continúa:

— Aquella que por sua belleza, por suas virtudes e por seu nobre sangue merece a preferencia dos deuses — chama-se Rery...

Um estremecimento de dôr contrae a face do joven... Matahi, per sua vez, sente que essa escolha lhe vae roubar para sempre a amiga do coração.

— Rery é tabú, continúa o sacerdote, é a virgem escolhida dos deuses. Homem algum poderá tocal-a ou sobre ella lançar um olhar de desejo. E quem desrespeitar o tabú dos deuses, de morte morrerá.

* * *

Todos os indigenas reunidos, começam as festas da consagração da virgem das virgens. Dos montes vizinhos vêm as mais lindas flores e os balsamos mais bizarros e preciosos. Dança e canta toda a tribu. E sobre a virgem escolhida paira o tabú, a maldição e a morte para todo aquelle que a tocar.

Mas Matahi, o guerreiro forte, o hercúleo pescador, arrostando com todas as maldições, foge com a sua amada. O seu braço forte, por muitos sóes, vibra o remo que impelle a rapida canôa pelo trilho desconhecido do mar... Mais além ha de haver um recanto occulto, fóra da terra, onde o seu amor possa florescer, alheio á colera dos deuses...

Dextro como nenhum na pesca da perola, Matahi acaba de retirar do fundo das aguas a mais linda gemma que na ilha aonde os amantes foram ter já se tinha visto. E para celebrar o feliz achado, vae o joven com sua amada ao botequim da aldeia, e, entre mercadores e marinheiros, entram a dançar e a beber.

Rery, reclinada ao peito forte do amado, julga ter encontrado ali, longe da ira dos deuses, a remissão do terrivel tabú, a verdadeira felicidade de outros tempos...

* * *

A' noite, emquanto os dois fugitivos dormem na sua choça de palhas, sobrevem a Matahi uma doce revelação. Sonha com bancos de perolas, as mais soberbas perolas do mundo, o bastante para com ellas comprar a sua liberdade, rumando a terras mais distantes...

E na manhã seguinte, tal como fizera em sonho, corre o mergulhador ao local dos seus encantados thesouros... Afunda-se nas aguas remançosas das lagunas e de lá exsurge, em realidade abysmante, trazendo na mão uma perola negra — a mais bella perola do mundo!

Mas ao regressar á cabana, para dar as bôas novas á sua amada, não encontra Reri. Oh, triste sina dos amaldiçoados!

(Conclue na pag. 56)

Mocidade!

Tinha chegado a familia pesada.

Gente de Peso

Um film da Metro, com

Marie Dressler

Poly Moran

Anita Page

Buster Collier

PAULINE Rochay, proprietaria de um luxuoso instituto de belleza, convida sua irmã, a gordissima e sempre atarefada Marie, esposa de um carteiro do interior, a ir morar em sua companhia, na cidade. Joyce, a filha de Pauline, muito vaidosa, cheia de preconceitos, dada á aristocracia, procura impedir essa visita, mas Pauline teima em proteger a irmã. Assim, um dia, na Grand Central Station, desembarcaram, num alvoroço terrivel,—Marie, seu marido Elmer, sua filha Vivian e o filho menor, o endiabrado Marty, que, logo para começar, enfiou o pé direito numa jarra de metal e de lá não o arrancou sem primeiro pôr todo o mundo revolucionado, na estação, para grande desespero de Joyce Rochay, que soltou diversas pragas, aos seus parentes que chegavam do interior, unicamente para envergonhar a familia...

Marie torna-se assistente de Pauline, emquanto a filha de Marie, a linda Vivian, é a caixa. Tommy, um rapaz também empregado nos correios, interessa-se por Vivian, mas esta tem maior sympathia por Johnny Beasley, o namorado de Joyce, o que fáz com que a filha de Pauline mostre ainda menos sympathia pela prima.

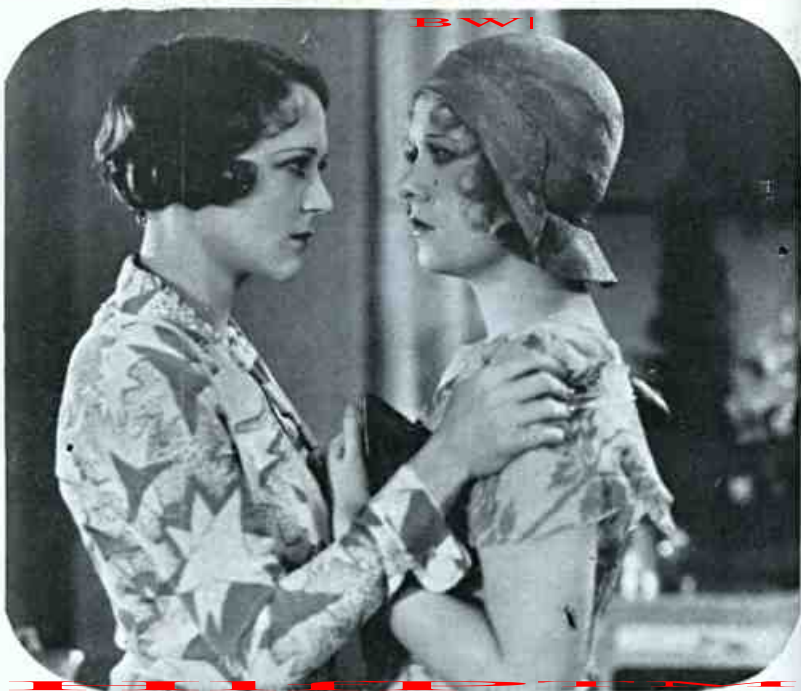
Emquanto isso acontecia, no Instituto de Belleza, succedem as coisas mais engraçadas com a afobação de Marie, que quebra uma infinidade de apparelhos, faz os tratamentos errados, etc. Polly, sempre afobada, mas procurando não quebrar a sua distincção de grande dama, solfre com isso, mas, finalmente, perde a paciencia e diz os maiores desaforos á irmã.

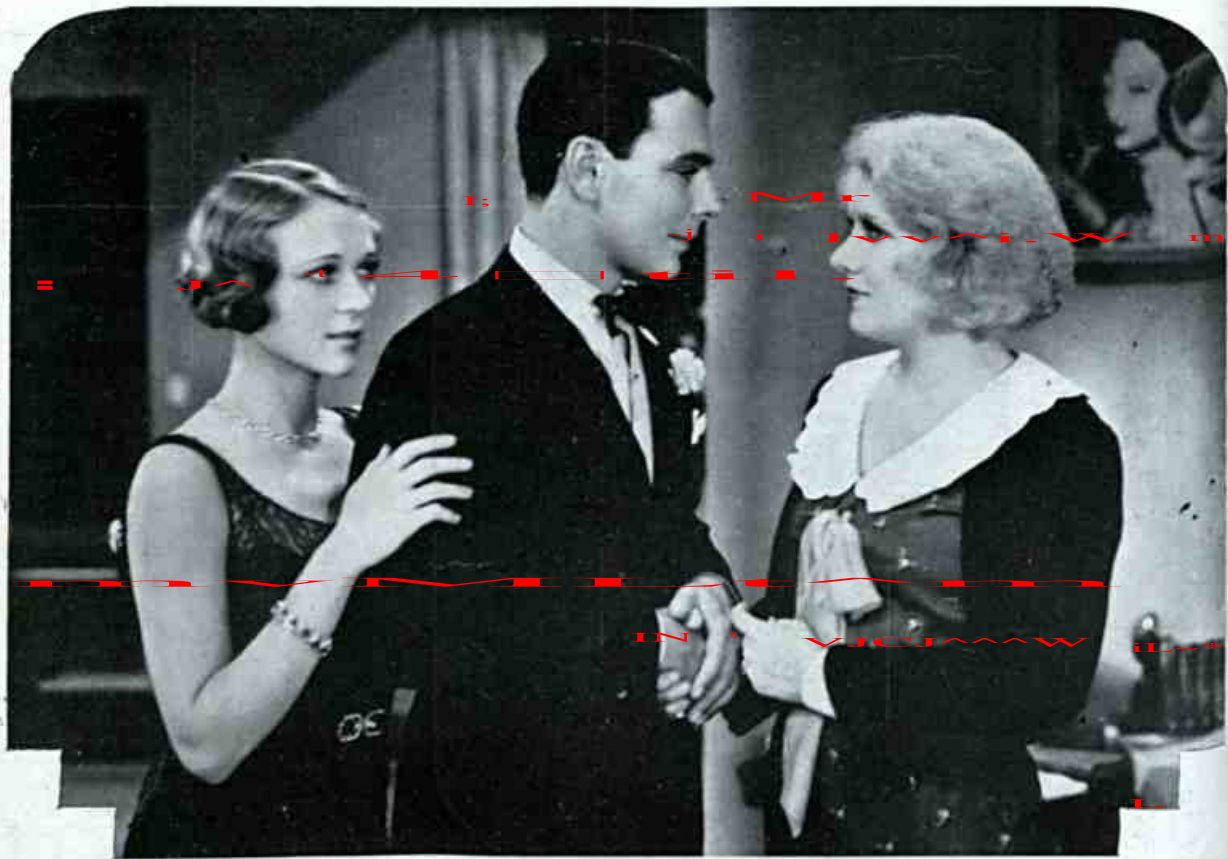
A situação se torna peor quando Polly também estende a sua perseguição a Elmer Truffle, o marido de Marie, que consegue, afinal, um

Atrevimento de moço rico.

emprego de carteiro nos Correios de Nova York. Com esse emprego, Marie chega á conclusão de que o melhor seria não depender mais da irmã, e, assim, alugando um quarto para residir sozinha em companhia do marido e dos filhos, abandona a casa de Polly, que dá graças a Deus por se ver longe "daquella gentinha do interior"...

Num bairro pobre da cidade, Marie arma a sua "tenda" e lá vive mais ou menos feliz, mas eis que um dia apparece Johnny Beasley e convida Vivian para um passeio. A pequena acceita o convite, mas Marie fica preoccupada, por dois motivos: um, porque Johnny era um rapaz da alta sociedade, e os rapazes da alta sociedade, quando se entregam a amores com uma pequena pobre como Vivian, é porque têm em mente qualquer coisa menos digna, e outro, porque Johnny era, officialmente, o namorado de Joyce Rochay, e de um momento para outro Polly poderia gritar que a sobrinha queria roubar o namorado de sua filha.

Johnny sae em companhia de Vivian, entretanto, e pouco depois apparece, chorosa, a sobrinha de Marie. Humilde, ella conta á tia o que se passara entre ella e Johnny. Apprehensiva com a narrativa, Marie despede a sobrinha e, tomando de uma velha garrucha que pertencera a seu avô, sae em disparada para o palacete de Johnny. Não, que ella precisava ajustar contas com o rapaz, porque elle não devia ter feito o que fez com a sobrinha, e não deveria, nem por nada, fazer o que poderia fazer com a filha... Quando ella chega lá, porém, Vivian já se havia ido. Ella entra, então, em conversa muito séria com o rapaz. Fala-lhe á consciencia. Elle não deveria ter feito o que fez. Devia casar-se com Joyce; ella era uma moça digna. Tocou-lhe o coração. Elle concordou e ainda agradeceu.

No dia seguinte, alvoroçada, Polly terminou para a irmã, para dizer que a filha se casaria com Johnny Beasley. Ora, que novidado para Marie! E por signal que não se casariam, porque já estavam casados. Pois se ella, pela madrugada, levara Johnny e a sobrinha á casa de um juiz de paz, para o casamento!...

Rivaes.

Não guardava rancores.

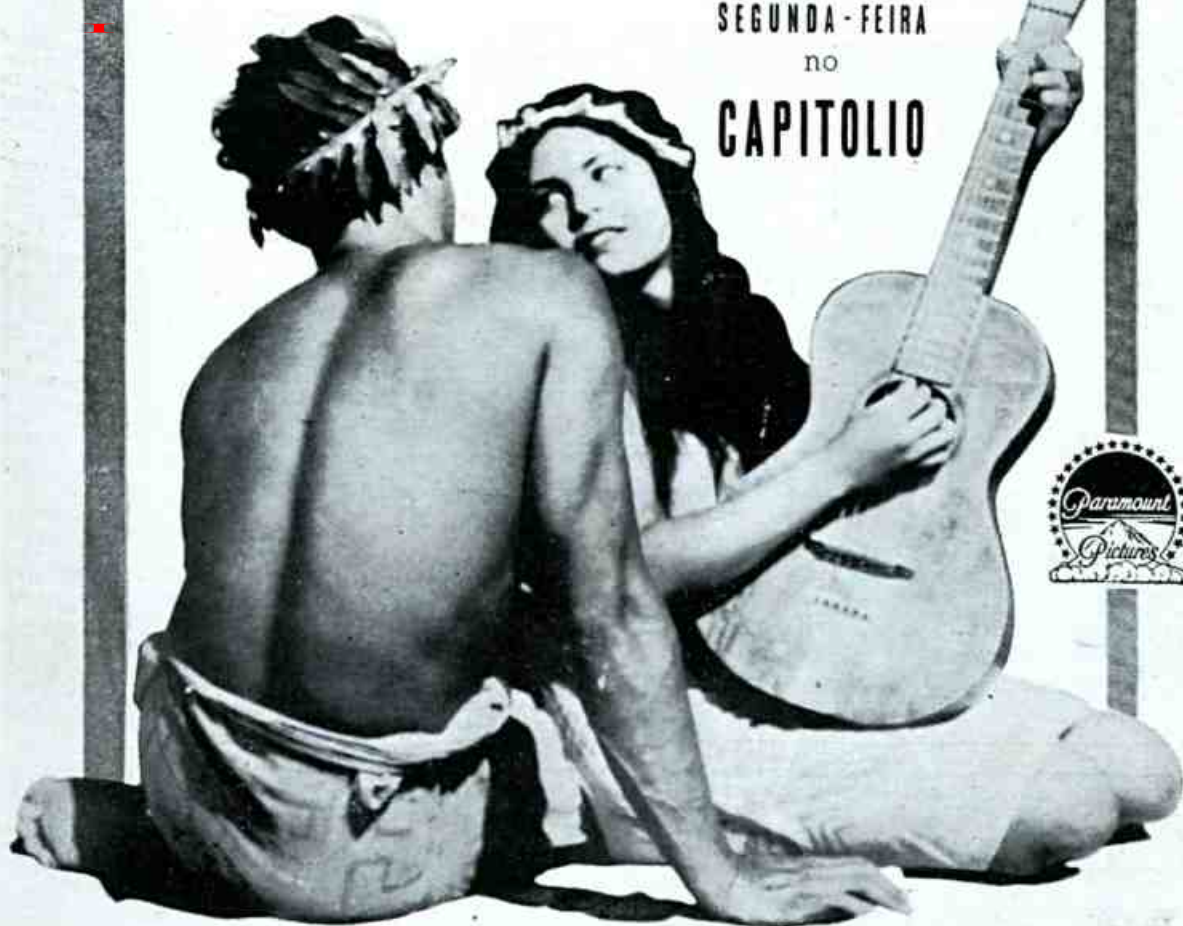
Tabu

UM IDILIO QUE TEM A DOÇURA E A TRISTEZA DE UM ULTIMO BEIJO DE AMOR!!!

A ultima e maior producção de

F. W. Murnau

SEGUNDA - FEIRA
no
CAPITOLIO

Paramount Pictures

NOTAS DE ARTE

DE OSCAR D'ALVA

JAN KUBELIK — Celebridade mundial que no apogeu da fama fez a volta do mundo, chegando até nós, ha vinte annos, surgiu no Municipal o glorioso violinista tchecoslovaco, Jan Kubelik, executando, além de varios extraordinarios, os seguintes numeros, nos dois concertos realizados em a noite de 28 e na tarde de 30 de agosto: I) Saint-Saens — *Concerto em si menor*; Beethoven — *Romance em fá maior*; Bach *Preludio* (violino solo); Schumann — *Abenlied*; Weniawsky — *Souvenir de Moscou*; Kubelik — *Ballade* e *Danse des Octaves*; Paganini — *Campanella*; — II) Bruch — *Concerto em sol menor*; Weniawsky — *Concerto em ré menor*; Mozart — *Romance*; Saint-Saens — *Havanaise*; Paganini — *Le Streghe*.

Não sabemos se defeito da nossa sensibilidade ou se effeito do tempo decorrido entre as antigas e as novas audições de Kubelik, a verdade é que nos pareceu fomos agora menos emocionados que dantes. Certo nada ha que dizer da arte perfeita do violinista. O manejo do arco, a agilidade das mãos, a technica impeccavel com que vence as mais difficeis paginas, a extraordinaria virtuosidade, emfim, tudo são primores. Mas alguma coisa notámos que não nos deu toda a emoção desejada. Nem sempre sentimos o *frisson* provocado pelas interpretações excepcionaes. Entretanto, se foi essa a impressão do conjuncto dos dois concertos, muito outra a de diversos numeros executados. O *Preludio*, de Bach, o *Abenlied*, de Schumann, o *Adagio* do *Concerto* de Bruch, a *Romanza* do *Concerto* de Wieniawsky, o *Romance* de Mozart e *Le Streghe* de Paganini, e a peça para solo de violino que constituiu o 2.º extra do 2.º concerto, deram-nos grande impressão. Reappareceu-nos então o Kubelik de vinte annos atrás.

Como quer que seja, apesar da restricção que sinceramente externamos, sem querer dizer sejam ellas acceitas por todos os que assistiram aos recitaes, o certo é que gozámos horas de arte, de arte verdadeira e pura. E para esse gozo muito contribuiu o dr. Otto Herz, que não foi apenas um acompanhador, mas assumiu as proporções de um grande pianista dialogando com um grande violinista. Não se ouviram apenas peças de violino acompanhadas pelo piano, mas verdadeiros duettos de violino e piano...

O ultimo concerto de Kubelik, realizado no T. M. na tarde de 2 de setembro, se foi o 3.º na ordem chronologica, foi o 1.º pelo valor artistico das interpretações. Em nenhum dos anteriores o grande e glorioso mestre do arco attingira ás culminancias a que attingiu no ultimo. Não se mostrou apenas o extraordinario technico do violino, para quem a arte de manejar o magico instrumento não tem mais segredos, mas revelou em toda a plenitude a qualidade maxima de verdadeiro grande artista: o poder do transmittir, com genio raro, a propria sensibilidade, a faculdade de tocar, fascinando intensamente o coração dos ouvintes. Esse deslumbramento emocional experimentamol-o ouvindo quasi todos os numeros, que foram: *Concerto em si menor*, de Mendelssohn; *Concerto em ré maior*, de Paganini; *Aria*, de Bach; *Menuetto* e *Burlesque*, de Kubelik; *Aires bohemiennes*, de Sarasate. Mas um houve que sobrepujou a todos: foi o *Concerto* de Mendelssohn. E' possivel outras celebridades o toquem tão bem como Kubelik, mas nenhuma o tocará melhor. Sentimo-nos, como todo o auditorio, commovido, encantado, arrebatado pela magia technica e esthetica da interpretação sem par.

Como nos primeiros, no concerto final, o dr. Otto Herz não foi apenas pianista acompanhador, mas parceiro do violinista. Quasi pode dizer-se que o concerto não era só de violino, mas um duo de violino e piano.

Requestado insistentemente pelo publico que enchia quasi todo o Municipal, e o applaudia sem cessar, Kubelik brindou o auditorio com alguns numeros extraordinarios, que foram novos motivos de novos applausos.

EROS VOLUSIA — Mais um bello successo de Eros Volusia: o vesperal choreographico, realizado no theatro Casino em 6 de setembro, perante uma sala inteiramente cheia. Intervallado por bellos trechos musicaes, como *O cysne*, de Saint-Saens, *Gavotta* e *Vecchio Menuetto*, de Sgambatti; *Barcarola*, de Arensky, e *Tango*, de Albeniz, e mais ou menos commentados por allocuções em prosa ou verso, pronunciadas pelos jovens escriptores Paschoal Carlos Magno, Roberto Macedo, Deomar Barrense e Luiz Martins, dançou a joven e talentosa bailarina patricia os seguintes numeros: *Yara* e *Ultima folha do outomno*, de J. Octaviano; *Ansia de azul*, de Debussy; *Dansa russa*, de Tschaikowsky; *Agonia da saudade*, de Rimsky-Korsakow; *Lundú*, de N. N.; *Amor de Iracema*, de Peixoto Velho; *Labareda*, de Manuel Falla; *Oração*, de Mendelssohn; *Jongo*, de Benedicto Lacerda.

A impressão dos bailados de Eros Volusia, é que a menina que apenas adolesce, sem cultura systematica, por simples e excepcional intuição, sabe viver, com invulgar talento e arte espontanea, a vida musical dos gestos e attitudes. Se se nota, especialmente em certos numeros, carencia de synchronização entre os meneios e e as notas, se se pode discordar algumas vezes da mimica da artista em relação ao sentido dos bailados, em todos destaca-se a grande naturalidade e a vida que os anima. Todos agradaram e muitos realmente emocionaram. Entretanto assignalamos especialmente: *Dansa azul*, em que a arte revelada não era a de uma dançarina que só tem por guia a propria intuição, mas a de uma artista já familiarizada com a cultura technica da sua arte; *Ultima folha do outomno*, em que Eros Volusia viveu dançando, com rara belleza, a tragedia da folha morta.

Além das duas obras-primas, citemos ainda *Lundú*, que foi bisado e que, embora dança popular impudica, assumiu as proporções de uma chorea graciosa, purificada pela arte deliciosa da joven interprete.

Crescendo em idade e em cultura, a pequena artista de hoje poderá ser uma das maiores entre as grandes artistas de amanhã.

Mancha que não se limpa

Indanthren

UMA pequenina mancha no seu lindo vestido! Não é nada; chegando em casa a leitora lava cuidadosamente com agua morna e sabão de Marselha a parte manchada e põe-no a seccar á sombra.

Tomou todas as precauções; nem usou agua fria, nem sabão com potassa, nem poz o vestido a enxugar ao sol. Sim, senhora! Mas, qual não é a sua decepção ao verificar que a mancha desappareceu é verdade, mas no logar em que ella existia abre-se um largo circulo em que a côr do tecido já não é a mesma.

A differença não será grande; a fazenda está apenas levemente esmaecida naquelle logar; mas isso é o bastante para que a leitora não possa mais sair á rua nem fazer uma visita com aquella toilette.

Qual a razão? Simples. A fazenda do seu vestido não era de côr fixa; a simples acção da agua diluiu, levemente embora, a anilina usada na fabricação do tecido e espalhou-se em volta do logar lavado.

Mas isso só acontece hoje ás senhoras imprevidentes; porque a Chimica industrial já resolveu o problema da côr fixa; hoje encontram-se no mercado fazendas tintas com corantes Indanthren, cujas côres são firmes, resistentes ao sol, á chuva e ás repetidas lavagens, mesmo com sabão ordinario.

Tudo depende da leitora exigir sempre do seu fornecedor que lhe dê fazendas marcadas com a etiqueta registrada Indanthren, que garante a insuperada fixidez do colorido.

NÃO INVEJE SUAS AMIGAS

Tenha confiança em DAGELLE *e nos seus maravilhosos preparados*

NÃO inveje a seductora belleza de suas amigas. Facil lhe será conservar a sua tambem, cultivando a perfeição da sua pelle. Uma cutis assetinada e um collo de alabastro, são os principaes encantos da mulher.

Durante o dia, e sempre que tiver de retocar a sua "maquillage," empregue o Creme Evanescente de Dagelle, maravilhoso producto de effeito instantaneo. Espalhe uma leve camada no rosto e collo, friccionando suavemente até que elle desappareça. O creme se tornará completamente invisivel, deixando a epiderme macia e assetinada. Em seguida, poderá applicar o "rouge" e o pó de arroz. O Creme Evanescente, servindo-lhe de base, garantir-lhe-á a adherencia por longas horas, dando ao seu semblante maior encanto e realce. Use o Creme Evanescente nas mãos tambem, para tel-as sempre macias, gentis e aristocraticas.

Para que a belleza seja permanente, é necessario conservar a pelle sadia. Empregue o Creme Perfeito de Dagelle todas as noites. Os oleos finos e delicadas essencias de que se compõe, limpam completamente a pelle, eliminando as impurezas accumuladas durante o dia. Applique-o sem parcimonia, friccionando bastante. Tire o excesso do creme com papel fino ou toalha de linho, removendo assim os restos de pó de arroz ou de "rouge" e as particulas de poeira que se acham accumuladas na pelle. A epiderme assim purificada, absorbe uma certa quantidade de oleo do creme, que continua a sua acção benefica durante o somno.

Pela manhã, finalmente, desperte a sua pelle com Vivatone, o esplendido revigorante de Dagelle.

Applique Vivatone ao rosto e collo com um coxim de algodão, préviamente mergulhado em agua fria, e ficará maravilhada com o brilho juvenil que transmittirá á sua cutis.

Para lhe remettermos o *Estojo Especial de Belleza*, destaque o coupon abaixo e envie-o, com a importancia de Rs. 5$000.

DAGELLE — R. Theophilo Ottoni, 44 — Rio de Janeiro — 2 P O

Queiram enviar-me um Estojo Especial de Belleza, contendo os tres admiraveis preparados de DAGELLE. Junto envio a importancia de Rs. 5$000.

Nome...

Rua e N..

Cidade.............................. Estado...............

EFFEITO DA LUA...

A fazenda "Chanaan", em Guaratinguetá, do coronel Quincas Boião, era uma das maiores propriedades existentes nessa adeantada cidade de S. Paulo.

O coronel Quincas Boião era uma alta influencia local, chefe politico, presidente da Camara Municipal, commandante de uma brigada da Guarda Nacional, presidente da Sociedade Lavoura e Industria, delegado de policia, provedor da Irmandade Nossa Senhora da Apparecida e grão-mestre da loja maçonica "Liberdade".

Dentre os innumeros sitios da fazenda, destacava-se o "Sitio da Pedra", pela sua bella e abundante lavoura. O sitiante era o preto Adão, ex-escravo da casa, que, desde a lei de 13 de maio, ali vivia, ao lado da sua companheira Bazilia e seis filhos.

Comquanto já se abeirasse dos sessenta e cinco annos, era um négro forte e assaz trabalhador, e a sua Bazilia contava já seus quarenta seguros.

Sendo épcca da colheita de canna para moagem, Adão, que era um dos carreiros da fazenda, tinha de abandonar a sua lavoura, pelo que apalavrou, com "seu" Manoel, que chegára ha pouco da sua aldeia, em Portugal, para tratar da plantação, pois era tempo do plantio do feijão e do milho.

O negocio, a exemplo do da fazenda, era a meias.

"Seu" Manoel, sendo socio de Adão, entendeu que devia associar-se nos amores de Bazilia.

Passam-se os tempos e mais um pimpôlho veiu augmentar a prole do nosso carreiro.

A creança, em vez de ser portadora, como seus irmãos, da alegria para a pobre casa de sapé, trouxéra a desharmonia para esse lar, porque não era preta como as outras, mas mulata.

Na sua logica de homem rude do campo, não achava Adão meio de explicar o porque de dar feijão mulatinho num pé de feijão preto, isso na sua rústica linguagem.

Não podendo supportar a traição de Bazilia, enxotou-a para fóra de casa.

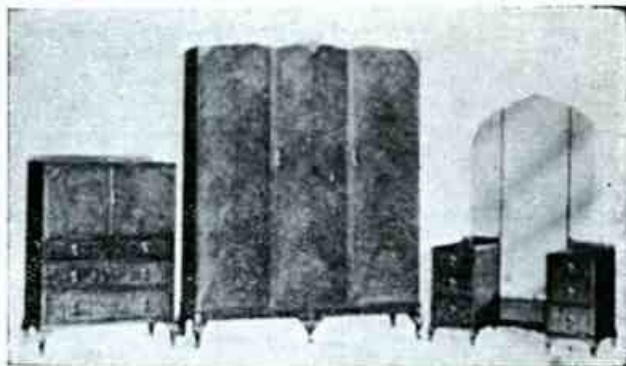
E lá se foi a infeliz adúltera, regando, com as lagrimas do arrependimento, a branca estrada que ia dar á vetusta vivenda, em que estavam os sinhós moços.

Ajoelhada aos pés do coronel Quincas, confessou ella a verdade, e, com a mão do fazendeiro collada aos seus grossos beiços, alagando-a com pranto sincero de arrependida, implorou-lhe que fizesse com que seu Adão não a abandonasse. O coronel Quincas, que, além de possuir uma alma generosa, estimava tambem ao pae Adão como á mãe Bazilia, pois haviam sido escravos muito bons do seu fallecido pae e um dos seus filhos fôra amamentado por Bazilia, immediatamente mandou chamar Adão.

— Então, pae Adão, que diabo é isto?

— Ah, siô môço, Bazia me enganô com Manué.

— Enganou nada, pae Adão! Então, depois de tanto tempo, ella ia enganar-te?

— Oia meu siô, vancê já viu no mêmo pé de feijão prêto nacê feijão mulatinho? Vê! eu sou nêgo cumzêra tambem...

De Teixeira Campos

como é que esse *fio* sae mulato? Tenho ou não tenho *rezão*, *sió môço*?

— Não tens razão, pae Adão; mãe Bazilia jurou que tu estás levantando um falso.

— Eu?...

— Tu, sim. Ouve-me, e verás si ella tem ou não tem razão.

E o velho Adão se quedou, arrimado no seu pau de ipé, com o queixo apoiado sobre a mão, olhos desmesuradamente abertos e fitos na bocca do coronel Quincas, e passando, de quando em vez, os seus callosos dedos na carapinha.

— Ouve, Adão. Tu sabes a influencia que a lua tem sobre as plantas e sobre os animaes...

— E' *védade*, *si sió*.

— Tu não vês, quando a lua é bôa, como nascem os pintos grandes, gordos e fortes?

— E' *védade*, *si sió*.

— Tu não vês que o milho, o feijão e tudo que é apanhado em bôa lua, secca depressa e não bicha?...

— E' *védade*, *si sió*.

— Tu não vês como a madeira apanhada em lua forte, clara, se torna na madeira clara, bonita, sêcca depressa e não racha?

— E' *védade*, *si sió*.

— Pois bem, Adão, o teu filho nasceu em bôa lua. Dize-me cá uma coisa: não foi em lua cheia, de luar?

— *Fô*, *si sió*, o *luá* era *craro*, que a estrada parecia prata.

— Pois bem, si teu filho nasceu claro, foi effeito da lua.

E o infeliz Adão, com a sua alma simples de roceiro e com a sua illimitada confiança no seu *sió môço*, cedeu á habil argumentação deste, ficando não só convencido, mas tambem arrependido de ter corrido de casa a sua velha companheira.

Chegados, á sua casa de sapé, abraçaram-se, ambos com os olhos arrazados de agua, ambos dominados pelo arrependimento; elle, arrependido de ter duvidado da sua Bazilia, e ella, com o remorso a torturar-lhe a alma, por ter trahido o seu bom e leal companheiro.

Tres annos depois desse facto, hospedava-se na casa do coronel Quincas Boião o doutor Manoberto, que ia installar em Guaratinguetá a sua tenda de clinico.

O recem-chegado era um bahiano mystico, espadaúdo, feio, porém um tanto intelligente e preparado.

Insinuante, como sabem ser todos os bahianos, grangeára, dentro em pouco, a amizade de toda a familia Boião e, bem assim, a confiança do senhor c o r o n e l Quincas.

Tal era a estima de que gozava o joven medico, que alli não se almoçava nem jantava, sem que elle estivesse presente.

D. M i l o c a, esposa do fazendeiro, era uma senhora bonita, clara, cabellos castanhos, de olhos igualmente c a s t a n h o s. Filha de um alto funccionario publico na capital paulista, recebêra uma bem regular instrucção.

O dr. Manoberto conquistára-lhe o coração, e, trahindo a amizade e a franca hospitalidade desse até então feliz l a r, conseguira viver em *bôa entente* com d. Miloca.

Mezes depois, notava-se grande movimento na fazenda: era o nascimento de mais um filho do coronel Quincas.

Ainda não eram passadas quatro semanas, quando desusado movimento sacudiu toda a familia Boião.

Pela mão do adultério entrára a infelicidade; pela mão da ingratidão entrára a desharmonia nesse lar, até então feliz.

Já o dr. Manoberto, a pretexto de chamado de sua familia, se alára com a sua *mulata velha*.

Já a casa do coronel Q u i n c a s não tinha a mesma vida, portas e janellas quasi sempre fechadas.

Estava o trahido fazendeiro cabisbaixo, acabrunhado, interpellando, com voz energica e dolente, a esposa indigna, quando entra pae Adão, que ia tomar a bençam a seus *siós* môços, e vêr o *sió Calinho*, que ainda não havia visto, desde que nascêra.

— B e n ç a m, meu *sió moço*; como vae o *seu Calinho*?

D. Miloca, a pedido de Adão, mostra o *seu* Carlinhos.

E o velho Adão se quedou, arrimado, sempre, no seu inseparavel páu de ipé, e disse:

— Meu *sió* môço tinha *rezão*. Meu *fio* naceu *craro* *pruquê* a lua estava *crara*. Agora o *fio* do *sió* môço *naceu* escuro. Tambem a lua foi minguante e sem *luá*... Effeito da lua...

Escriptores e Livros

Alberto Otto — A CRISE MUNDIAL, O OPERARIO DO SECULO XX E O COMMUNISMO — Paulo Pongetti & C. Rio — 1931 — 7$

TODO o indivíduo tem o direito de ter idéas, e expôl-as. O autor deste livro escolheu um assumpto demasiadamente complexo, para bordar considerações acerca do mesmo, convicto de poder prestar excellente serviço á humanidade. Crise, trabalho, salarios, communismo...

Si taes assumptos estivessem ao alcance de qualquer intelligencia, os sociologos perderiam o prestigio de que vivem cercados...

O sr. Alberto Otto, com o seu trabalho, tem o intuito único de concorrer para a solução da crise que assoberba, actualmente, o mundo, conforme declara no inicio do livro.

Louvável intenção, mas...

Leiam commigo este trecho da pagina 27, sobre os impostos excessivos: "Entre os flagellos que anniquilam o commercio e as industrias, concorrendo para a crise, estão as rigorosas exigencias fiscaes. A tributação excessiva persegue os que estão progredindo e impede o caminho dos que querem progredir. Tem havido, até, casos de fallencias de alguns negociantes, antes de conseguirem abrir as suas portas commerciaes." Eis uma curiosa descoberta do autor. Uma nova modalidade de fallencias, de negociantes que morrem na casca do ovo...

Para evidenciar a vantagem da vida pratica sobre o estudo theorico, exemplifica: "João Candido, para citar um caso nacional, um simples marinheiro, na revolta de 1910, executou actos que num combate naval teriam assombrado o mundo. Sem estudos theoricos e sem cultura, manejou com maestria incomparavel os nossos grandes encouraçados, conduzindo-os, através da bahia, por logares onde as barcas da Cantareira não se aventurariam a passar!"

Quem escreve tamanha heresia não tem o direito de ser tomado a serio. Essa epopéa do almirante negro ficaria muito bem nas columnas dos jornaes sensacionistas, para o regalo do populacho ignorante, porém nunca num livro sobre assumptos graves. Emfim, recommendamos ao ministro do Trabalho a obra que acabamos de ler, pois o illustre politico ficará habilitado a desfazer o seu programma de administração, ainda a tempo de evitar que o paiz se precipite no abysmo...

Mas, não desanime o autor, porque algumas das suas idéas são razoaveis.

Barão d'Ascurra — NOVA MANEYRA DE FALLAR — Rio — 1931 — 4$.

A reforma ortographica inspirada pela Academia de Letras, e adoptada pelo governo, tem motivado sérias polemicas. O Barão d'Ascurra, humorista de primeira ordem, serviu-se do assumpto para uma *blague* formidável.

Rir, actualmente, é uma necessidade. Quem estiver atribulado com a crise, e outros males da época, encontrará, na *Nova maneyra de fallar*, um esplendido desopilador do figado.

São tres pessôas distinctas, muito conhecidas no meio literário, que apparecem mettidas na pelle do Barão d'Ascurra, e eu fico á espera dos novos livros annunciados para breve, principalmente a *Arte de bem vestir*.

MARTINS Capistrano, depois do estonteante successo de *Vertigem*, vae publicar *Xevroso*, novo livro de contos.

Renato Travassos — ORAÇÃO AO SOL — Editora Americana — 1931 — 5$

RENATO Travassos não carece de quem lhe resalte o talento. E' um poeta antigo, o que equivale affirmar um poeta de idéas e de larga inspiração. Conhece todos os segredos da poesia e maneja a penna com rara elegância.

Quando publicou *Oração ao sol*, obteve a consagração unanime da critica.

Agora, o poema apparece em segunda edição, revista e augmentada de outras producções inéditas.

E' quasi um livro novo, que reli com uma emoção nova.

Eil-o, em *Alvorada*:

Se profundas tristezas te consomem,
Homem,
Ergue-te, deixa os antros tenebrosos:
Busca do sol os raios luminosos,
Faze da luz a tua cruz,
E morre na luz!

Tal como um astro humanizado,
Faze da luz o teu calvario,
Morre na luz crucificado...

Não creias, pois, o teu destino vario:
Soffre aureolado, morre illuminado,
Chorando luz, pedindo luz, e ardendo em luz!

Para seres perfeito, mais fecundo,
Tal como o foi Jesus,
Embebe em luz as dores e as feridas,
E resuscitarás um dia noutras vidas,
Em outro mundo...

... ...

E' um encanto a suave philosophia do seu verso.

Gustavo Barroso — A ORTOGRAFIA OFICIAL — Civilização Brasileira Editora — Rio — 1931 — 3$.

GUSTAVO BARROSO acaba de publicar mais um livro de indiscutivel utilidade pratica no momento em que o governo vem de officializar a ortographia oriunda de um accordo firmado entre os dos maiores cenaculos das letras, do Brasil e Portugal.

A matéria do volume obedece á ordem seguinte: A reforma ortographica de 1907 — A reforma da ortographia de 1912 — A uniformização graphica de 1924 — A reforma ortographica de 1929 — O accordo entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia das Sciencias de Lisbôa — Bases do accordo ortographico — Como se deve escrever — O formulário ortographico official — A officialização do accordo ortographico — Formulário alphabetico.

As considerações que o eminente acadêmico faz sobre a matéria do livro são muito interessantes. Depois de mostrar que todos os idiomas têm sido a pouco e pouco simplificados graphicamente, defende o trabalho da Academia Brasileira, de onde nasceu a idéa básica da reforma portugueza. Brilhante e erudito, Gustavo Barroso convence que, de facto, só nos resta um caminho a seguir: adoptarmos a graphia simplificada, que facilita o ensino da lingua e auxilia a sua diffusão.

Assim já pensava Machado de Assis, o Mestre, e os recalcitrantes, por fim, acabarão vencidos...

TEOFILO Leal, autor de *Frei Miguelinho*, annuncia para breve um novo livro, *Esqueletos vivos*.

Mario Poppe

UMA MULHER COMO MUITAS...

ANDRE' Lauvier acabava sua "toilette" com a pressa de quem quer se ver fóra, mas, enervado, desajeitado, sua pressa mesma o retardava. Em pé, perto delle, furibunda, sua joven mulher, Miquelina, crivava-o de injurias e reprimendas agudas como pequenas flexas, e o lindo pyjama de côres berrantes e bizarras com que estava vestida, só por si offerecia, a um espectador desinteressado, uma nota bastante cômica. Mas André apenas tinha uma ligeira noção do que ella lhe falava um tanto ferinamente.

Não lhe respondia uma palavra. Era assim, aliás, que sempre fazia. Com trinta annos, um metro e noventa de altura, espaduas de athleta, tinha, no emtanto, uma alma de criança fraca e timida, sempre amedrontada na presença dessa mulherzinha frágil, loira e linda, cuja voz aguda, estridente, lhe feria os ouvidos de vez em vez. E, que responder, se elle ignorava completamente o motivo daquella scena, não se lembrando de ter causado, mesmo involuntariamente qualquer aborrecimento á Miquelina? Também não era preciso que elle offerecesse qualquer motivo, porque, com ou sem razão, as scenas se repetiam diáriamente.

Sahiu, emfim, quasi de fugida, mas sempre perseguido por Miquelina e suas invectivas.

Na rua, respirou, accendeu um cigarro e olhou, com um olhar de syupathia, para os transeuntes, que se lhe eram estranhos. Ao menos não lhe eram hostis. As mulheres, lindas e jovens, também o interessavam. Fariam ellas as mesmas scenas com os seus maridos? — dizia, falando para elle proprio. Não, todas certamente que não. Havia muitas que tinham uma indole suave, doce e meiga. Por que, então, amar unicamente a Miquelina, que o desolava com as suas violencias iníquas, impiedosas, e que era tão frivola quanto autoritaria no seu egoismo?

"E' lamentavel isso — dizia-se — tenho tantas qualidades para ser feliz: uma situação independente e rendosa, optimas relações, sólidas e úteis, um apartamento encantador, uma casa de campo confortavelmente installada: sou moço ainda, tenho uma mulher correspondente inteiramente ao typo de belleza que prefiro, que é fina, intelligente, mas que, com o seu caracter estraga tudo, e faz de mim um homem infelicissimo."

A scena da manhã, mais violenta do que de costume, tinha-o magoado profundamente. Residindo muito distante do seu escriptorio, almoçou, como fazia habitualmente, num restaurante. Almoçou sem appetite. Os negócios de que tratou durante a tarde pareceram-lhe fastidiosos e fatigantes. Ao anoitecer sentiu que um verdadeiro mal estar physico se confundia com o seu mal estar moral. Voltou cansado, com a cabeça pesada, tomando uma capsula que não o alliviou. Disse á Miquelina que parecia estar doente. Ella ouviu-o sceptica, mas não fez scena. Deitou-se sem jantar e teve uma noite de febre, entrecortada de insomnia.

Ao amanhecer, por um grande esforço de coragem, levantou-se, preparou-se, desceu, mas teve de tornar a subir, cambaleante, tomado de vertigens, com a cabeça a arder. Estava muito doente — disse á Miquelina — e tornou a deitar-se. Miquelina, sem nada dizer, telephonou a um medico, amigo de André.

No seu leito, agitado pela febre, cheio de dores vagas e múltiplas, soffria uma angustia moral mais cruel ainda do que a sua angustia physica. Estar doente e ter como mulher... Miquelina! Não poderia contar com ella para tratal-o e não lhe reclamaria essa obrigação. A não ser uma catapora, quando criança, gozara sempre de uma saúde invejável. Ha quatro annos desposara Miquelina e ella nunca o vira doente. Tinha vergonha de o estar, agora, certo de que ella se aborreceria com isso, que ella o desprezaria ainda mais na sua prostração physica, exasperando-se por lhe haver trazido um incommodo que viria perturbar a agradavel vida mundana a que ella tanto se dedicava. Impunha-se uma resolução e elle a tomou.

O medico veiu logo e examinou o doente.

— Dize-me a verdade — perguntou-lhe André — é grave?

— Oh! grave...

— Pode prolongar-se muito? Preciso sabel-o.

— Se sobrevierem complicações, sim.

— Então, escuta: vaes fazer-me remover para uma casa de saúde...

A porta do quarto abriu-se.

— Que dizes, clamou Miquelina, que não assistira ao exame, mas que, naturalmente, ficara de ouvido á porta, á escuta. —

De Frederico Boutet

— Digo que quero ir para uma casa de saúde até restabelecer-me.

— Não. Quero! Tu estás louco! Vaes ficar aqui e eu te tratarei. Uma casa de saúde, que idéa! Não é, doutor, não será melhor ficar aqui?

— Mas o trabalho, o incommodo, a canseira que isso te dará, querida Miquelina... Ao menos, faze vir uma enfermeira...

— De modo algum! Quero tratar-te eu mesma. A empregada me ajudará, se fôr preciso. Dar-lhe-ei uma gratificação. Não insistas mais: está resolvido.

Habituado a obedecer-lhe, André, a quem a febre escaldava, não insistiu mais. Estava espantado, ao mesmo tempo que commovido, mas achava aquillo desconcertante e que aquelle zelo e aquella solicitude não poderiam durar.

Sim, mas o zelo e o desvelo de Miquelina duraram durante toda a grave moléstia de André — uma grippe violenta e complicada. A' cabeceira do leito do marido enfermo encantadora no traje de enfermeira, que adoptára, ella, dia sobre dia, noite sobre noite, desempenhou, sem desfallecimento, sua missão de dedicação. Séria, devotada, attenta, paciente, sem alterações de humor, nenhum cuidado a transtornava, nenhuma fadiga a fazia esquecer qualquer coisa. O proprio medico estava pasmo de tanta coragem e tamanha resistencia numa creatura tão delicada. Nunca — dizia — nenhuma enfermeira o auxiliara tanto.

Para o enfermo, Miquelina tornara-se a imagem mesma da Providencia. Nos momentos de delirio repetia o seu nome, a todo instante. Nas horas de calma, voltava-se para ella, a fital-a longamente, como se isso o confortasse. Um pouco pallida, pelo cansaço e pela vigilia, ella parecia-lhe ainda mais seductora. E admirava-se do milagre que havia feito de uma pequena "furia", linda mas detestavel, um modelo de abnegação e de doçura.

— Como és bôa, minha querida!

— Cala-te. Não faço senão o meu dever — respondia-lhe Miquelina.

E André bemdizia sua doença, a sonhar quanto seria feliz, depois de restabelecido, ao lado de Miquelina transformada. Foi longa sua convalescença. A conselho medico elle fez uma estação de algumas semanas em uma praia do sul. Que linda estação! Elle renascia para a vida e, também, para a felicidade! Uma existencia nova abria-se deante de si, sob a fascinação irresistivel de Miquelina, cuja mansuetude tanto o enternecia!

Elle se persuadira da definitiva mudança da mulher a tal ponto, que não notou os primeiros signaes da tempestade proxima. Aproximava-se o fim da sua convalescença e, tambem, o regresso a Paris. Já, nesse tempo, Miquelina tinha, de vez em quando, gestos bruscos, palavras rispidas. Sua voz, a pouco e pouco, tornava ás entonações duras, estridulas, cortantes. André, afinal, começou a notar a alteração, mas não quiz ligar muita importancia ao caso, procurando illudir-se ainda um pouco. Não seria a sua susceptibilidade, aguçada com a doença, que o fazia desconfiar?

Cedo, porém, já em Paris, a realidade impoz-se de um modo irrecusavel com uma scena horrivel que, pela manhã mesma do dia immediato ao do regresso, Miquelina fez a André, emquanto elle se vestia. Nada faltou na "degringolada". Mettida no já conhecido pyjama de côres gritantes e bizarras, ella encontrou facilmente a voz rouca e má dos outros tempos, os sarcasmos ferinos, as reprimendas injustas, as injurias escolhidas com arte. André, espantado, pasmo, a principio ficou sem saber o que comprehender daquella inesperada explosão. E ouvia-a numa muda desolação.

— E, depois, não queiras, novamente, tornar-me a vida um verdadeiro inferno — terminou Miquelina, soprando de raiva. — Xão estás mais doente, hein! — para te tornares insupportavel! E, previno-te de que não darei um passo, que não me incommodarei. E, agora, vae-te, chispa!

Elle achou-se na rua, consternado, afflicto, acabrunhado. Desfazia-se, novamente, todo o seu sonho de calma e serena felicidade. A "furia" de outróra reapparecera, para não mais desapparecer. Sim, sem duvida, desappareceria de novo em um caso de nova doença, accidente, ruina. Porque Miquelina era a mulher das horas de revezes, de dores, de perigo. Sua natureza violenta não poderia ser jugulada senão quando se chocava, frente a frente, com uma catastrophe qualquer. Em tempos calmos, ella se desencadeiava.

E André, desesperado, reconheceu que não voltaria a encontrar a doce e meiga Miquelina senão quando, de novo, a desgraça o assaltasse.

SEARA ALHEIA

O homem solitario

Cada vez mais raro em nossa época, o homem solitario já não é visto como o era, frequentemente, em outros tempos. No emtanto, ainda existe, muito embora a sua vida deslise silenciosa e secretamente. A solidão é a sua força e, distanciado, afastado, quasi por completo, da grande faiça humana, é um ser estranho, absurdo, incomprehensivel. Alheio ao resto da humanidade, tudo o interessa e nada o apaixona. Nisto se distingue do egoista, que corre sempre para o seu, sem que o interesse o que é dos mais. Considera a vida uma pesada cadeia que é preciso arrastar sem pessimismo e sem violencia. Acabar logo, é o seu pensamento, porque reconhece que o seu verdadeiro reino está longe deste mundo.

O homem solitario é, geralmente, philosopho. A meditação creou em sua alma um grande e fervoroso amor á verdade. E esta é que o alenta e conforta na sua peregrinação pela terra. Fazendo suas as palavras com que Epicuro dizia "que a maior felicidade é a de sentir se alguém só em meio da multidão", frequenta os logares mais concorridos, para ficar tão mais solitario quanto maior é o tumulto em seu derredor. Então, pensa, sente e sonha, quasi a lamentar não poder ser como os que o rodeiam. — JUAN LOPEZ NUNEZ.

Perdido na neve

Em torno delle reina um silencio de morte. Os companheiros continuaram a sua marcha vacillante sem se advertir da sua ausencia. Assalta-o um subito pavor. Vae gritar, pedir, clamar soccorros... Mas, para que?... Ninguem o ouviria. A neve abafa e ensurdece todos os sons, todos os ruidos, todos os gritos. Como se sente cansado! Lentamente, curva-se, baixa-se, como querendo sentar-se e descansar um pouco; domina-o, porém, o frio apunhalante e brutal da neve. Seus dentes tamborilam uns nos outros e em sua garganta arde uma sêde inextinguivel. Toma, na mão enregelada, um pouco da neve e leva-a á bocca. Parece-lhe tragar logo e sente uma dor aguda, de chaga queimada, no estomago. E tem de morrer-se, morrer-se incansavelmente. Levanta um braço, depois outro, depois uma perna... Luta para se não deixar envolver pela neve. Mas, vence-o o cansaço e, então, estira-se sobre ella, a olhar, fixamente, o céo distante. Em certo momento, através de um claro que se abriu, contemplou as estrellas que mal brilhavam e recordou as que scintillavam faiscantes lá, longe, na sua terra. Uma dor angustiante opprime-lhe o peito. Nunca mais voltará a ver a sua terra!... Agora, porém, que lhe importa isso? Apenas pensa em adormecer para nunca mais despertar. — CLARA VIERIO.

TABÚ (conclusão)

Apenas um papel, deixado pela amada, conta-lhe o que succedera. Hitu, o velho sacerdote, viera buscar a preferida dos deuses. Matahi atira a pérola ao solo. Para que a riqueza, se lhe fugira a alma de sua alma? Corre para a praia. Além, desligando sobre a face luminosa das aguas, vislumbra um barco. O guerreiro deita a correr pela orla do mar. Atravessa baixios, cruza ilhotas e por fim atira-se ás aguas, em direcção ao barco.

Nada... nada... Retesando os musculos, a cada braçada mais se approxima do barco de Hitu. Sentado á pôpa, de olhar fixo na vela que o vento debilmente enfuna, o sacerdote segue impassivel.

Matahi, por fim, alcança o barco... Exhausto de cansaço, agarra-se a um pedaço de cabo que lhe cae das bordas... Mas antes que se possa firmar, a mão vingativa de Hitu, armada de afiada faca, corta-lhe este ultimo sustentaculo...

Ao fundo do barco, banhada em pranto pela irremissivel separação do seu amado, está Rery, que nem sonha sequer que ali viera ter, vencendo o mar e a ira de todas as maldições, o seu valente guerreiro Matahi...

A dura sentença dos deuses!

O barco, agora mais affeito ao vento, foge a todo panno...

Matahi tenta ainda, pobre delle!, seguir o seu rastilho de espumas... Mas faltam-lhe as forças... Pesa sobre a sua cabeça, como uma cupula de chumbo, a maldição dos seus deuses... As braçadas vão-se-lhe tornando mais espaçadas e mais debeis. As ondas do mar, acachoando sobre a sua cabeça, encobrem-no de todo, para depois, ao varrer de uma marreta, deixal-o vir novamente á tona...

Num ultimo golpe de vista, elle ainda percebe o barco que vae ao longe... O derradeiro alento escapa-se-lhe da bocca... e um corpo molle, dominado pelas aguas, desce para o abysmo verde do indifferente oceano...

E' o epilogo final.

No alto, como testemunhas lacrimosas, as estrellas da tarde derramam o seu pranto de luz... O vento cicia pelo cordame do pequeno barco... A' sua pôpa, impassivel e já o sacerdote Hitu, o vingador do eterno destino...

A musica do mar, numa litania vaga, derrama-se pela face do abysmo...

A noite desce agora vagarosa... e a lua, subindo do seio das vagas, parece vir receber no ether a alma daquelle pobre condemnado pelo amor... O barco desapparece no horizonte, levando Rery para mais longe, e do seu rastilho de espumas, como um decreto dos deuses, formam-se as quatro letras da mysteriosa maldição: t-a-b-ú...

CAIXA DE SURPRESAS

O CUMULO DA ECONOMIA

— Economia?... Como minha mulher, meu caro, não haverá, no mundo, creatura que seja tão economica.

— Como, então?...

— Para provar o que affirmo basta dizer-te que, a mim, que me chamo Gaspar, ella apenas chama... Par, meu Par...

— Par, por que?

— Porque assim tem a impressão de que está poupando o gaz...

CURIOSIDADES NO AMOR

— Callin de Planey, falando das guerras do imperio francez, escreveu que, nesse tempo, de cada cem conscriptos, vinte e cinco morriam "de... desgosto por se verem separados da mulher que amavam".

* * *

Quando uma joven africana, nativa de certa região do Congo, fica noiva, enche d'agua uma cabaça, que dá ao noivo para lavar as mãos. Depois, durante tres dias seguidos, ella não bebe outra agua senão a em que o noivo... lavou as mãos.

O JARDIM DO EDEN, NUM... RELOGIO

— Acaba de entrar nos Estados Unidos, procedente da Suecia, um relogio, fabricado neste ultimo paiz, ha mais de duzentos annos, no qual apparecem, estampadas em miniaturas, varias scenas do Jardim do Eden. Vêem-se, no mesmo, Adão e Eva, a serpente e a maçã paradisiaca, inclusive, ainda, alguns animaes que, nos seculos passados, symbolizaram virtudes e vicios da humanidade. A serpente, no relogio, é o ponteiro que marca os segundos, percorrendo, constantemente, as diversas scenas que ali se vêem. Todas as imagens estão perfeitamente conservadas.

FOLHAS SOLTAS

— O primeiro olhar de uma mulher é o unico com que ella não nos engana.

* * *

O futuro é o veneno que está no fundo de todas as nossas alegrias.

* * *

Os falsos pobres são os que falam mal da pobreza, porque não a comprehendem. — Lucien Nepoty

O DIREITO DE RIR

QUANDO sahi da França, ha dois annos, mais ou menos, deixei o meu amigo Paulo Chaon em plena e dolorosa crise sentimental. Havia surprehendido M a g d a lena, sua mulher, nos braços de um amante... e um amante que não era digno della. Exaltação dos sentidos, certamente, loucura momentanea, logo depois sinceramente lamentada, porque Magdalena era uma mulher moderada, terna, modesta, equilibrada, sensata mesmo. Tinha, então, vinte e dois annos contra os quarenta e cinco de Paulo.

Bem desejei não abandonar o meu amigo em semelhante transe; mas esperavam-me em Marrocos e eu já havia reservado meu camarote no vapor, a partir. Essa viagem deveria ter para mim as mais sérias consequencias. Paulo Chaon disse-me:

— Magdalena foi para a casa da mãe della. Vou requerer divorcio. Felizmente não temos filhos.

Em Marrocos tive de demorar mais tempo do que suppuz. Viajei muito e descuidei-me de escrever a Chaon, embora pensasse sempre nelle, a perguntar-me como teria terminado aquelle lamentavel caso domestico. Imaginava-o divorciado, talvez de novo.

Uma quinzena depois de meu regresso a Paris, tendo o meu taxi parado alguns minutos, numa rua, devido a um obstaculo qualquer, vi Paulo Chaon e Magdalena, juntinhos, caminhando pela calçada. Depois de alguns passos pararam. Iam separar-se. Trocaram um gesto de adeus muito amistoso e Magdalena, agitando, levemente, sua mão pequenina, enluvada, tomou uma rua transversal. Acompanhei com o olhar, durante alguns momentos, sua silhueta meneiante. "Reconciliavam-se — pensei... Chaon fez bem em perdoar. O coração daquelle animalzinho de mulher não tomou parte na sua momentanea loucura dos sentidos."

No dia seguinte, pela manhã, fui ver o meu amigo.

— Com effeito, perdoei. Mas ha apenas quatro semanas Magdalena está restabelecida.

— Ella esteve doente, então?

— Não, no ponto de vista medico; sim, com relação a mim.

"Vou dizer-te o que se passou: a principio, o horrivel desespero dessa infeliz; a confissão de uma fraqueza physica que a enchia de vergonha; e, a meus olhos, a evidencia da sua sinceridade. Acabei resolvendo chamal-a, de novo, para a minha companhia, jurando a mim mesmo não dizer palavra, não fazer a menor allusão sobre o que se passara. Restabelecemos a nossa vida commum, isso, porém, só para o mundo, para as pessôas das nossas relações de amizade, que tudo ignoravam, mas completamente separada na nossa intimidade.

Estudava todos os passos e attitudes de Magdalena; procurava penetrar os seus pensamentos. Vi-a submissa, attenta ao seu serviço de dona de casa, procurando, de todo modo, agradar-me. Mas, sobre sua physionomia, outróra tão vivida, tão moça e tão fresca, descera um véo de tristeza, de indizivel angustia.

"Não havia um só de seus gestos que ella não contivesse; uma inflexão de voz que não abafasse; se uma idéa alegre lhe vinha á mente, bastava ella notar que eu via, nos seus olhos, o reflexo dessa expansibilidade interior, para logo concentrar-se novamente, retomando, para falar, uma voz baixa, hesitante, humilde. Entre nós dois interpuzera-se uma coisa terrivel, que a fazia soffrer horrivelmente, esmagando-a, acabrunhando-a.

"Remorso, sim, e arrependimento tambem, mas, sobretudo, o sentimento de que ella nunca poderia ser a mesma mulher que fôra, o supplicio de se ver obrigada a conter todos os seus movimentos de alegria, todos os impulsos da sua mocidade.

"Não ousava mais rir; se eu arriscava uma pilheria, uma palavra de bom humor, ella acolhia o meu gesto contrafeita, como se quizesse dar a entender que já não tinha o direito de rir. Olhava-me com um olhar inquieto; multiplicava as provas de uma dedicação, de um devotamento de cãozinho humilde, depois baixava a cabeça, reconhecida, tomando um ar de criança timida, habituada ao soffrimento e ao desamparo.

"Procurei fazel-a sahir um pouco e levei-a, um dia, a assistir a um "vaudeville" engraçadissimo. A sala inteira era uma só gargalhada. Ma-

De Pierre Valdagne

Magdalena não poude resistir e o seu riso esfusiou, alegre, cantante. Mas, logo se deteve, constrangida, embicando-se a olhar-me desconfiada, com receio. E chegou, mesmo, a dizer este horror: "Peço-te perdão, Paulo; não deveria ter rido como o fiz. Acredita, porém, que não me pude conter!"

"Um dia achava-me no meu gabinete, em via de trabalhar. Magdalena, no seu quarto, cuja porta estava aberta, occupava-se em arranjar um chapéo. Era um chapéozinho de feltro beige. Olhava-a sem que ella me visse. Nessa fôrma de côr neutra, ella, despreoccupada, parecia divertir-se, procurando juntar-lhe uma grande pluma cinzenta, dando uma curva audaciosa, e que deveria cahir sobre a nuca. E ella poz na cabeça a sua obra, a ver se ficaria bem. O conjuncto estava de inteiro accordo com a moda da época, mas revelava uma invenção cheia de graça e de fantasia. Vi Magdalena collocar-se em frente do espelho. Parecia á vontade e ria para a sua propria imagem. No emtanto, retirou depressa o lindo chapéo, de forma extraordinariamente graciosa, e seus olhos velaram-se de indefinivel expressão de tristeza. Fez um gesto de desanimo, de indifferença com os hombros; retirou a pluma excentrica e, estou certo de que disse: "Estas fantasias não são mais para mim!"

"O ambiente, entre nós, tornava-se insupportavelmente pesado. Não posso dizer que Magdalena fosse infeliz. *Ella não o era* muito. Parecia, porém, já não vibrar. Refreiava todos os movimentos, naturaes e espontaneos do seu ser, porque tinha sido culpada e sua falta, erguendo-se entre nós dois, estendia sobre ella uma pesada sombra.

"Moro no 3.° andar. Em baixo, no 2.°, reside uma familia composta de pae, mãe e tres filhos. O mais velho tem quinze annos; o mais novo oito. Conheceramos muito pouco os nossos vizinhos, com os quaes mantinhamos simples relações de cortezia. Uma tarde cheguei em casa mais ou menos ás seis horas. Era na antevespera do dia de anno bom. Ao parar na escada, deante da porta dos meus vizinhos, ouvi gritos de alegria, risos festivos, todo o ruido feliz de uma sarabanda desencadeada dentro do appartamento, e pareceu-me ouvir a voz de Magdalena. Parei para escutar melhor. Nesse momento, o bando veiu parar á porta e uma das crianças, no cumulo da excitação, abriu-a por brincadeira. Encontrei-me, assim, sem o querer, deante de Magdalena. Ella estava travestida, ostentando na cabeça um desses gorros de papel que se distribuem nos restaurantes como *réclame*, da noite de anno bom. E, a brincar, ria-se loucamente com as crianças que a perseguiam, fazendo uma algazarra horrivel. Empallideceu ao ver-me e imobilizou-se. Depois, disse-me: "o senhor e a senhora Leclerc sahiram; divertia-me com as crianças. Não me censures, Paulo! Não pensei que viesses a ver-me, assim!" E, num impeto, quasi num grito, num clamor, accrescentou: "Ah! senhores! Sinto tamanha necessidade de ser alegre... eu, que sei, que já não tenho o direito de o ser!..."

"Pobre pequena! — disse Paulo Chaon. — Toda a sua mocidade envenenada, martyrizada, partidas as azas dos seus impulsos espontaneos, por causa desse medo, desse temor de mim — o seu julgador magnanimo, deante de quem ella se sente... humilhada! E' preciso dizer-te da piedade, da compaixão que invadiu? Não. Conheces os meus sentimentos. E resolvi curar a desventurada creatura. Da primeira vez em que ella foi, de novo, minha mulher, suas lagrimas, os grandes soluços, que lhe cortavam o folego, foram a unica expressão dos seus sentimentos. Depois, a pouco e pouco, ella foi conseguindo libertar-se dessa pesada camada de gelo e chumbo que a esmagava. E, dentro de duas semanas, já ri, torna-se novamente um pouco coquette; seus olhos já não têm aquella expressão de temor quando me fitam. Esta manhã, ouvi-a cantarolar.

E Paulo Chaon disse-me ainda:

— Ha um crime maior do que todos os crimes: é matar o riso num ser humano. Magdalena, suffocava-a, asphyxiava-se. Não pude supportar esse espectaculo. Seu renascimento para a vida encanta-me. Todos os direitos têm um limite. Matar a mulher infiel, está bem, talvez o acto se justifique. Mas, impedil-a, para sempre, de expandir a sua alegria, rindo, isso não! Seria mais que cruel!

A pequena sala de fumar estava quasi em trevas. A luz escassa de uma lampada não conseguia destruir os effeitos das espessas nuvens de fumaça que os cigarros de Ernesto e Jorge despediam sem cessar, com interrupções muito breves, que elles aproveitavam para humedecer os lábios e as gargantas com tragos de licôr.

Havia terminado a festa, festa de homem, á qual, como é lógico suppôr, compareceram algumas amigas intimas e não poucos companheiros de vida de salão...

Só elles estavam na casa, residencia do primeiro.

UM CORAÇÃO DE OURO

Refugiados no salãozinho, haviam começado as confidencias. Ernesto, desenganado e scéptico, ouvia, como quem ouve chover, as amargas confissões de seu joven amigo.

E Jorge, cada vez mais emocionado, continuava a confissão de sua tragedia.

— E' inútil — dizia. — Suspeito que gosta de mim mas nunca vejo nem adivinho nella a menor demonstração desse affecto que diz me dedicar. E' fria, sem inquietudes, sem esses detalhes emotivos que descobrem o amor feminino. Não a comprehendo, e isso me desespera.

— Por que? — aventurou-se a perguntar Ernesto.

— Porque a queria differente: mais affectiva, mais eloquente em seu amor. Mais...

— Mais... que?

— Mais... Não sei dizer-te. Quasi diria que não me atrevo. Tu deves comprehender-me. Tu me comprehendes...

— Talvez. Mas não me atrevo — é estranho, não é verdade? — não me atrevo a responder-te como deveras. Lucia é uma mulherzinha que deve ser amada assim, sem se exigir que mude, sem se desejar que se transforme, por receio...

— Receias o que?...

— Receio que mude muito.

— Que queres dizer?

— Coisa muito simples.

— Dil-o, então.

— Prefiro contar-te um conto muito interessante, do qual poderás deduzir minha resposta, sem grande esforço.

— Pois estou prompto para ouvir-te.

— Ouve-me, então... Faz muitos annos. Não interessa a data, nem o logar. Foi no mundo e occorreu um dia... O joven Gaetano estava cegamente apaixonado pela deliciosa condessa Antonieta de la Pomme de Pin. Gaetano parecia-se comtigo. Elegante, joven, talentoso, galante, afortunado...

— E ella?

— Era uma mulher do grande mundo, inaccessivel, como quasi todas ellas o são. Debalde o joven fazia toda sorte de esforços para agradál-a, enviando-lhe ricos presentes, flores, bonbons, jóias...

— Eu tambem...

— Cala-te! Não era Gaetano o único que soffria. Todos quantos se aproximavam daquella formosa creatura eram victimas de seus encantos.

— Exactamente como Lúcia.

— Continúo. Seus íntimos puzeram o apellido de "Juno", e este nome ficava muito bem á sua imperiosa belleza.

— Era muito bonita?

— Verás. Tinha uns olhos grandes, sonhadores e immoveis, como aquelles de que nos fala Homero. Olhos de boi, segundo a usual expressão do grande poeta grego.

— Até agora não vejo...

— Espera! Não sejas impaciente... A condessa era uma mulher cujos salões estavam sempre abertos á aristocracia e a todos os estrangeiros nobres. Alguns homens do grande mundo haviam-se batido por ella. Mas nunca o vencedor conseguia conquistar o coração dessa deusa.

— Interessante!

— E' estranho. Já o verificarás.

— Continúa tua narrativa.

— Um antigo duque de Veneza, retirado desde a Idade Média, se atirára ao rio do alto de uma ponte, desesperado pela attitude da dama.

— Diabo!

— Até os criados estavam apaixonados pela patrôa. O mordomo emmagrecia dia a dia, e o palafreneiro ficava cada dia mais pallido.

De Gabriel de Lautrec

— Que barbaridade!

— O coração da condessa era de bronze, de pedra, sem que esta particularidade physiologica parecesse influir em sua maravilhosa saúde.

— E Gaetano?

— O moço jurava que havia de fazel-a mudar.

— O mesmo que me proponho fazer com Lucia.

— A côrte apaixonada, devota, de Gaetano resultara inutil, assim como seus sonetos rimados exaltando-a e as balladas á luz da lua...

— Romantismo puro.

— E' verdade. Gaetano resolveu renunciar a seu amor, e se encerrou na bibliotheca de seu pae para se tornar um sabio...

— Pobrezinho!...

— Um dia descobriu, em um velho livro de magia, a formula para transformar os corações duros em corações de ouro e as formalidades que era necessario fazer para utilizar o extraordinario segredo.

— E aproveitou-o?

— Sim. Voltou á casa da dama e, aproveitando um descuido, realizou seu desejo.

— Tinha razão o livro?

— Tinha, sim. Quando o coração de "Juno" se transformou em coração de ouro, amou Gaetano, e este foi muito feliz...

— Ditoso delle!

— Mas a felicidade de Gaetano durou pouco, muito pouco.

— Volto a ter pena delle, si mo permittes.

— Veremos si continúas compassivo assim que eu terminar meu conto.

— Desespero-me por conhecer esse final.

— Espera, domina-te, tranquilliza teus nervos.

— Seja. Aspiro o martyrologio da attenção.

— Nego-me a festejar teus chistes.

— Mas não pódes negar-te a continuar tua historia.

— Si me interrompes...

— Arrependo-me e te ouço.

— A condessa tornou-se generosa: trazia o coração na mão — um coração de ouro, do qual todos se aproveitavam: uns, por amor, outros, por simples cubiça.

— Assim?...

— O duce de Veneza rejuvenesceu miraculosamente. O palafreneiro tornou-se corado, e o mordomo augmentou de peso a olhos vistos.

— Que effeitos mais raros!

— Parece-te?

— Quero crer que não te atreverás a negal-o.

— E si te dissesse que me parecem muito naturaes?

— Reservar-me-ia minha opinião pessoal.

— Emfim...

— Não te aborreças. Continúa.

— A virtuosa condessa tinha todos os dias novos amigos e, por causa disso, Gaetano só podia vel-a no 35.° dia de cada mez. Voltou a ser desgraçado; mais desgraçado do que antes, porque já havia perdido o costume de sel-o. Isso prova que ha uma justiça e que se devem deixar as coisas como são, porque muitas vezes, renovadas ou concertadas, ficam peor...

Jorge e Ernesto continuavam fumando. A lampada escassa continuava esforçando-se por romper as trevas formadas pela fumaça. Silencio. Ernesto perguntou:

— Qual é tua opinião sobre o infeliz Gaetano de meu conto?

Jorge, porém, não respondeu. Continuava fumando em silencio.

Fóra, na rua, o tympano dos bondes e as buzinas dos automoveis proseguiam seu terrivel concerto de ruidos.

Na pequena sala de fumar, dois homens olhavam o tecto do compartimento onde se fundiam as volutas de fumaças...

O RETRATO

COM que gosto, com que cuidado e com que alegria, Eduardo e Gizela haviam transformado suas installações particulares naquelle ninho de amor... O ninho em que se abrigavam!

Bem arranjados em materia de dinheiro, um e outro, só mesmo um sincero sentimento amoroso explicaria a sua ligação.

Elle julgava-se inteiramente votado ao celibato. Ella havia tomado a resolução de se dar por satisfeita com a sua primeira experiencia conjugal. A situação de viuva agradava-lhe inteiramente e, apesar de não procurar esquecer as bôas qualidades do defunto Maxencio, não deixava de apreciar, egoisticamente, o prazer de poder viver sem o controle de quem quer que fosse, á sua vontade.

Eduardo bradava:

— Nunca, em tempo algum, me casarei! O Estado que dobre e redobre o meu imposto, se isto lhe apraz. De qualquer modo, sempre acharei que não pago muito caro a minha liberdade de agir.

Por sua vez, Gizela dizia:

— Maxencio era uma perfeição como marido, razão bastante para que eu me consagre sempre á sua memoria.

Emquanto assim pensavam, Gizela e Eduardo nunca se tinham encontrado. No dia, porém, em que se encontraram, suas opiniões privadas, aliás bem semelhantes, "degringolaram", desfazendo-se como um castello de cartas. Eduardo não sonhou mais senão em se apossar de Gizela e esta não teve mais outra preoccupação senão retirar Eduardo da circulação.

Para uma paixão de tamanho ardor não havia outro recurso, legal e logico, a não ser o da benção matrimonial.

E eis porque os moveis leves e finos de uma "garçonnière" de Passy e o pesado mobiliario burguez de um apartamento dos Invalidos mudaram de destino, transportados para uma rica residencia de Monceau.

Emquanto elles dirigiam os trabalhos de tapeçaria e trocavam idéas sobre a disposição dos varios objectos, Gizela disse para Eduardo, indicando-lhe um quadro que aguardava collocação:

— E' o retrato do pobre Maxencio, onde o collocaremos?

Notando a physionomia fechada de seu novo marido, ella apressou-se em justificar o seu modo de pensar a respeito:

— Querido, queridinho, comprehende: pelo facto de te haver concedido meu coração, não devo, não posso privar o pobre Maxencio do respeito a que o habituei... A memoria é uma religião que se deve praticar... Que juizo farias de mim se uma pythoniza te predissesse que eu, depois da dôr de te perder, mettera o teu retrato no deposito de coisas sem prestimo? Medita o proverbio: "Não faças aos outros o que não queres que façam a ti". Além do mais, este retrato tem valor artistico: é assignado por Van Bouffan... E' Maxencio, é exacto, mas é uma obra...

Com uma voz tremulada, mas persuasiva, Eduardo replicou:

— Tuas intenções, minha querida, reflectem bem tua natureza terna e generosa. Comtudo, permitte-me que te faça um pedido: por emquanto ponhamos de parte esse retrato. Concede-me isso, para que eu não tenha pretextos para maldizer o destino por me não haver collocado, em primeiro logar, no teu caminho... Evitemos as reminiscencias de um passado que fez mal em não nos ter unido logo.

Como deixar de acquiescer a esta supplica? Como resistir a um desejo formulado, de modo tão carinhoso, pelo ente que no momento, personificava toda a sua felicidade.

— O pobre Maxencio esperará o dia de ser apposto na nossa sala, e prompto, murmurou ella nos labios de Eduardo.

Um mez mais tarde, e sem que a sua lua de mel se tivesse ensombrado uma só vez, por qualquer nuvem, ella lembrou a Eduardo que o retrato de Maxencio continuava no armario.

— Que elle fique ahi por mais um pouquinho de tempo, sim? — supplicou Eduardo.

Ella concordou. Quando o "pouquinho de tempo" lhe pareceu estar durando muito, Gizela voltou ao que ella considerava um dever de piedade:

— Dize-me, meu thesouro... Prega-se ou não

De Jeanne Landre

agora, Maxencio? No quarto dos amigos, por exemplo, elle ficaria tranquillo, já que não te agrada vê-lo ficar na sala... Assim, tu nunca o verás...

— Está bem. Mas, não já, já... Logo mais, sim. Prometto-te, affirmou Eduardo.

— Não te falarei mais sobre isso, disse Gizela. Tu, meu querido amor, é que o farás quando bem o entenderes, pondo o caso no "tapete" — como se diz.

— E Maxencio na parede — accrescentou elle, pilheriando.

— Oh! Não sejas máu. Isso é abominavel! — disse Gizela, num impulso que não poude conter, ferida na sua sensibilidade.

E, para provar a Eduardo que era mulher de palavra e que nunca mais lhe falaria a respeito do infeliz retrato do pobre Maxencio, evitou, de toda maneira, esse funebre assumpto, mostrando-se, mais do que nunca, feliz por amal-o e entregar-se todo ao seu amor, e procurando sempre demonstrar-lhe a sua extrema e carinhosa dedicação.

O modelo das esposas, a nossa Gizela! Bella nas feições e no caracter, Eduardo a considerava o "anjo" do seu lar.

Desventurado Maxencio, tão cedo esquecido, no meio de tanta felicidade! E feliz, felicissimo Eduardo — que teria, para suavizar e encher de encanto a sua madureza e a sua velhice, o perfume de primavera daquelle ser privilegiado! Porque jamais Gizela seria attingida pelos estragos do tempo. Admittindo que fanassem as rosas da sua face; que se desenhasse, no canto de seus lindos olhos de andorinha, o sacrilegio das rugas, ainda assim ella possuia, em alta dose, os soberanos palliativos da doçura, do espirito e da alegria, que constituiam a belleza maior de sua alma.

— Só ha uma Gizela no mundo — pensava Eduardo. Só uma, e o céo, cobrindo-me de graças, deu-m'a como mulher... E eu me julgo, realmente, e com razão, o unico homem verdadeiramente feliz deste mundo...

Encantado, como estava, pela seducção e pelas virtudes de Gizela, Eduardo seria um monstro de ingratidão se não se esforçasse por adivinhar os seus desejos e attender os seus caprichos.

Assim pensando, num dia em que elle se submetteu a um profundo exame de consciencia, confrontando os seus proprios meritos com os de sua adorada mulherzinha, veiu-lhe á mente a idéa de que estaria magoando Gizela com a sua feia obstinação de não querer appôr o retrato de Maxencio numa das dependencias da sua casa.

Assaltou-o o remorso.

— Conduzi-me como um perfeito idiota, e idiota cruel, o que é peor! — monologava Eduardo. — Não é, realmente, tocante e nobre esse culto pelo marido morto? Agiria Gizela assim, se ella fosse descuidada, leviana, queimando hoje o que amou ou adorou hontem? Não. Era preciso remediar o mal feito, reparar a sua attitude incorrecta e positivamente imbecil...

E, na noite mesma desse dia, quando Gizela, carinhosa, brincava no seu collo, Eduardo disse-lhe:

— Queridinha, se quizeres, agora mesmo poderemos collocar aquelle retrato que sabes, não no "quarto dos amigos" — o que pareceria se ter tido o proposito de isolál-o — mas no teu boudoir, esse ninho onde, constantemente, andorinhasinha do meu outomno, repousas teu corpo de joven bacchante e dás largas á tua imaginação...

— E' muito amavel o que me propões, meu amor — respondeu-lhe Gizela. Apenas a tua bôa vontade chega como os carabineiros de Offenbach.

— Será possivel? Porque? — perguntou Eduardo, espantado.

— Não ignoras, certamente, os preços fantasticos que alcançam actualmente os quadros de Van Bouffon. Custam notas e notas de banco. Então, aproveitando a maré, eu, que tinha um forte desejo de adquirir um manteaux de pelle finissima e custosa, que, ha muito, vinha namorando, em vez de pedir-te isso ou mexer na minha "caixa" particular, preferi vender o retrato do meu pobre Maxencio. Cincoenta mil francos, meu caro. Comprehendes; não fiz máu negocio e não desfalcâmos, por causa de um manteaux — de preço elevado — um capricho meu — o nosso orçamento domestico... Não achas?...

O DESAPPARECIMENTO DO CAMPEÃO

(Continuação do numero anterior)

O dia de amanhã ha de, provavelmente, ser trabalhoso e fatigante. Precisamos, portanto, estar bem preparados e resistentes."

* * *

Ao levantar-me da cama, na manhã seguinte, fiquei aterrado, ao ver Holmes sentado em frente do fogão, empunhando uma seringa Pravaz.

Presumi que o tivesse tentado de subito o escommungado vicio da morphina e senti com isso um enorme desgosto.

Holmes leu-me no rosto o que pensava, e tranquillisou-me, a sorrir-se:

— Não se assuste, Watson. Não é para o fim que imagina... Esta seringa que você estava dahi a olhar, atarantadamente, não é neste momento um instrumento de desgraça, é, pelo contrario, a chave que ha de abrir o enigma.

E pousando-a sobre a mesa, accrescentou:

— Parecer-lhe-á comico, mas é certo. A seringa concentra as minhas melhores esperanças de proximo triumpho.

E' preciso comermos hoje um almoço succulento e farto. Tenciono pôr-me daqui a pouco na pista do dr. Armstrong e emquanto não souber o sitio certo para onde se dirige, não me deterei um instante, nem para comer, nem para descançar...

— Nesse caso, acho preferivel levarmos um almoço frio, porque o doutor pouco póde tardar a partir. Olhe, a carruagem já está á porta.

— Isso importa-me pouco. Deixe-o partir. Vá para onde fôr, estou intimamente convencido de que hei de ir dar com elle aonde quer que fôr parar. Daqui a pouco terei occasião de apresentar-lhe, meu caro Watson, um policia cuja especialidade é, precisamente, a que mais recommendavel se tornava para o bom exito da nossa empreza.

Ao descermos, Holmes entrou no pateo do hotel. Seguimo e vi que elle se dirigia a um pequeno cubiculo cuja porta abriu, fazendo sahir do interior um cão de pellagem amarellada e branca, com grandes orelhas pendentes e pernas atarracadas.

— Tenho a honra de lhe apresentar o policia Pompeu, disse Holmes alegremente. E' o rei dos cães de Inglaterra. Como póde avaliar pela estructura delle, não corre com grande ligeireza. Em compensação tem um faro admiravel. Apesar de não correr como um galgo, sempre caminha mais rapidamente que qualquer de nós e é por isso que, á cautella, prendi esta correia á colleira que lhe adorna o pescoço. Ora vamos lá sr. Pompeu, mostre agora as suas habilidades todas!...

Ao concluir estas palavras, levou o animal seguro pela correia até á porta da cocheira do medico.

O cão farejou durante uns instantes, latiu de satisfação e seguiu pela rua adeante, puxando fortemente a correia com que Holmes o segurava.

Meia hora passada estavamos já fóra de Cambridge, em pleno campo.

— Mas que demonio de historia é esta, perguntei ao meu companheiro?

— E' uma artimanha sabidissima, mas que por vezes dá bom resultado.

Esta manhã consegui introduzir-me na cocheira do dr. Armstrong e seringuei a parte trazeira da carruagem com essencia de aniz.

Um bom cão de caça póde seguir esse aroma durante leguas consecutivas.

O nosso amigo doutor póde afastar-se até grande distancia da cidade que o nosso bom Pompeu irá dar com elle. Hontem a noite foi Armstrong quem me levou as lampas. Hoje, porém, o vencedor hei de ser eu!

O cão tinha abandonado repentinamente o caminho e desviára-se para um estreito carreiro que mal se distinguia entre hervas altas.

A' distancia de meia milha, se tanto, achavamo-nos outra vez num caminho largo, que fazia uma curva ao sul da cidade e seguia depois, em direcção opposta áquella em que até ahi tinhamos vindo.

— Ora aqui está a causa do meu engano! exclamou Holmes. Este maldito desvio de estradas é que fez com que o meu inquerito nas outras aldeias não désse o minimo resultado. O doutor, decididamente é um grande espertalhão. Mas para que será que elle faz todas estas mudanças de caminho?!

Aquella aldeia, alli, á nossa direita, é Trumpington, me parece.

Olhe, Watson, lá vem a carruagem do medico ao fim daquella rua.

Escondamo-nos depressa, aliás seremos descobertos."

(Sherlock Holmes) — Por Conan Doyle

Saltou rapidamente uma barreira, ao lado da estrada, e atravessou para o campo, puxando o cão pela correia. Eu segui atraz delles. Occultamo-nos atraz dum comoro que se erguia a curta distancia. Emquanto, a carruagem passava em frente de nós, tivemos occasião de ver o medico, encostado á portinhola com a cabeça entre as mãos, e com ar de profundo abatimento.

Holmes, ao notar a attitude do doutor, ficou desagradavelmente impressionado.

— Palpita-me que se deu uma grande desgraça, disse-me. Dentro em pouco saberemos ao certo...

Continuou a seguir com os olhos a direcção da carruagem, e dahi a poucos instantes deu um puxão a correia.

— E' para aquella casa de campo que elle se dirige. Anda dahi Pompeu... Caminhando em linha recta pela collina acima podemos chegar lá antes ainda da carruagem.

O nosso aventuroso passeio através do campo estava concluído.

Pompeu tinha-nos conduzido com latidos ininterruptos para um terreno em que as rodas da carruagem haviam deixado sulcos leves.

Um carreirosito abria-se através duma vegetação rasteira, até um pequeno *cottage* isolado.

Holmes bateu por duas vezes á porta de entrada, mas não obteve resposta.

Apesar disso, a casa não estava deshabitada, porque aos nossos ouvidos chegou, do interior, um choro prolongado e duma infinita tristeza.

Holmes deteve-se irresoluto e deu uma vista de olhos pelo carreiro que tinhamos acabado de percorrer. A carruagem aproximava-se de nós. Holmes chamou a minha attenção para a côr ruça dos cavallos e exclamou:

— E' o doutor não ha duvida. Antes que elle chegue, precisamos tomar uma decisão energica e que me ponha o assumpto a claro.

— Venha dahi.

E ao dizer isto abriu a porta e encaminhou-se commigo para o vestibulo da casa.

O lamentoso choro que tinhamos ouvido, recrudescera. Guiados por elle, encaminhámo-nos através da casa até encontrarmos uma porta meio cerrada. Abrimol-a e deparou-se-nos um espectaculo desolador.

Sobre o leito estava estendida uma rapariga morta. Era formosissima. Opulentos cabellos loiros emmolduravam-lhe o rosto suave e pallido, onde dois grandes olhos, dum azul purissimo, se conservavam abertos, parecendo que viam ainda...

De joelhos e junto do cadaver, com a cabeça tombada na borda do leito, encontrava-se um rapaz. Sacudiam-lhe o corpo afflictivos soluços.

A dôr desse desgraçado era tamanha que para dar pela nossa presença, foi preciso que Holmes lhe tocasse com a mão num dos hombros. Esse contacto fel-o voltar-se, como se uma corrente electrica o tivesse penetrado...

— E' ao sr. Godfrey Staunton que tenho a honra de falar, não é?...

— Sim, sou eu... Mas os senhores chegaram tarde. Vejam... Está morta!!...

O pobre moço estava tão desvairado pela dôr que nos tomou por dois medicos...

Holmes depois de lhe dirigir as consolações que em circumstancias parecidas é d'uso fazerem-se, começou a tentar explicar-lhe o sobresalto que havia causado aos amigos com a subita desapparição de Londres, exactamente na vespera do desafio.

Nisto, porém, sentiram-se passos e o rosto sereno do dr. Armstrong avistou-se no limiar da porta.

— E' um bello procedimento o dos senhores! disse, dirigindo-se ao meu companheiro e a mim. Conseguiram finalmente encontrar quem procuravam e escolheram um optimo momento para se apresentarem aqui!... Sou incapaz de insultar ninguem em frente dum cadaver. Asseguro-lhes, porém, que se não fosse um velho, como sou, havia de fazer pagar-lhes cara a ousadia que tiveram.

— Desculpe-nos, doutor, e creia que está redondamente enganado no juizo que faz a nosso respeito, respondeu Holmes. Se quizer dar-se ao incommodo de nos acompanhar por uns instantes, pôl-o-emos lealmente ao facto deste desgraçado acontecimento.

D'ahi a pouco entramos todos tres, o doutor, Sherlock, e eu, para uma pequena saleta.

— Estou ás suas ordens, senhor, disse Armstrong para o meu companheiro.

— Antes de mais nada, entendo do meu dever avisal-o de que não estou aqui por mandado de Lord

(Continúa na pag. seguinte)

Mount-James, e que nenhuma sympathia tenho por esse sordido velho.

— Quando um homem desapparece, e alguem me incumbe de o procurar... procuro-o. Foi o que eu fiz. Nada mais. Agora que sei onde o sr. Godfrey Staunton se encontra, o meu serviço findou. A não ser quando depare com um crime, as minhas investigações são sempre meticulosamente discretas. Não ha nada que mais me repugne do que ver assoalhar inutilmente a vida intima de quem quer que seja. Estou convencido de que, no caso de que se trata, nada ha que vá de encontro á lei. Póde por isso, contar com o nosso mais absoluto segredo, doutor.

Armstrong deu um passo para o meu amigo e estendeu-lhe lealmente a mão.

— Vejo que é um homem honesto, sr. Holmes e creia que estimo devéras ter-me proporcionado ensejo de travar conhecimento comsigo.

A situação destas infelizes creaturas é facil de explicar e eu quero que o senhor a saiba e a lamente.

Haverá um anno Godfrey alugou em Londres parte de uma casa mobiliada. Apaixonou-se perdidamente pela filha do senhorio e casou com ella.

Os senhores viram-na? perguntou-nos.

Holmes respondeu affirmativamente.

— Pois mesmo assim, definhada pela doença e inteiriçada pela morte, facil é avaliar como teria sido linda em vida. Era maravilhosa de belleza, de uma bondade e de uma intelligencia equiparaveis á sua extraordinaria formosura.

Não admira portanto, que Godfrey se deixasse enfeitiçar por ella. Estava na edade das paixões ardentes e sinceras.

Ainda assim o grande amor que a pobre menina despertou nelle, não o fez esquecer de que era o herdeiro presumptivo de lord Mount-James.

Conhecia os preconceitos nobiliarchicos desse velho avaro e caturra. Receiou, por isso, fundamente, que o tio viésse a saber do casamento e o desherdasse.

Eu sou intimo amigo de Godfrey e tenho pelas suas bellas qualidades moraes o maximo apreço.

Fiz pois, tudo quanto me foi possivel para manter numa atmosphera de segredo o casamento que elle effectuára e, graças a esta casa isolada e á minha reserva sobre o assumpto, nada se sabia até agora.

Eu e um fiel criado que ha pouco partiu para Trumpington, a aviar uns medicamentos que infelizmente já não são precisos, eramos as unicas pessôas que conheciamos esta união um tanto romantica.

Não conheci nunca mais feliz casal. Amavam-se com um enthusiasmo inalteravel. A desgraça, porém, não quiz poupal-os.

A infeliz senhora foi de repente assaltada por uma tisica galopante.

Godfrey viveu estes ultimos dias numa ansiedade que é facil de imaginar.

O grupo de "foot-ball" a que pertencia tinha um desafio marcado para Londres. Como não era possivel explicar plausivelmente, aos companheiros de "sport", o seu não comparecimento, a menos que fosse rompendo o sigillo mantido até ahi, o que me pareceu inconveniente, aconselhei-o a que partisse. Para o animar, mandei-lhe um telegramma. Respondeu-me a supplicar-lhe que fizesse um milagre. Foi desta resposta que o senhor teve conhecimento, não sei como.

Achei que era inutil prevenil-o do perigo de morte imminente, em que a mulher se achava. A sua presença nada remediaria. Não obstante, entendi que devia avisar o pae da doente daquillo que se passava. Este foi procurar Godfrey no hotel e pôl-o ao corrente dos acontecimentos. Passadas horas, chegou aqui num estado de consternação indescriptivel. E desde que veiu, ainda não consegui arrancal-o do pé do leito. Alli se tem conservado, de joelhos, num choro despedaçador...

Esta manhã a morte poz um tragico remate neste idyllio de namorados...

Aqui tem, sr. Holmes, o que se passou. Appello para o seu cavalheirismo e para o do seu amigo, rogando-lhes que continuem a guardar, sobre este caso, a maxima reserva."

Holmes apertou affectuosamente a mão do medico.

— Watson, vemo-nos.

Cá fóra, pallidamente, brilhava um triste sol de inverno.

Fim do desapparecimento do Campeão

A seguir, no proximo numero do mesmo autor

Os tres estudantes